



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA



KLESSYO DO ESPIRITO SANTO FREIRE

SEMIOSE E ESPAÇO DE VIDA: uma análise da
situação de sofrimento psíquico em estudantes universitários

SALVADOR - BA
2023

KLESSYO DO ESPIRITO SANTO FREIRE

SEMIOSE E ESPAÇO DE VIDA: uma análise da
situação de sofrimento psíquico em estudantes universitários

Tese apresentada como requisito do Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal da Bahia, para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Giuseppina Marsico

Coorientadora: Maria Virginia Machado Dazzani

SALVADOR - BA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Freire, Klessyo do Espirito Santo

F866 Semiose e espaço de vida: uma análise da situação de sofrimento psíquico em estudantes universitários / Klessyo do Espirito Santo Freire, 2023.

164 f.: il.

Orientadora: Pro^a. Dr^a. Giuseppina Marsico

Coorientadora: Por^a. Dr^a. Maria Virginia Machado Dazzani

Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

1. Estudantes universitários – Aspectos psicológicos. 2. Semiótica (Psicologia). 3. Ensino Superior. 4. Psicopatologia. 5. Psicologia social. I. Marsico, Giusepina, II. Dazzani, Maria Virginia Machado, III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. VI. Título.

CDD: 155.937



Universidade Federal da Bahia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)

ATA Nº 114

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI), realizada em 06/11/2023 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM PSICOLOGIA no. 114, área de concentração Psicologia do Desenvolvimento, do(a) candidato(a) KLESSYO DO ESPIRITO SANTO FREIRE, de matrícula 2019104353, intitulada SEMIOSE E ESPAÇO DE VIDA: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO DE SOFRIMENTO PSÍQUICO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. Às 14:00 do citado dia, <https://meet.google.com/cua-rfvz-quw>, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof.ª. Dra. GIUSEPPINA MARSICO que apresentou os outros membros da banca: Prof.ª. Dra. VIVIAN VOLKMER PONTES, Prof.ª. Dra. Mariana Leonesy da Silveira Barreto, Prof. Dr. RAMON CERQUEIRA GOMES e Prof.ª. Dra. VERONICA GOMES NASCIMENTO. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dra. Mariana Leonesy da Silveira Barreto, UEFS

Examinadora Externa à Instituição

Dr. RAMON CERQUEIRA GOMES, IFBA

Examinador Externo à Instituição

Dra. VERONICA GOMES NASCIMENTO, F.M.Nassau

Examinadora Externa à Instituição

Dra. VIVIAN VOLKMER PONTES, UFBA

Examinadora Externa ao Programa

Dra. GIUSEPPINA MARSICO, UFBA

Presidente



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)

KLESSYO DO ESPIRITO SANTO FREIRE

Doutorando(a)

AGRADECIMENTOS

Este doutoramento é a finalização de um período de educação formal no campo da pesquisa em Psicologia, requisito necessário para alçar vãos acadêmicos maiores. Neste sentido, muitas são as pessoas envolvidas direta ou indiretamente na escrita desta Tese. Elenco aqui pessoas, instituições e grupos significativos, que contribuíram de maneira marcante para a produção desse trabalho; em casos de nomes e grupos não citados, devem-se, exclusivamente, à falta de espaço na página.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, o qual me proporcionou condições para a realização dessa pesquisa. Desse modo, faço menção às(aos) professoras(es), por terem me ajudado nesta jornada; e à técnica e ao técnico-administrativo, Aline Santos e Ednei Bonfim. Também experienciei ser representante discente, e como tal pude vivenciar e compreender ainda mais de perto a rotina e os desafios para o funcionamento de um Programa de Pós-graduação em instituição pública, o qual nem sempre tem o reconhecimento devido da sociedade brasileira.

À CAPES por me propiciar uma bolsa de estudo e, com isso, fornecer-me condições para que eu pudesse ter uma dedicação maior à escrita da tese e à realização dessa pesquisa.

Ao grupo de pesquisa CULTS/UFBA, não somente pelas discussões realizadas ao longo do doutorado, mas também pelo afeto e respeito nos quais as relações se desenvolvem. Agradeço também ao PsiU/UFBA, especialmente ao Prof. Dr e coordenador Marcelo Veras, que contribuiu com a concepção e o *locus* dessa pesquisa, assim como no meu processo de atuação com plantão psicológico e vida universitária.

Um agradecimento especial às minhas orientadoras Profa.Dra Giuseppina Marsico e a Profa.Dr. Virgínia Dazzani, vocês me ensinaram não somente o conhecimento formal da academia, mas também a possibilidade de estar no ambiente acadêmico de forma ética, respeitosa e afetuosa, de modo que passaram a ser grandes referências para mim tanto na academia quanto na vida como um todo. Aprendi muito com vocês ao longo dessa jornada.

Às amigas e aos amigos, algumas e alguns dos quais conheço de longa data e que foram compreensivos em momentos que precisei me ausentar da vida social para dar conta desta importante tarefa. Vocês foram fundamentais nessa trajetória que me trouxe até aqui, sempre me apoiando nos momentos alegres e difíceis. Um agradecimento especial aos(às) sócios(as) e amigos(as) da Rede Existências, projeto em que constituímos não somente uma escola de formação continuada em Fenomenologia, mas também uma amizade que, sem dúvidas, foi fundamental no período de construção da tese.

Às(aos) minhas(meus) alunas e alunos, especialmente da Rede Existências, UniNassau e Universidade Federal da Bahia, com quem sempre “brinquei” ao afirmar que meu objeto de estudo era vocês, o que de certa forma é verdade: compreender a história de vida e os desafios que os(as) estudantes enfrentam na vida universitária. Vocês foram fundamentais para pensar essa pesquisa.

Às (aos) colegas professoras e professores da UniNassau, instituição na qual ministrei aula por um período no doutorado, onde a amizade e a parceria de trabalho contribuíram muito com essa tese, sem me esquecer também das(dos) supervisionandas(os), que me auxiliaram a pensar a prática em psicologia clínica.

Às (aos) plantonistas do projeto de acolhimento CULTS/UFBA, o qual tenho o imenso prazer de coordenar, e faço um agradecimento especial à Profa.Dra Virgínia Dazzani, por confiar a mim a coordenação do grupo, me permitindo atuar, também, como supervisor. O projeto de acolhimento consistiu-se no *locus* de pesquisa e como um lugar de muito aprendizado, através do qual desenvolvemos e estamos desenvolvendo muitas descobertas interessantes e inovadoras.

Às professoras e aos professores da banca Prof. Dr Ramon Gomes, Profa. Dra Mariana Barreto, Profa. Dra Verônica Nascimento, Profa.Dra Vivian Volkmer, além da Profa.Dra. Lia Lordelo como suplente. Infelizmente, não foi possível ao professor Prof.Dr Miguel Mahafould participar da banca por motivos de força maior. Porém, faço uma menção especial pela atenção dispendida e pela disponibilidade de estar presente nesse primeiro momento. Faço um adendo também à Profa. Dra Verônica Nascimento e a Profa.Dra Vivian Volkmer por terem participado da banca do exame de qualificação. É gratificante poder ter a contribuição de vocês na avaliação desse trabalho.

À minha família, por me prover condições de chegar até aqui, especialmente ao meu pai e à minha mãe. Clecio Freire e Angela Freire, pois, se eu estou aqui hoje foi por causa da criação que me deram, especialmente quanto à valorização da ética e da educação. Existe um pouco de vocês aqui na minha escrita também.

À minha esposa, amiga e companheira Bia, em conjunto com nossa família composta por nossos três gatos: Lara, Martin e Alice, que também me ajudaram demais a estar aqui, apoiando-me não somente no mundo acadêmico, mas também na vida. Sem vocês, não teria sido possível chegar até aqui.

Por fim, destaco que construir uma pesquisa de doutorado em plena pandemia de COVID- 19 não foi fácil, pois ter que lidar com o estudo do sofrimento psíquico, em meio a um contexto no qual o mundo não poderia existir, foi extremamente desafiador, e sem as pessoas e instituições citadas acima, assim como de outras que não mencionei aqui, não teria sido possível esse empreendimento.

Dedico esta pesquisa às e aos estudantes universitários em sofrimento psíquico, e anseio que esse trabalho possa contribuir para uma melhora da qualidade de vida de vocês.

RESUMO

O ensino superior é considerado um período crítico de transição desenvolvimental para a/o estudante, no qual ocorre uma redefinição de uma série de processos psicológicos que alteram a percepção sobre si e sobre o mundo ao seu redor. Levando em consideração essa questão, diversos estudos realizados ao redor do mundo têm encontrado uma prevalência alta de transtornos psicopatológicos nesse público, por vezes até maior do que a população geral. Entretanto, observou-se um padrão no perfil metodológico desses trabalhos, baseando-se em uma perspectiva quantitativa e de correlação. Além disso, adotaram um paradigma cartesiano, linear, estático e de causa e efeito na compreensão do que é o sofrimento psíquico, atribuindo aos aspectos sociais ou a problemas de ordem individual a explicação desse fenômeno. Com isso, o presente estudo adotou como referencial teórico a Psicologia Cultural Semiótica, em diálogo com a Teoria de Campo, de Kurt Lewin; e a perspectiva fenomenológica do conhecimento em primeira pessoa de Husserl, a fim de construir um modelo de compreensão do sofrimento psíquico, o qual é entendido como um tipo particular de semiose, no qual significados superordenados (conceito utilizado a partir do *Two-stage semiotic model*) favorecem a emergência de campos afetivos-semióticos hipergeneralizados que afetam a relação entre indivíduo e mundo, apontando para uma dificuldade de gerenciar fronteiras psicológicas no espaço de vida do indivíduo, objetivando compreender a semiose e o espaço de vida de estudantes universitários em situação de sofrimento psíquico, através do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico, utilizando-se de uma perspectiva idiográfica e fenomenológica. A metodologia foi inspirada nos estudos de caso, a partir da realização de três entrevistas semiestruturadas com três estudantes atendidas/os em um projeto de acolhimento psicológico, diagnosticados com sofrimento psíquico, sobretudo no que toca os campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, relacionados com a identidade das/dos participantes. Essas questões foram catalisadas a partir de aspectos significativos da universidade, que negociaram determinados significados relacionados às suas histórias de vida no processo de semiose, considerando a crescente competitividade para o ingresso na universidade nos últimos 20 anos; as dificuldades inerentes às relações humanas no contexto universitário; e os diversos preconceitos presentes na sociedade como gatilhos, no processo de construção de significação, relacionado ao sofrimento psíquico. Outro ponto destacado foi a possibilidade do paradigma biomédico, popularizado na sociedade, além do discurso de que a universidade produz adoecimento, podem favorecer interpretações nas quais o mal-estar associa-se a psicopatologias, cristalizando determinados significados sobre si e sobre o mundo. Por fim, o estudo conclui com as aplicações da Psicologia Cultural Semiótica através do modelo aqui proposto na Psicologia Clínica e na Psicopatologia. Além disso, foi discutida a importância de ampliação do atendimento psicológico para estudantes universitários no Brasil, especialmente nas universidades públicas, bem como foi salientada a necessidade de repensar o produtivismo e a gestão, através de modelos empresariais nas instituições de ensino superior.

Palavras- chave: Ensino Superior; Estudante Universitário; Psicologia Cultural Semiótica; Psicologia Clínica; Psicopatologia.

ABSTRACT

The literature considers higher education a critical period of developmental transition for students, in which a series of psychological processes are redefined, altering their perception of themselves and the world around them. Taking this into account, various studies carried out around the world have found a high prevalence of psychopathological disorders in this group, sometimes even higher than in the general population. However, a pattern has been observed in the methodological profile of these studies based on a quantitative and correlation perspective. In addition, they adopted a Cartesian, linear, static paradigm of cause and effect in understanding psychological suffering, attributing either social aspects or individual problems to explain this phenomenon. With this in mind, this study adopted Semiotic Cultural Psychology as its theoretical framework, in dialogue with the Kurt Lewin's Field Theory, and Husserl's phenomenological perspective of first-person knowledge, in order to build a model for understanding psychological suffering. In this model, psychological suffering is a particular type of semiosis in which superordinate meanings (a concept used from the Two-stage semiotic model) favor the emergence of hyper-generalized affective-semiotic fields that affect the relationship between the individual and the world, pointing to difficulty in managing psychological boundaries in the individual's living space. This study aimed to understand semiosis and living space in university students experiencing psychological distress, using the cultural semiotic model for understanding psychological distress. The research design used an idiographic and phenomenological perspective. The methodology was inspired by case studies, in which three semi-structured interviews were carried out with three students who had been assisted in a psychological foster care project. The results showed that the psychological suffering was mainly related to hypergeneralized affective-semiotic fields related to the identity of the participants. These issues were catalyzed by significant aspects of the university, which negotiated specific meanings related to their life stories in the process of semiosis. In this sense, it was considered that the growing competition to enter university in the last 20 years, the difficulties inherent in human relationships in the university context, and the various prejudices present in society play an active role in the process of constructing meaning-related to psychological distress. Another point highlighted was the possibility that the biomedical paradigm, popularized in society and the discourse that the university produces illness can favor interpretations in which malaise is associated with psychopathologies, crystallizing specific meanings about oneself and the world. Finally, the study concludes with the applications of Semiotic Cultural Psychology through the model proposed herein, Clinical Psychology and Psychopathology. It also discusses the importance of expanding psychological care for university students in Brazil, especially in public universities. The need to rethink productivism and management through business models in higher education institutions was also highlighted.

Keywords: Higher Education; University Students; Cultural Semiotic Psychology; Clinical Psychology; Psychopathology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico.....	52
Figura 2 Sofrimento psíquico de Júlia a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico	76
Figura 3 Representação Topológica de Como se Configurava o Espaço de Vida de Júlia no Sofrimento Psíquico	77
Figura 4 Sofrimento psíquico de Pantera Negra a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico	99
Figura 5 Representação Topológica de Como se Configurava o Espaço de Vida de Júlia no Sofrimento Psíquico	100
Figura 6 Sofrimento psíquico de Carla a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico	112
Figura 7 Representação Topológica de Como se Configurava o Espaço de Vida de Júlia no Sofrimento Psíquico	113
Figura 8 Representação Gráfica do Processo de Semiose.....	120
Figura 9 Representação de um Modo de Semiose Relacionada ao Sofrimento Psíquico	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Conselho Federal de Psicologia
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
CULTS	Investigações em Psicologia Cultural
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
ERIC	Educations Resources Information Center
FONAPRACE	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
HIV	Human Immunodeficiency Virus
PsiU/UFBA	Universidade, Saúde-Mental e Bem-Estar na UFBA
PROAE	Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil
PH-Q9	Patient health questionnaire-9
OMS	Organização Mundial de Saúde
RU	Restaurante Universitário
SIATEX/ UFBA	Sistema de Registro e Acompanhamento de Atividades de Extensão da Universidade Federal da Bahia
IES	Instituições de ensino superior

IFBA	Instituto Federal da Bahia
TCLE	Termo de compromisso livre e esclarecido
TOC	Transtorno Obsessivo- Compulsivo
TSSM	Two-stage semiotic model
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 – SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA QUESTÃO MUNDIAL E CONTEMPORÂNEA	10
CAPÍTULO 2: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS	21
Psicologia Cultural Semiótica	21
Fenomenologia de Husserl e o conceito de espaço de vida na Teoria de campo de força, de Kurt Lewin.....	40
Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico	43
CAPÍTULO 3 - MÉTODO	54
Abordagem teórico-metodológica.....	54
Participantes	55
Instrumentos e Procedimentos para Produção dos Dados	56
Trabalho analítico.....	58
Aspectos éticos	59
CAPÍTULO 4 – Caso Júlia	60
Campos afetivos – semióticos hipergeneralizados relacionados ao sofrimento psíquico	62
Signos que participaram das significações sobre sofrimento psíquico	66
Construção de significados associados ao sofrimento psíquico de Júlia.....	68
Semiose e espaço de vida em Júlia a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico	75
CAPÍTULO 5 – Caso Pantera Negra	81
Campos afetivo-semióticos hipergeneralizados relacionados ao sofrimento psíquico	82
Signos que participaram das significações sobre sofrimento psíquico	89
Construção de significados associados ao sofrimento psíquico	92
Semiose e espaço de vida em Pantera Negra a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico	97
CAPÍTULO 6 – Caso Carla	102
Campos afetivo-semióticos hipergeneralizados relacionados ao sofrimento psíquico	103
Signos que participaram das significações sobre sofrimento psíquico	106
Construção de significados associados a esse sofrimento psíquico	108
Semiose e espaço de vida em Carla a partir do Modelo Cultural Semiótico do sofrimento psíquico	111

CAPÍTULO 7 – Considerações sobre a semiose e o espaço de vida de estudantes em situação de sofrimento psíquico a partir do Modelo Cultural Semiótico de compreensão do sofrimento psíquico.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICE.....	1

INTRODUÇÃO

Este estudo foi elaborado a partir da minha atuação como psicólogo plantonista no projeto intitulado “Práticas de acolhimento e produção de cuidados dos alunos, professores e servidores da Universidade Federal da Bahia”, mais conhecido como “Programa de Saúde-Mental e Bem-Estar na Universidade Federal da Bahia” (PsiU/UFBA). O referido programa surgiu em 2017 com o intuito de fazer frente às experiências recorrentes, por vezes acentuadas, de sofrimento entre as/os discentes, docentes e servidoras/es da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esta tese também foi inspirada na minha atuação como coordenador e supervisor de um projeto de acolhimento do Grupo de Pesquisa CULTS (Investigação em Psicologia Cultural), na mesma universidade, voltado para um atendimento psicológico breve (máximo de dez encontros) de estudantes da UFBA e da comunidade externa, como estudante de doutorado a partir do ano de 2020. Ambas as experiências, no suporte psicológico de estudantes universitários, me fizeram perceber um fenômeno extremamente relevante no mundo contemporâneo: o sofrimento psíquico nessa população, envolvendo não somente a saúde mental do(a) estudante, mas também as condições de permanência oferecidas pelas instituições de ensino superior (IES) e as políticas educacionais para esse setor.

A saúde mental de estudantes, professores e técnicos afetam as relações na universidade, a permanência estudantil e os diversos aspectos no cotidiano das IES. Importante considerar também a implicação das IES nesse fenômeno, apontado por diversas pesquisas realizadas sobre a temática e pelos relatos de estudantes universitários que relacionam situações de sofrimento psíquico à vida universitária.

Estudos realizados em diversos países e em universidades ao redor do mundo têm encontrado uma alta prevalência de problemas de saúde mental entre estudantes universitários, apontando que o sofrimento psíquico é uma problemática relevante nessa população, entendido como uma série de fenômenos psicológicos (como pensamentos e sentimentos) de origem interna ou relacional (as relações sociais da pessoa) que repercutem na vida do indivíduo e trazem um prejuízo do ponto de vista qualitativo em sua existência afetando a sua relação com o mundo, podendo ou não ser expresso através de psicopatologias (Costa & Ramos, 2018). Seguindo a perspectiva trazida por Canguilhem (2009) sobre normal e patológico, o sofrimento psíquico aponta para questões psicológicas que obstruem a capacidade da pessoa se movimentar na vida e fecham ou dificultam de modificação de aspectos da existência.

Neves e Dalgalarrodo (2007) assinalaram que a taxa de sofrimento psíquico encontrada em jovens estudantes universitários é maior se comparada com jovens da mesma idade que não estão na universidade. Dessa maneira, pesquisadores (Bezerra et.al, 2018; Storrie et al., 2010; et.al., 2013) de diferentes nacionalidades e instituições têm recomendado pesquisas com esse público para elucidar melhor quais os fatores estão subjacentes à ocorrência desse fenômeno. Estudos têm apontado que a experiência de sofrimento psíquico de estudantes no contexto universitário é um fenômeno global e traz inúmeros desafios para as instituições de ensino superior (Bezerra et.al, 2018; Storrie et al., 2010; et.al., 2013).

Entretanto, a maior parte das pesquisas sobre a temática se fundamenta em transtornos psiquiátricos e psicológicos para compreender o sofrimento psíquico, apontando para um viés reducionista em relação à investigação do referido fenômeno (Leão et al., 2019). Desse modo, o sofrimento psíquico é visto majoritariamente sob uma ótica individual, no conjunto de sintomas que o indivíduo expressa para indicar determinada patologia. A maioria dos estudos realizados sobre o assunto apresenta uma abordagem quantitativa, tentando relacionar o sofrimento psíquico com variáveis relacionadas à vida acadêmica ou às características e condições individuais dos estudantes (Storrie et al., 2010; Ibrahim et al., 2013). Assim, existe uma evidente lacuna no que diz respeito às explicações para o sofrimento psíquico nesse contexto de educação, tendo em vista não somente as limitações epistemológicas dos estudos quantitativos, que têm dificuldades em capturar aspectos microgenéticos dos fenômenos psicológicos (Creswel, 2010), como também a própria complexidade e multifatorialidade do fenômeno.

Outro ponto importante é como as pesquisas concentram-se em sintomas e transtornos psicopatológicos, baseados principalmente na noção de fatores de risco advindos de uma perspectiva epidemiológica em saúde. Tais pesquisas utilizam a casuística para relacionar fenômenos psicopatológicos da população universitária com a vida acadêmica ou com características e questões pessoais, acabando por estabelecer relações lineares que desconsideram o caráter sistêmico e global do fenômeno.

A compreensão majoritária atual sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários se baseia em uma concepção de causa e efeito, cartesiana em relação ao que é considerado um fenômeno psicopatológico. Nessa vertente, o sofrimento seria causado pelo ambiente ou por um problema estritamente individual, desconsiderando ou colocando em segundo plano a relação bidirecional entre a pessoa e os contextos culturais. Esse é um problema epistemológico que acompanha diversas concepções na psicologia clínica e na psicopatologia aconcoradas em um viés cartesiano e positivista, apontando dificuldades em superar a separação

entre mente e corpo colocando fenômenos psicológicos como resultados de uma “substância interna” e que medeia a relação da pessoa com o ambiente. Essa perspectiva tem como consequência a colocação em segundo plano ou a não-consideração do caráter fenomênico e relacional dos fenômenos psicológicos na existência humana, ao não privilegiar ou levar em conta a experiência imediata das pessoas nos ambientes (Abramov & Junior, 2016; Neto & Messas, 2016; Ionescu, 1997).

Com isso, a presente pesquisa intencionou apresentar uma dimensão qualitativa para compreender o fenômeno, cujo enfoque será dado nos signos e significações subjacentes à experiência de sofrimento psíquico entre estudantes na vivência do contexto universitário, considerando fatores ambientais, como relacionamentos interpessoais, normas culturais e experiências sociais que estão imbricadas nos processos psicológicos superiores do ser humano, sendo o sofrimento psíquico uma das possibilidades de existência dos indivíduos. Defende-se, assim, que todo fenômeno psicopatológico deve ser reconhecido dentro de um contexto cultural, dinâmico e interrelacional.

Convergente com essa concepção, a investigação aqui realizada se baseou na compreensão qualitativa dos fenômenos psicológicos, fundamentada na Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2012; 2014a; 2021); na Teoria de Campo de força de Kurt Lewin (1939;1951); e na Fenomenologia de Husserl (2006). Portanto, esses foram aportes teóricos para a construção de um modelo de compreensão do sofrimento psíquico. Ademais, adotou-se uma perspectiva idiográfica na medida em que foram destacadas e analisadas as significações e os estados afetivos presentes nos fenômenos, considerados sintomatologias de transtornos psicopatológicos ou não, relacionados ao sofrimento psíquico de estudantes universitários, sempre privilegiando os conceitos de semiose e espaço de vida, por estes trazerem uma perspectiva de que os fenômenos psicológicos emergem da relação entre indivíduo e ambiente, ao respeitar a história de vida pessoal e o contexto de significação nos diversos espaços culturais do indivíduo, uma vez que a semiose dialoga com essas duas frentes: ser e ambiente (Hoffemeyer, 2008), já o espaço de vida traz a representação topológica e a interrelação entre pessoa e mundo (1939), ao oferecer uma visão contextual e dinâmica do sofrimento psíquico, aprofundando o caráter bidirecional do ser humano com os diversos contextos culturais nos quais emergem todos os processos psicológicos (Valsiner, 2021).

Desse modo, buscou-se criar um modelo de compreensão do sofrimento psíquico a partir da Psicologia Cultural Semiótica, com vistas a delimitar uma compreensão qualitativa e microgenética do fenômeno. Tal modelo traz implicações para a psicologia clínica e psicopatologia, apontando para uma compreensão contextualmente localizada sobre o que

constitui um “transtorno mental”. Essa proposta pretendeu contribuir para o desenvolvimento de uma fundamentação teórico-metodológica para o sofrimento psíquico que leva em conta as significações produzidas pelo indivíduo a partir de sua vivência em diferentes contextos.

Portanto, diante do que foi exposto, delineou-se o seguinte problema de pesquisa: Como são construídas as significações relacionadas ao sofrimento psíquico em estudantes universitários que estejam nessa situação? As questões de pesquisa que se desdobraram e orientaram a investigação foram: como os(as) estudantes em situação de sofrimento psíquico se relacionam com a vida universitária e com os diversos contextos de sua vida? Como a emergência de determinados processos de significações podem ser vivenciadas como sofrimento psíquico? Como significados relacionados ao sofrimento psíquico emergem para o estudante universitário?

Visando responder ao problema e às questões de pesquisa, o objetivo geral do presente estudo foi compreender a produção de significações na semiose e no espaço em estudantes universitários em situação de sofrimento psíquico através do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico. Os objetivos específicos foram: (1) Entender como ocorre a emergência de significados sobre o sofrimento psíquico em estudantes universitários a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico.; (2) Analisar os campos afetivos- semióticos estabelecidos entre o(a) estudante em sofrimento psíquico e o contexto universitário e outros possíveis ambientes.; (3) Identificar os signos relacionados a construção de significados sobre o sofrimento psíquico em estudantes universitários; (4) Identificar no contexto cultural universitário o que pode contribuir para emergência ou inibição do sofrimento psíquico nos estudantes.

Assim, este estudo pretendeu contribuir para uma nova concepção sobre a temática do sofrimento psíquico, considerando que a partir do referencial teórico que foi adotado nessa pesquisa foi criado um novo modelo para a compreensão desse fenômeno a partir da Psicologia Cultural Semiótica. Desse modo, intencionou-se criar uma alternativa para o paradigma cartesiano que marca historicamente a psicopatologia e o entendimento do sofrimento psíquico, baseado numa visão dualista, estático, de causa e efeito no que diz respeito à relação entre indivíduo e sociedade.

Destarte, ao conceber que todo processo psicológico emerge na experiência imediata e nessa interrelação entre ser humano e ambiente, foi empreendido um esforço para iniciar um novo campo de possibilidades de atuação e entendimento sobre o sofrimento psíquico na psicologia clínica e psicopatologia a partir da Psicologia Cultural Semiótica. Neste sentido, pretendeu-se ir além da prevalência e da correlação das variáveis relacionadas ao fenômeno,

investigando as significações e os estados afetivos subjacentes a essa experiência na relação entre indivíduo e ambiente. Espera-se, com isso, não apenas contribuir com uma nova visão sobre o fenômeno, mas também, oferecer subsídios para políticas de saúde mental, assistência ao(à) estudante universitário(a), à psicologia clínica e do desenvolvimento e à psicopatologia.

CAPÍTULO 1 – SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA QUESTÃO MUNDIAL E CONTEMPORÂNEA

Na cultura contemporânea, o ensino superior pode ser caracterizado como um contexto de transição desenvolvimental para os estudantes (Ressurreição & Sampaio, 2018). Ao ingressar nele, o estudante passa por transformações cognitivas, afetivas e sociais que irão constituir a sua trajetória acadêmica, permeadas por transições, as quais são compreendidas como um momento de surgimento de novas oportunidades desenvolvimentais, nas quais ocorrem a reconfiguração de processos psicológicos para o indivíduo poder se adaptar às demandas da vida universitária. Acontece a passagem de um estado para o outro, oportunizando o surgimento de novas perspectivas nas dimensões simbólica, afetiva e cognitiva. As transições envolvem três processos psicológicos interdependentes: de aprendizagem; de reposicionamento de identidade; e de construção de significados (Ressurreição & Sampaio, 2018).

Zittoun (2012) aponta que as mudanças ocorridas nas transições reconfiguram as relações das pessoas com o mundo através de momentos ou situações que acarretam em descontinuidades nessa relação. Essas modificações, quando são vivenciadas de modo significativo, expressam-se através de rupturas que constituem novas possibilidades na trajetória de uma pessoa. Elas demandam processos substanciais para o indivíduo, fazendo emergir a necessidade de reconfigurar a maneira com a qual se relaciona com os diversos contextos e espaços de sua vida.

Nesse sentido, Fisher e Hood (1987) assinalaram que o período de transição para a vida universitária envolve novas oportunidades e geram grandes mudanças na vida do estudante. Eles necessitam se adaptar a uma nova rotina para se ajustar às demandas da vida universitária e aos novos desafios intelectuais e sociais que lhes são apresentados.

Dyson e Renk (2006) afirmaram que a transição para a universidade está imersa em um contexto de adaptação à vida acadêmica. Os estudantes passam por experiências de estresse durante um período considerável para gerenciar as novas demandas e desafios os quais são expostos em sua rotina diária. Outra problemática é que, além de lidar com as expectativas de amigos/as e familiares, as percepções que têm sobre si são constantemente colocadas à prova com o ambiente competitivo e as diversas exigências da vida universitária.

Savarese et al. (2019) apontaram que nessa transição ocorre uma redefinição identitária, principalmente a partir de processos de micro-transições (mudanças de regras, de

posições e de situações ambientais) que resultam em mudanças psicológicas significativas que alteram a percepção de si e do mundo. O encontro com o ciclo de vida universitária redefine a relação com o mundo, reelaborando suas ideias sobre o passado, o presente e os planos futuros. Esse processo tem um caráter psicossocial e, frequentemente, as pesquisas têm apontado que os estudantes que passam por ele podem apresentar altos níveis de estresse, baixa autoestima e ansiedade social, apontando que o sofrimento psíquico tem estado presente de maneira acentuada nesse público.

O ciclo de vida universitário é um período de transição psicossocial e desenvolvimental, com diversas rupturas que podem ser uma oportunidade para desenvolver novos sistemas simbólicos e de criação de novos significados. Porém, por outro lado, alguns trabalhos apontam que esse período também pode ser vivenciado de forma dolorosa e sofrida, durante o qual o estudante tem a sua saúde física e mental afetada de forma significativa (Ressurreição & Sampaio, 2018; Savarese et al., 2019;).

Ressalta-se que se considera estudantes universitários em todas as etapas da educação formal no ensino superior, inclusive na pós-graduação. Guardada as devidas proporções e diferenciações entre as etapas na educação superior, elas constituem um contexto desenvolvimental de transição, em que ocorrem uma série de processos psicológicos semelhantes; logo, nesse estudo considera-se também estudantes de pós-graduação como parte da população discente na universidade (Cabus & Matos, 2020; Rego et al., 2005).

Bezerra et al. (2018) e Coulon (2017) destacaram que o período de transição entre o ensino médio e a graduação é crítico, visto que o estudante precisa se responsabilizar pelas suas escolhas e se tornar mais autônomo no seu processo formativo, com um alto grau de exigências do ambiente universitário, podendo gerar inseguranças e dúvidas que afetarão negativamente suas trajetórias.

Assim, como aponta Coulon (2017; 2008), a entrada na universidade não é um processo simples. Ele assinalou que a/o ingressante precisa se afiliar à vida universitária, adquirindo um novo *status* social, o *habitus* de estudante. Para se afiliar, o estudante necessita não apenas dominar a linguagem e as regras da instituição e da vida universitária, mas ser reconhecida/o como membro por outras pessoas de sua comunidade acadêmica; ou seja, ser estudante universitário é um ofício que deve ser aprendido pelo ingressante. Esse mesmo processo também ocorre na pós-graduação, em que o estudante precisa se afiliar a diversos aspectos dessa etapa da educação formal, como ter reuniões de orientação, participar de grupos de pesquisa, submeter seu projeto para avaliação, desenvolver a escrita e participar de eventos acadêmicos científicos, dentre outros (Cabus & Matos, 2020).

O ingresso na universidade, portanto, é um momento de transição na vida do estudante, permeado por situações emocionalmente significativas, no qual são afetadas as suas relações sociais, crenças, papéis e/ou rotinas. Essa transição traz diversas exigências, como a necessidade de estabelecer maior autonomia, realizar a gestão do seu tempo, atender ao alto nível de exigência de trabalhos acadêmicos, interpretar e situar o seu saber técnico e científico etc. Nesse processo, têm sido encontrados conflitos de ordem intrapsíquica e interpessoal que podem resultar em uma experiência de sofrimento psíquico (Pereira, 2015).

Diante do que foi exposto, é possível inferir que o ensino superior é um período crítico na vida dos estudantes, em que ocorrem diversas mudanças em nível psicológico. Nesse contexto, um dado preocupante é que diversas pesquisas realizadas em vários países têm identificado um alto índice de sofrimento psíquico em estudantes universitários (Bezera et al., 2018; Savarese et al., 2019). No Brasil, por exemplo, fatores sociais e as políticas educacionais relacionadas ao ensino superior têm sido considerados como importantes fatores para a compreensão do sofrimento psíquico em universitários, apontando para o caráter multifatorial dessa questão (Leão et al, 2019; Osse & Costa, 2010;). Tais estudos têm identificado que problemas de saúde mental, tais como depressão, ansiedade e pensamentos suicidas em estudantes universitários têm um índice de prevalência maior que na população geral (Bezerra et al., 2018). Esse sofrimento tem se manifestado na forma de diversos sintomas, e o número de diagnósticos de transtornos psicopatológicos tem crescido na população estudantil. Esses dados apontam para a necessidade de avaliar o fenômeno e indicam que o sofrimento psíquico é um problema de saúde pública, pois afeta não apenas aqueles que recebem o diagnóstico, mas as pessoas próximas, a comunidade e a própria vida universitária.

Em estudo realizado por Storie et al., (2010), que consistiu em uma revisão de pesquisa sistemática realizada nas bases de dados Medline, ERIC (Educations Resources Information Center), Psychinfo e Pubmed sobre a saúde mental de estudantes universitários, a partir de artigos publicados em periódicos científicos no período entre 2000 e 2009, encontrou-se dados que apontam que, em média, 51% dos discentes analisados nos estudos pesquisados reportaram sofrer ou terem sofrido com algum tipo de problema de saúde mental ao longo de sua trajetória na universidade. Nessa direção, Benton et al., (2003) assinalaram em uma pesquisa realizada com 13.257 estudantes que procuraram serviços de aconselhamento numa universidade do centro-oeste dos Estados Unidos que, se antes de 1994 os problemas mais comuns que chegavam aos serviços de saúde das universidades eram problemas de relacionamentos interpessoais, depois desse período houve um aumento considerável de questões mais complexas, especialmente depressão e ansiedade. A partir dos dados encontrados nos referidos

estudos, pressupõe-se que existe uma relação com a adoção de medidas educacional no ensino superior de maneira geral no começo da década de 90 concernentes ao mundo empresarial, acentuando a produtividade e a competitividade no ambiente acadêmico (Oliveira et al.2019).

Desse modo, destaca-se mais uma vez as problemáticas envolvidas da tentativa de estar estabelecer uma causalidade linear entre a vida universitária e a ocorrência de problemas psicológicos, visto que diversas transformações econômicas e sociais têm ocorrido no mundo contemporâneo, como a globalização, as exigências sociais por produtividade, mudança nas relações de trabalho, aprofundamento nos modos de produção capitalista, o crescimento do mercado financeiro etc.

Em outro estudo realizado por Ibrahim et al. (2013) de revisão sistemática sobre a prevalência da depressão entre estudantes universitários, cuja abrangência se deu no período de 1990 a 2010, nas bases de dados Pubmed, Psychinfo, BioMedCentral e Medline, identificou-se que, em média, esse transtorno está presente em 30.6% da população universitária. Os autores apontaram que esses níveis são consideravelmente altos se comparados à população geral. Destaca-se que, dos 24 artigos utilizados como fonte de dados, 21 foram realizados no período de 2000 até 2010, indicando novamente o caráter contemporâneo da alta incidência de sofrimento psíquico entre estudantes universitários. O estudo também revelou que mulheres e estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica estão num contexto de maior risco, no que concerne a esse transtorno, demonstrando mais uma vez o quanto fatores sociais estão imbricados ao mundo universitário, conferindo um aspecto sistêmico ao sofrimento psíquico na univesidade.

Esses resultados estão em consonância com uma pesquisa longitudinal conduzida por Zinvin et al. (2009) com 763 estudantes universitários do meio-oeste dos Estados Unidos, em que foi encontrado que 60% deles tiveram algum problema de saúde mental nos dois anos em que foram acompanhados. Porém, os dados apontaram também que a grande maioria desses estudantes não procurou ou não teve acesso ao tratamento. Os autores concluíram sua pesquisa questionando os fatores que inibem ou facilitam a ocorrência dos problemas relacionados à saúde mental, bem como quais seriam aqueles que propiciam ou dificultam a procura por tratamento. A partir dos resultados encontrados, eles apontaram que os principais obstáculos no acesso ao tratamento refere-se aos serviços de saúde das univesidades, que têm problemas em diagnosticar e acompanhar estudantes com transtornos mentais. Eles concluem, indicando a necessidade das/os gestores universitárias/os terem uma atenção especial para a saúde mental na assistência estudantil.

Resultados semelhantes aos estudos citados acima têm sido encontrados em diferentes países do mundo e indicam a presença significativa de estudantes universitários em situação de sofrimento psíquico, como em pesquisa realizada por Stallmann e Shochet (2009), em serviços de saúde de universidades australianas. Dos 1168 participantes da pesquisa, 45.1% apresentaram altas taxas de *distress* psicológico, caracterizado por uma desordem de humor ansioso, constituindo mais uma manifestação do sofrimento psíquico. Dados parecidos foram encontrados em outro estudo realizado por Savarese et al. (2019), com 122 estudantes que procuraram suporte no Counseling Center da Universidade de Salerno, na Itália. Foram encontrados níveis clinicamente altos de depressão (64.91%), ansiedade (63.53%), ansiedade fóbica (59.12%) e somatização (56.82%). Além dessas questões, as/os estudantes também apresentaram problemas emocionais como baixa autoestima e distração.

Um outro estudo realizado por Aurebach et al. (2016), realizado através de *surveys* epidemiológicos da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 21 países, investigou-se a prevalência de transtornos mentais entre estudantes universitários. Nele, foi identificado na amostra que 20,3% dos estudantes apresentavam algum transtorno mental, com destaque para a ansiedade (11,4- 14,7%), os transtornos de humor (6,0 – 9,9%), relacionados ao uso de substância (4,5-6,7%) e problemas de comportamento (2,8-5,3%). Outro dado relevante foi que entre estudantes que abandonaram a universidade, os transtornos mentais estiveram presentes em 25%, apontando para uma das possíveis consequências relacionadas a esse fenômeno que se refere à evasão universitária.

É importante destacar o efeito da pandemia da COVID-19 nessa temática. Destacam-se dois estudos realizados na China e nos Estados Unidos. Em trabalho realizado por Liu et al. (2020), com 509 estudantes universitários chineses, foram encontrados níveis de ansiedade e depressão maiores do que a média nacional. Já em estudo realizado por Wang et al. (2020), com 2031 estudantes universitários da Texas A&M University, foram identificados níveis moderados de depressão (48,14%), ansiedade (38,48%) e pensamentos suicidas (18,04%). Relacionado ainda à pandemia da COVID-19, outro estudo realizado por Ziyuan et al. (2021), também na China, avaliou os impactos psicológicos em estudantes universitários após a reabertura das universidades. Numa amostra de 478 estudantes, 15,5% apresentaram níveis altos de ansiedade e 32,4% de depressão. A partir desses resultados, os autores levantaram hipótese de que a pandemia da COVID-19 pode ter acentuado essa situação nessa população.

No que tange à realidade brasileira, alguns estudos (Freire et al. 2020; Osse & Costa, 2010; Leão et al., 2019) apontam que o fenômeno do sofrimento psíquico tem crescido acentuadamente, especialmente a partir do início dos anos 2000, período marcado por uma

maior abertura de vagas do ensino superior para uma população que não tinha acesso a esse espaço. Com base num relatório sobre o Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras, realizado no ano de 2010 e publicado em 2011, pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE), foi identificado que 47,7% dos estudantes de universidades públicas federais brasileiras que foram entrevistados pela pesquisa relataram a vivência de crises emocionais nos últimos 12 meses. Os estudantes elencaram as seguintes experiências: ansiedade (70%), insônia ou alteração significativa do sono (44%), sensação de desamparo/desespero/desesperança (36%), sensação de desatenção/desorientação/confusão mental (31%), timidez excessiva (25%), depressão (22%), medo/pânico (14%) e problemas alimentares (12%) (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis [FONAPRACE], 2011). Destaca-se que trabalhos realizados sobre a temática (Freire et al., 2020; Ibrahim et al. 2013; Storrie et al., 2010) indicam que os anos 2000 marcaram o grande crescimento de pesquisas sobre esses recortes, de maneira que ocorreu uma popularização da premissa de uma alta incidência de transtornos mentais entre estudantes universitários.

Em outra pesquisa realizada por Neves e Dalgalarrondo (2007), com 1290 estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), os resultados indicaram a prevalência de 58% de algum transtorno mental na amostra, dentre os quais se destacam a distímia (19.7%), a depressão (17.3%) e a agorafobia (14.4%), as quais se aproximam por meio de correlações significativas em relação ao gênero feminino, condição socioeconômica, relacionamento com os pais e amigos e o uso de drogas na família. O estudo traz que situações de discriminação no ambiente com essas populações e os relacionamentos interpessoais no ambiente universitário relacionariam-se com essas questões, apontando novamente para o caráter sistêmico do sofrimento psíquico na universidade. Outro ponto importante da referida pesquisa é a referência de que na literatura internacional a incidência de transtornos mentais em estudantes universitários teve um aumento acentuado a partir dos anos 2000, trazendo novamente o quanto as políticas, voltadas ao produtivismo da produção acadêmica de formar profissionais para suprir o mercado de trabalho, fazem eco no sofrimento psíquico na universidade (Oliveira et al., 2019).

Especificamente, no que tange à cidade de Salvador, destaca-se a pesquisa de Bezerra et al. (2018), realizada com 166 estudantes de uma universidade privada e de duas universidades públicas da cidade. Os resultados sugeriram que 56% da amostra apresentavam sinais de depressão, sendo 18% em grau leve, 15% moderado e 9% grave (levando em consideração que a média mundial é de 4,4%,). Em relação à ansiedade, entre 27% da amostra

apresentaram um alto nível de aspectos ansiogênicos. Desse modo, o estudo também traz a conclusão de que estudantes universitários têm apresentado uma incidência maior de transtornos mentais do que a população geral.

Um outro estudo que merece destaque também se refere à revisão de literatura integrativa, realizada por Freire et al. (2020), no que toca a saúde mental de estudantes universitários brasileiros em trabalhos publicados entre 2008 e 2020. No estudo supracitado, foi identificado um alto grau de transtornos psicopatológicos em estudantes universitários brasileiros, com destaque para o estresse, a depressão e a ansiedade. Diversos fatores foram apontados como associados a essas questões psicopatológicas, tais como o pertencimento ao gênero feminino, problemas relacionados ao curso e adaptação ao contexto universitário, receios em relação ao futuro exercício profissional e ao possível desemprego, falta de bolsa ou auxílio estudantil, falta de atividades físicas, uso abusivo de álcool e outras drogas, e ter sofrido discriminação na vida universitária. A revisão aponta para uma multiplicidade de fatores envolvidos no sofrimento psíquico do estudante universitário, indicando uma tendência de trabalhos quantitativos sobre a temática, além da necessidade da realização de pesquisas qualitativas para investigar tal fenômeno.

No que tange ao período da pandemia da COVID-19, em uma revisão de literatura narrativa realizada por Gundim et al. (2020) sobre a apresentação do sofrimento psíquico de estudantes universitários durante o período pandêmico foram encontradas reações emocionais intensas de estresse, ansiedade, luto, raiva e pânico, associadas às preocupações na entrega de atividades acadêmicas e ao medo de morrer. Esses dados ficam evidentes em outro estudo realizado por Menegaldi-Silva et al. (2022) com 242 estudantes universitários brasileiros, que apontou para pontuações médias e medianas de 15,4 e 16 pontos na escala *Patient health questionnaire-9* (PHQ-9), indicando escores sugestivos relacionados à presença de sintomas depressivos. Questões semelhantes foram encontradas por Oliveira et al. (2023) em pesquisa qualitativa com 73 estudantes universitários do Ceará, no qual a pandemia da COVID-19 teve como reflexo o acirramento dos sintomas e agravamento de transtornos preexistentes, diagnósticos de transtornos mentais, automedicação e ideação e tentativa de suicídio. Nesse sentido, aponta-se que a pandemia teve reflexo significativo nos estudantes brasileiros, tal qual foi identificado em outros trabalhos realizados ao redor do mundo (Liu et al., 2020; Wang et al., 2020; Ziyuan et al., 2021).

Desse modo, a partir do que foi identificado nestas investigações, constata-se que o sofrimento psíquico tem tido uma grande predominância na população universitária, sendo os principais transtornos mentais a ansiedade, a depressão e o uso de substâncias, sendo suas

principais variáveis as questões sociais, como sofrer experiências de preconceito e ser do gênero feminino; ou as características cognitivas como ruminação de pensamento (Bezerra et al., 2018; Freire et al., 2020; Ibrahim et al., 2013).

Porém, assevera-se que em sua maioria, os trabalhos são estudos populacionais de prevalência e correlação, não abarcando os aspectos microgenéticos do fenômeno. Além disso, por predominar a correlação enquanto recurso de análise dos dados, eles identificam relação entre variáveis, mas não apontam aspectos causais. Além disso, operam numa lógica de relação entre duas ou mais variáveis variáveis, deixando uma lacuna de como ocorrem as relações de maneira sistêmica entre os diversos fatores relacionados ao sofrimento psíquico.

Assim, verificou-se que embora o fenômeno do sofrimento psíquico entre estudantes universitários e suas manifestações tenham sido apontados nos estudos aqui referidos, estes se basearam majoritariamente em um paradigma biomédico para a compreensão dos chamados fenômenos psicopatológicos. Outro ponto importante é que o sofrimento psíquico é entendido a partir de entidades diagnósticas identificadas através da categorização de sintomas, colocando em segundo plano ou desconsiderando a dimensão qualitativa do fenômeno, que se expressa nas significações atribuídas pelo indivíduo a si mesmo, ao mundo e às outras pessoas (Abramov & Junior, 2016). Segundo Holzhey- Kunz (2018), sofrimento psíquico é uma concepção diferente para compreender os chamados fenômenos psicopatológicos. Desse modo, a concepção teórico metodológica dos artigos levantados tem uma importância em circunscrever e apontar a presença dessa questão na população universitária, mas mostram-se limitadas no que tange a um conhecimento dos aspectos microgenéticos e qualitativos do referido fenômeno.

O paradigma biomédico trabalha com a concepção de que o fenômeno psicopatológico em questão é reduzido aos sintomas de uma categoria diagnóstica, estabelecendo relações lineares de causa e efeito, com características individuais ou com determinados aspectos da sociedade. Assim, essa perspectiva opera com a idéia de que esse fenômeno é fundamentalmente uma espécie de déficit em algum aspecto psicológico e, ou biológico do indivíduo, remetendo a uma relação de causa e efeito, bem como ao dualismo cartesiano que marca a modernidade (Vargas et al., 2023; Sallet, 2023; Sousa, 2017; Wampold & Imel, 2015). Já o sofrimento psíquico implica na noção de que existe um sentido e um significado relacionados a esse fenômeno na vida da pessoa, ainda que sejam velados (Costa & Ramos, 2018). É uma concepção hermenêutica dos fenômenos psicopatológicos, cuja história remonta à psicanálise freudiana e se desdobra em diversas correntes e teorias psicopatológicas, como a própria concepção freudiana das neuroses; a psicopatologia descritiva de Karl Jaspers; e a

psicopatologia fenomenológica existencial, baseada em Husserl, Heidegger e Sartre (Holzhey-Kunz, 2018).

Nesse sentido, a expressão “sofrimento psíquico” aponta para fenômenos existenciais, de origem “interna”, relacionais e dinâmicos, que dizem respeito à angústia do ser humano, das contradições presentes no psiquismo, do sofrimento (afetivo, psíquico, relacional e emocional) e que possuem um significado na vida e vão além dos sintomas psiquiátricos. Inclusive, esses sintomas seriam a expressão desse sofrimento, e não algo *a priori* pré-estabelecido que indicaria uma enfermidade (Costa & Ramos, 2018; Osse & Costa, 2010;).

O paradigma biomédico discutido acima se desdobra no modelo teórico- metodológico adotado majoritariamente nos estudos sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários. Geralmente, são estudos quantitativos de prevalência e correlação, utilizando-se de escalas e questionários. Frequentemente, os estudos procuram correlacionar transtornos e características psicológicas com variáveis da vida acadêmica e/ou pessoal do estudante, através de questionários estruturados, não abrindo espaço para dimensão qualitativa do fenômeno (Storrie et al., 2010; Ibrahim et al., 2013; Bezerra et al., 2018).

Um contraponto a esse tipo de interpretação pode ser verificado no estudo realizado por Madsen, Hammer e Tateo (2019) com estudantes universitários dinamarqueses sobre a questão do estresse. Os resultados indicaram que subjacente ao próprio conceito de estresse, existe um enorme campo de significados que se relacionam com a experiência de ser estudante universitário, como pressão e responsabilidades acadêmicas, gerenciamento de situações estressantes e expectativas com a vida futura. Coadunando com esse ponto, Feilberg (2019) ressaltou a importância de se considerar a dimensão existencial no percurso do estudante universitário. Assim, essa trajetória envolve uma multiplicidade de construções de sentidos sobre ser estudante universitário, de maneira que esse processo está imerso em diversas situações, como a pressão familiar por uma carreira de sucesso, gerando uma perda de sentido em relação a si mesmo e dimensões de sua vida pessoal, além de crises e conflitos emocionais, que podem ou não se expressar no sofrimento psíquico.

Nesse sentido, Osse e Costa (2010) trouxeram a necessidade de reconhecer o sofrimento em suas diversas manifestações. Eles ressaltaram que o sofrimento depende da significação do indivíduo em determinado contexto de sua vida, trazendo a importância da dimensão existencial e não apenas sintomatológica. O sofrimento psíquico subjaz em seu bojo a um tipo de afeto ou crise emocional que desestabiliza as relações do indivíduo com o seu mundo, tornando-se intolerável para ele (Pereira, 2015).

Nesse contexto, Oliveira et al. (2019) ressaltaram que o sofrimento psíquico dos estudantes universitários perpassa pelas esferas sociais, econômicas, culturais e históricas. Eles apontaram que o ensino superior tem passado por inúmeras transformações desde o início do século XXI, no qual os vínculos sociais têm sido fragilizados com a competitividade e o individualismo provenientes do sistema capitalista de produção. Com isso, o ensino superior tem sido pressionado pela demanda de formar profissionais que se adequem ao mercado de trabalho capitalista, em detrimento de valores humanistas e dos aspectos relacionais à vida universitária.

Destarte, Leão et al. (2019) destacaram que o sofrimento psíquico de estudantes universitários evidencia as pressões e as contradições da vida universitária, inserida numa sociedade individualizada, de produção e desempenho. Os autores apontaram que boa parte das intervenções e pesquisas realizadas sobre o fenômeno desconsideram que as crises psíquicas são produzidas social e institucionalmente, e percebidas individualmente. Junto a questões pessoais e características individuais (trajetória de vida, diagnósticos médicos etc.), o sofrimento no contexto universitário envolve as dimensões socioestruturais, coletivas e econômicas, nas quais estão imersas também desigualdades de classe social, de gênero, étnico-raciais etc. Dessa maneira, infere-se que são necessários mais estudos que levem em conta essa complexidade acerca do sofrimento psíquico na vida universitária.

Nessa mesma linha de raciocínio, Freire et al. (2022) apontam que subjacente ao sofrimento psíquico na universidade estão imersas diversas desigualdades sociais. Assim, questões de saúde mental na universidade no Brasil se entrelaçam com problemas socioeconômicos e a insuficiência de políticas públicas relacionadas à população estudantil universitária, bem como crenças e estereótipos preconceituosos, presentes no ambiente universitário brasileiro. O contexto coletivo vivenciado pelo indivíduo pode trazer impactos em nível individual, resultando em uma experiência de sofrimento psíquico.

Assim, Brant e Mynaio-Gomez (2004) apontaram que o sofrimento depende da significação que assume em determinado tempo e espaço, tocando em uma dimensão não somente psicológica, mas também existencial, por envolver a memória e proporcionar ao ser humano ir além do presente imediato. Quando o sofrimento é silenciado, principalmente pelo discurso médico, ele se torna doloroso e adoecedor, por não implicar as dimensões de alteridade, reflexividade e linguagem.

Coadunando com essa perspectiva, Costa e Ramos (2018) assinalaram que o sofrimento é parte inexorável da existência e, portanto, deve ser analisado de maneira ampla. As crises psíquicas graves são uma manifestação genuína do sofrimento psíquico, no qual estão

imbricados fatores individuais, relacionais, contextuais, sociais e existenciais. Elas afetam as relações da vida e o entrelaçamento entre o ser humano e o mundo, necessitando de um reconhecimento tanto da singularidade dos estudantes que sofrem quanto das instituições em suas diversas dimensões, ambos imersos em um contexto político, econômico e cultural.

Assim, esta pesquisa buscou analisar o sofrimento psíquico de estudantes universitários a partir de uma perspectiva que considera que os fenômenos psicopatológicos expressos neles partem de uma rede de significações que o indivíduo constrói com os outros sociais nos diversos espaços e contextos culturais nos quais está imerso.

Portanto, este estudo pretende trazer a dimensão qualitativa e o enfoque nos sentidos e significados subjacentes a essa experiência de sofrimento psíquico em estudantes no contexto universitário, privilegiando uma dimensão que os estudos quantitativos realizados sobre a temática tem limitações para alcançar. Para tanto, em consonância com a abordagem qualitativa, especificamente com a perspectiva ideográfica, e baseada na Psicologia Cultural Semiótica e na teoria de campo de força de Kurt Lewin, esta pesquisa se ancorou numa concepção na qual indivíduo e sociedade não podem ser compreendidos de maneira indissociada, pois ambos estão entrelaçados, em uma relação de interdependência. Nessa perspectiva, o sofrimento psíquico deve ser considerado em uma dimensão individual e coletiva, na qual estão imersos diversos fatores históricos, sociais e individuais (Hoffmeyer, 2008; Lewin, 1939;1951; Valsiner, 2012; 2014a).

Portanto, este estudo buscou descrever e analisar qualitativamente a experiência de sofrimento psíquico no contexto universitário, tentando identificar os elementos nele envolvidos do ponto de vista hermenêutico e afetivo. Com isso, o objetivo foi contribuir com as pesquisas e as políticas sobre a saúde mental de estudantes universitários, visto que esses problemas relacionados à saúde mental trazem prejuízos para o indivíduo, a família e a comunidade em geral.

CAPÍTULO 2: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS

A pesquisa adotou a Psicologia Cultural Semiótica como referencial teórico, em diálogo com a Teoria de campo, de Kurt Lewin (1939). A utilização conjunta dessas perspectivas teóricas objetivou desenvolver a compreensão da dimensão afetiva, sensorial e fenomenológica da inter-relação entre indivíduo e ambiente, através dos conceitos de semiose e *umwelt* (conceitos que serão explanados mais adiante), fundamentais na Psicologia Cultural Semiótica (Branco, 2021; Valsiner, 2021). Ambos conceitos têm relação com a concepção de espaço de vida de Kurt Lewin (1939), como apontado por Branco (2021), Ireland (2015) e Sevilla (2005).

O espaço de vida traz uma leitura topológica da inter-relação entre indivíduo e ambiente, apontando para uma ampliação da compreensão de como ocorre esse processo, que é central na Psicologia Cultural Semiótica. Ressalta-se, também, que pretendeu-se ampliar a compreensão do caráter sensorial e afetivo da semiose, através no diálogo entre as perspectivas teóricas citadas acima. Com isso, construiu-se um modelo de compreensão cultural semiótica do sofrimento psíquico através da análise fenomenológica dos campos afetivos semióticos que ali atuam, tendo como base a semiose (Valsiner, 2021) e o espaço de vida (Lewin, 1939). O foco na dimensão sensorial e afetiva ocorreu devido ao sofrimento psíquico envolver sobretudo a dimensão dos afetos (Osse & Costa, 2010), sendo fundamental a compreensão de como eles estão inseridos nesse fenômeno.

Psicologia Cultural Semiótica

Primeiramente, cabe apresentar alguns dos pressupostos teóricos da Psicologia Cultural Semiótica e alguns dos seus principais conceitos. A psicologia cultural de matriz semiótica pode ser considerada uma psicologia geral do ser humano, localizada dentro das ciências básicas (Valsiner, 2012 ;2021). Ela resgata a premissa no qual a cultura e os processos psicológicos estão inter-relacionados, presentes desde os primórdios da fundação da psicologia de Wundt, no final do século XIX. Deste modo, essa perspectiva busca explicar como a cultura organiza os processos psicológicos superiores no ser humano (Cunha & Dazzani, 2018; Valsiner, 2012).

A psicologia Cultural Semiótica parte da concepção, segundo a qual, a linguagem é uma ferramenta semiótica *intra* e interpsicológica, que regula a experiência das pessoas na relação com o ambiente e organiza sua experiência no mundo. É a noção de que a cultura regula a inter-

relação do indivíduo com o ambiente, orientando a maneira como pensam, sentem e articulam suas ações em dado contexto cultural (Valsiner, 2012; 2021).

Neste sentido, a Psicologia Cultural Semiótica aponta para o papel da cultura como reguladora dos processos psicológicos superiores e propõe um modelo bidirecional na relação do indivíduo com o seu meio cultural, partindo da premissa de que os seres humanos participam ativamente na transmissão e na recepção das mensagens culturais. Assim, essa abordagem concebe que as pessoas constroem sentidos e significados, reguladores de processos psicológicos, na relação com os contextos culturais em que estão imersas (Valsiner, 2012; 2014a).

Portanto, para essa abordagem, a cultura é um processo, diferindo de correntes psicológicas e sociológicas que a concebem como “algo” externo ao indivíduo e que determinaria sua maneira de se comportar. Desse modo, a cultura é vista como um organizador inerente aos sistemas psicológicos individuais das pessoas, funcionando no nível intrapsicológico e interpessoal, e está presente nas suas formas de sentir, pensar e agir do ser humano.

Ressalta-se também que essa perspectiva considera que a pessoa tem um papel ativo na relação com a cultura, participando ativamente no processo de decomposição e recomposição das mensagens culturais, podendo resistir e contra-atar no tocante às sugestões sociais. Essa relação com essas mensagens e sugestões constituem uma cultura pessoal e singular dos seres humanos num determinado contexto psicossocial. A cultura pessoal está inter-relacionada dialeticamente com a cultura coletiva, e consiste nas sugestões sociais do ambiente na experiência imediata do indivíduo, através de uma negociação entre a cultura pessoal e a coletiva, com seus significados construídos na vivência pessoal do ser humano (Valsiner, 2012;2014a; 2021).

Destarte, essa perspectiva aponta para a maneira como o funcionamento mental ocorre: através de signos que regulam semioticamente a relação das pessoas com o mundo, tanto em nível institucional e interpessoal quanto individual e intrapsíquico. Valsiner (2012) apresenta essa concepção de regulação semiótica a partir das ideias de Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), de maneira que os signos são fabricados por mentes que operam por meio destes signos e mediam a relação da pessoa com o mundo (Cunha & Dazzani, 2018).

O signo, na concepção de Peirce (1972), consiste na representação que se relaciona com um ato, objeto ou acontecimento. Para ser um signo, ele precisa de um interpretante (responsável por engendrar significado ao signo), apontando para uma cadeia triádica que relaciona todos os três elementos aqui citados (signo, objeto e interpretante). Assim, o

significado produzido por um signo, principalmente dos signos linguísticos, encontra-se sempre em inter-relação com outro signo. Nesse sentido, toda produção de significado depende da relação entre signos em determinada situação para ocorrer, apontando para o caráter contextual do processo de significação (Merrel, 2012; Peirce, 1972).

O interpretante fornece propósito, direção e significado ao signo, constituindo um processo de interpretação dinâmico, no qual a cadeia triádica encontra-se sempre em movimento. Um signo só pode ser concebido em sua inter-relação com signos predecessores na sua inter-relação com o objeto, criando novos significados. Com isso, Merrel (2012) concebe processo que a significação ocorre através da corrente semiótica, em que todo conteúdo significativo de um signo advém de seus signos antecedentes. Um exemplo dessa questão é o signo universidade, que em relação com estudante, dependendo do interpretante, produz um outro signo no qual um significado diverso emerge.

Portanto, essa corrente pressupõe de que inexistente um significado maior, como na linguística de Saussure de que um significante será responsável por engendrar significados em uma relação *dual*, por exemplo, mas de que todo signo está sempre se tornando outra coisa, engendrando significados diversos. Dessa maneira, o signo não é linear, e um campo de significados surge entre dois signos (Merrel, 2012). Um exemplo é o signo árvore, que segundo a linguística de Saussure estaria relacionado com um significado de árvore. Na perspectiva de Peirce, o signo árvore pode engendrar uma série de outros significados, como um local para construção de uma casa ou matéria-prima para um móvel, dependendo do contexto de interpretação.

A partir do entendimento de Peirce (1972) sobre os signos, a Psicologia Cultural Semiótica concebe o ser humano como compulsórios *meaning-makers*¹, sempre procurando dar sentido² e significado às suas ações, que organizam suas experiências no mundo. Isso acontece através de um processo de internalização/externalização, no qual os outros sociais fornecem signos para as pessoas, que são interpretados e integrados às estruturas psíquicas intrapsicológicas engendrando significados diversos. Esses signos regulam afetivamente e cognitivamente as pessoas, orientando suas ações e seu modo de pensar, agir e sentir no mundo (Valsiner, 2012; Cunha & Dazzani, 2018).

¹ A tradução para o português seria fabricantes de sentido. Porém, seria um processo que iria além do fazer instrumental, se referindo a um processo inerente ao ser humano de sempre estar dando sentido aos seus objetos, atos e vivências.

² Ressalta-se que a Psicologia Cultural Semiótica não faz a distinção entre sentido e significado, embora Vigotski o faça e seja uma referência importante na obra de Valsiner (2012).

Nessa perspectiva, Valsiner (2012; 2014a; 2021) apresentou os signos como sistemas reguladores psicológico da experiência do ser humano, possibilitando sempre transcender a realidade imediata e realizar ações complexas no ambiente. Os signos também situam a existência humana temporalmente orientada em direção ao futuro, em relação com processo o qual Valsiner (2012; 2014a; 2021) denomina de irreversibilidade do tempo, que diz respeito à indiossincrasia das experiências e à impossibilidade de se repetir algo que já ocorreu. Todo fenômeno é único e acontece de maneira contextualmente localizada em dado momento da trajetória de vida de uma pessoa.

Desse modo, o ser humano está orientado para prospecção de objetivos e metas futuras, imerso em sua experiência imediata no ambiente os significados e premissas pessoais construídas em sua história de vida, e influenciam na significação atribuída aos eventos ocorridos no cotidiano num processo de negociação com as sugestões sociais do ambiente. Os signos estabelecem um campo de significados para experiências orientadas para o futuro, por mais imprevisíveis que elas sejam (Valsiner, 2012; 2021). Destaca-se, nesse processo, o papel das instituições sociais, que enviam mensagens culturais para as pessoas através dos signos, que possibilitam às pessoas engendram significados para regular suas ações e condutas na relação com o mundo.

Nesse sentido, dentro do sistema de regulação semiótica que a pessoa desenvolve ao longo da sua vida, destaca-se a importância dos signos promotores (Valsiner, 2012). Valsiner (2012) salienta que a vida do ser humano decorre de uma existência temporal orientada para o futuro, com o estabelecimento de signos específicos abstratos que servem para construir uma experiência subjetiva de planejamento de ações futuras. Fenomenologicamente, esses signos promotores estão profundamente enraizado na experiência do ser humano, constituindo o campo dos valores (Valsiner, 2012).

Os signos promotores surgem a partir dos chamados signos hipergeneralizados, que são signos do tipo campo e referem-se a experiências abstratas, como sentimentos e valores, que servem como grandes guias que os seres humanos utilizam para regular suas ações, envolvendo dimensões afetivo-semióticas, relacionadas a afetos emergidos na relação bidirecional com o mundo. Signos do tipo campo são múltiplos em relação ao significado e tratam de experiências pessoais abstratas, que não conseguem ser traduzidas completamente em palavras (Valsiner, 2012;2014a; 2021), devido à sua multiplicidade de significados, atuando de forma concomitante, ao promover uma experiência afetiva com determinados objetos e situações da vida. Com isso, esses signos permitem ao ser humano generalizar situações e oportunizam uma

esfera afetiva na construção de significados que orientam as ações na vida dos indivíduos (Valsiner, 2012;2014a; 2021).

Os signos tipo campo contrastam com os tipo ponto, no qual o um determinado signo se refere a um objeto ou uma coisa específica. Os signos do tipo ponto são representações diretas e homogêneas em relação a algo, com uma significação mais estável e direcionada sobre algo. Nesse tipo de experiência, ocorre o que Valsiner (2021) denomina de esquematização, em que um signo X se refere a Y, de maneira que inexistente uma ambiguidade no que tange à construção de significados. Na esquematização, os campos de significados hipergeneralizados, que consistem em experiências afetivas e com uma multiplicidade de significações complexas ocorrem de maneira simultânea e a pessoa não consegue traduzir efetivamente em palavras, é reduzida a um determinado signo/categoria (Valsiner, 2021). Em contraste, ocorre o processo de pleromatização, em que signos tipo campo são utilizados para dar conta dos campos de significados hipergeneralizados. Ambos os processos de pleromatização e esquematização participam dos processos psicológicos humanos de maneira concomitante, engendrando valores e significados que orientam as ações humanas (Valsiner, 2021).

Nesse sentido, a partir do que foi discutido até aqui, esboça-se um primeiro entendimento sobre a experiência de sofrimento psíquico, que pode ser compreendida como um campo hipergeneralizado de significados permeados por uma alta carga afetiva em que diversos significados complexos estão envolvidos e a pessoa tem dificuldade de traduzir em palavras. Assim, é possível inferir a redução dessas experiências a signos de patologias, como ansiedade, podem resultar em processos de significação reduzidos a esse signo e dificultando a produção de novos significados. Por exemplo, se uma pessoa tem muito medo com uma série de situações futuras e se o signo ansiedade for utilizado para reduzir sua experiência a uma determinada categoria de um transtorno mental, de acordo com sintomas preconizados nos manuais, ela pode significar toda essa experiência como resultado direto de uma patologia, desconsiderando ou deixando, em segundo plano, um campo hipergeneralizado de significados que emergem em sua em sua experiência imediata no ambiente.

A noção de campo utilizada por Valsiner (2021) advém de Kurt Lewin (1939), sendo fundamental para compreender a relação interdependente de construção de significados entre indivíduo e ambiente (Branco, 2021). Esse processo é caracterizado como semiose na Psicologia Cultural Semiótica, cujas raízes remontam a biossemiótica (Favareau, 2008) e tem como ponto central a vivência do ambiente pelo indivíduo que é concebida como *Umwelt* (Uexküll, 2004).

A Biossemiótica é um projeto comum que congrega biólogos, zoológicos, antropólogos, psicólogos e filósofos, visando explicar o uso de signos e suas relações entre e dentro dos organismos vivos. De acordo com essa perspectiva, os signos relacionam o organismo e o ambiente, e promovem processos de significação, sendo o meio no qual esses organismos interagem e vivenciam o contexto ambiental em que vivem (Favareau, 2008). Assim, a partir dessa área serão explorados os conceitos de *umwelt* e semiose, buscando ampliar a compreensão da dimensão fenomenológica, sensorial e afetiva desses dois processos que são centrais para entendimento da relação bidirecional entre indivíduo e ambiente na Psicologia Cultural Semiótica (Branco, 2021; Valsiner, 2021).

A publicação sobre a teoria do ciclo de função de Jakob von Uexküll's em 1940 foi o marco inicial da Biossemiótica. Essa teoria rejeita o subjetivismo idealista e o objetivismo positivista, concebendo a relação entre os organismos vivos e o mundo através de uma perspectiva sistêmica, de modo que os organismos são entendidos como sistemas abertos que, ao contrário dos sistemas fechados, interagem com seu ambiente, concebido como *umwelt* (Uexküll, 2004).

Umwelt pode ser traduzido do alemão como “mundo ao redor” – *Un* (Ao redor) e *Welt* (Mundo). Na Biossemiótica, esse termo diz respeito ao segmento ambiental de um organismo, que é definido por suas capacidades específicas de espécie tanto receptoras quanto efectoras (definidas por Uexküll como percepção e operação). Assim, para Uexküll (2004), o signo medeia a relação do organismo com o mundo, proporcionando a interpretação e a sua ação sobre o ambiente. Desse modo, o *umwelt* é o ambiente como é vivenciado por cada organismo, de acordo com a sua espécie e a sua historicidade. Para a biossemiótica, os organismos vivos interpretam o mundo através do seu *umwelt*, no qual signos são decodificados em significados. Esse diálogo interpretativo se refere ao conceito de semiose, que ocorre a partir do mundo vivenciado pelo organismo (Barbieri, 2008; Jämsä, 2008).

O *umwelt*, em grande parte, é constituído de hábitos, que se referem a todas as estruturas de significação na história do organismo vivo, expressas na sua vivência no ambiente. A relação entre signos ocorrida no processo de semiose constitui códigos, definidos como um recurso semiótico que permite o engendramento de determinados significados sejam feitos. Dessa maneira, para a Biossemiótica, os significados são sempre contextuais e dependem de um organismo interpretante para serem produzidos (Barbieri, 2008; Jämsä, 2008).

Contudo, a partir das premissas teóricas explanadas acima, para essa teoria, o processo de semiose acontece sempre a partir de um *umwelt* com um organismo interpretante dos signos no ambiente, gerando as codificações (Jämsä, 2008). Na biossemiótica, a relação triádica entre

o Representamen (Objeto), – Interpretante (Signo) – Significado de Peirce (1972) é a base do processo de semiose, permitindo os processos de significação do organismo vivo (Jämsä, 2008), estabelecendo uma relação dialética entre o objeto real e o objeto representado, entre o potencial e o real. Desse modo, o interpretante está sempre nessa fronteira entre o real e o potencial, engendrando significados diferentes que se expressam em experiências qualitativamente diferentes: tudo que se pode compreender e sentir parte de uma representação é resultado dessa dialética entre o potencial e o real (Jämsä, 2008).

O cerne da Biossemiótica é a interpretação, a qual surge a partir da relação entre o organismo e o ambiente, sempre de maneira contextualizada historicamente. Entende-se como histórico os hábitos formados nos sistemas semióticos de significação, sejam eles do ponto de vista filogenético, sociogenético ou ontogenético, ao passo em que os hábitos são dinâmicos e abertos e criam sistemas de orientação, promovendo os sentidos e os significados mediados com o a experiência no contexto ambiental (Hoffmeyer, 2008).

Portanto, através da biossemiótica depende-se que os fenômenos mentais são produzidos semioticamente no *umwelt* do indivíduo. A mente humana, em uma perspectiva biossemiótica, pode ser entendida como esse sistema semiótico que media a relação do organismo com o mundo, sendo, portanto, o interpretante e a significação resultante da causação semiótica (Favareau, 2008).

Logo, a partir da biossemiótica, compreende-se que a mente humana se estrutura da semiose, que ocorre através do *umwelt*, no qual primária e sumariamente acontece de maneira afetiva e semioticamente orientado, pelos aspectos sensoriais que emergem na experiência imediata no ambiente. Essa questão pode ser vista em Kurt Lewin, com sua teoria psicológica de espaço de vida e campo de força, explanada mais adiante. Essa teoria já caracterizava a organização psicológica através da sua relação com o espaço em nível topológico e fenomenológico (Lewin, 1939; Ireland, 2015).

Sevilla (2005) complexifica esse debate, trazendo a relação de rede na semiose e a multiplicidades de *umwelts* na ação humana, como algo que, ao longo de sua vida, o ser humano se relaciona e se locomove entre diversos *umwelts*, e isso ocorre, sobretudo, através da sociabilidade. A passagem de um *umwelt* para o outro desenrola-se através de uma semiose forçada pela historicidade, considerando que um indivíduo frequenta diferentes ambientes ao longo de sua vida, com diversas significações diferentes para as coisas, em consideração ao contexto cultural do local.

Nesse sentido, entendendo os fenômenos psicológicos através da semiose, ocorrida a partir do diálogo no *umwelt* do indivíduo, pode-se conceber que todos os modos de sentir,

pensar e agir do ser humano ocorrem sempre na relação entre pessoa e mundo. Trazendo esse diálogo para Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2021), amplia-se a compreensão do processo de semiose e de *umwelt*, levando em consideração os hábitos e a dimensão sensorial como ponto nodal da construção de significados, e, assim, o indivíduo afeta e é afetado pelo mundo.

Em consonância com essa perspectiva, Valsiner (2021) concebe que os processos afetivos são a base da co-construção de significados na relação entre indivíduo e ambiente. Para caracterizar esse processo, ele traz a noção de separação inclusiva para lidar com as diversas dicotomias advindas da separação cartesiana entre a pessoa e o mundo que marca o entendimento majoritário dos fenômenos psicológicos na modernidade. Em cima da referida premissa, Valsiner (2014a) retratou a dimensão afetiva dos processos psicológicos através da criação do modelo de regulação afetivo-semiótico, tomando com uma base uma perspectiva sistêmica e não *dual* (Branco, 2021).

Esse modelo aponta para o fato de que as dinâmicas afetivas humanas são organizadas de maneira fluída e estruturada em sistemas abertos, que podem se tornar campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, que orientam as ações humanas (Valsiner, 2014a). Primeiramente, antes de descrever o modelo, é importante ressaltar seu principal axioma: de que não é possível traduzir completamente um afeto através de palavras, isto porque a vida afetiva humana acontece inter-relacionada com as sugestões sociais do ambiente, bem como com o agenciamento e a decomposição dessas mensagens. Desse modo, os afetos, para o ser humano, se expressam nas dimensões microgenéticas (que se refere à experiência imediata da pessoa no ambiente), mesogenéticas (momento no qual essas experiências são organizadas através das significações construídas pela pessoa na inte-relação com o ambiente e constitui a sua cultura pessoal) e ontogenética (dimensão duradoura da cultura pessoal, fundamentado em significações que se mantêm ao longo do tempo e orientam os modos de sentir, de agir e de pensar do ser humano, constituindo, assim, os valores para os seres humanos) (Branco, 2021; Mattos, 2016; Valsiner, 2014a).

Desse modo, o modelo de regulação afetivo-semiótico ocorre em cinco níveis que acontecem de maneira hierárquica no processo de semiose (Branco, 2021; Valsiner, 2014a). O nível 0 é pré-verbal e ocorre no nível fisiológico e sensório-motor, caracterizado pela experiência imediata do indivíduo, afetado por situações no processo de semiose, a partir do qual se defende que o organismo é excitado e dele emerge um conjunto de sensações (ex: a pessoa sente uma sensação ruim). No nível um, o indivíduo começa a diferenciar as sensações, mas sem uma mediação verbal bem definida (ex: essa sensação ruim é sentida como um mal

estar, diz que há algo errado, mas não sabe o que é). No nível dois, ocorre a mediação dos signos e a pessoa já consegue categorizar o que sente em emoções específicas: os signos do tipo ponto são primariamente usados e a pessoa consegue esquematizar os afetos em uma determinada emoção (ex: A pessoa diz que está sentindo ansiedade). No nível três, o indivíduo não só diferencia o que sente, mas também consegue generalizar emoções e categorias que irão consistir em estados afetivos mais duradouros, de modo que ele tenta descrever sentimentos e emoções complexas para dar conta de determinados eventos na experiência imediata (ex: a pessoa diz que hoje ela está muito ansiosa, passou o dia assim e não sabe o motivo). Por fim, no nível quatro, são constituídos os campos afetivos semióticos hipergeneralizados, que se referem a campos polissêmicos de significação e estruturam modos de sentir as coisas. Esse nível estabelece os valores e as emoções abstratas, os quais as pessoas têm dificuldades de traduzir em palavras. Através desse campos, o indivíduo agencia diversos afetos ocorridos no processo de semiose e regula suas ações (ex: a pessoa diz que tem ansiedade e sempre foi uma pessoa ansiosa).

Destaca-se também que, na compreensão de Valsiner (2014a), o ser humano não fica passivo nesse processo, ele agencia esses afetos que ocorrem inter-relacionado com o ambiente através da noção de *affectivating*. O conceito de *affectivating* foi introduzido por Valsiner, na Psicologia Cultural Semiótica em 1999, como algo a partir do qual as pessoas regulam semioticamente os seus estados afetivos, apontando para a natureza afetiva entre seres humanos estabelecem e o ambiente. Assim, depreende-se que este conceito é um recurso importante para compreender a vida afetiva do ser humano a partir da Psicologia Semiótico Cultural (Cornejo et al., 2018).

O termo *affectivating* é um neologismo criado pelo próprio Valsiner, com a junção de *affect* mais *act*, indicando a concepção bidirecional da relação afetiva do indivíduo com os diversos contextos culturais. Desse modo, esse conceito diz respeito ao processo em que a pessoa age sobre o ambiente, para ativar determinados estados afetivos que estão ligados ao *umwelt*, relacionado, portanto, à vivência dos ambientes pelos organismos vivos (Carriere, 2013; Cornejo et al., 2018), ao passo em que se contrapõe à ideia de que o ambiente é concebido de maneira padronizada para todas as pessoas. Assim, o foco do processo de *affectivating* se encontra em profunda relação com o *umwelt*, isto porque, no cerne do encontro do indivíduo com objetos e pessoas, os sentimentos e as emoções são primeiramente percebidos, orientando toda a construção semiótica de significados (Cornejo et al., 2018; Valsiner, 2014a).

O processo de *affectivating* coloca a agentividade do indivíduo na síntese e decomposição das mensagens culturais como aspecto central nos encontros sociais

estabelecidos pela pessoa, recuperando o caráter ativo na dimensão afetiva do ser humano e na psicologia contemporânea. Segundo Cornejo et al. (2018), a psicologia atual tem lidado com a dimensão afetiva de duas maneiras: (1) considerando-a a partir de uma concepção individual de mente, colocando em segundo plano a interação com o ambiente na ocorrência dos estados afetivos ou; (2) de uma perspectiva estritamente social, perdendo de vista os processos interiores que não podem ser socialmente compartilhados. O *affectivating* aponta para a superação dessa dicotomia, na inter-relação da pessoa com o ambiente, como ponto central das dinâmicas afetivas do ser humano.

Esse conceito apresenta a concepção de que as pessoas são afetadas por aspectos do ambiente que são previamente significativos para elas. Nesse sentido, o sistema semiótico de signos tem o poder de afetar e não apenas significar, de maneira que a base da construção de significados é, sobretudo e primeiramente, afetiva (Innis, 2018). A partir dessa perspectiva, Kull (2014) aponta que os significados são um sistema de relações entre signos, coexistentes de significados diferentes dentro de um mesmo sistema, regulados pelo indivíduo smeioticamente sobre as suas ações no ambiente (Valsiner, 2014a;2021).

A ação humana de construção de significados ocorre no *umwelt*, de modo que a ação do indivíduo se expressa em aspectos significativos, tornando familiar um ambiente estranho para ele. Esses aspectos significativos são, ao mesmo tempo, simbólicos e expressivos, trazendo uma dimensão afetiva na relação entre as pessoas e os ambientes. As pessoas ativam aspectos do ambiente que favorecem a ocorrência de determinados estados afetivos que regulam sua relação com os diversos contextos culturais no decorrer de sua vida. Assim, a interação afetiva com o ambiente acontece de maneira dual e individual, para o ambiente e do ambiente para o indivíduo (Cornejo et al., 2018; Fossa, 2018).

Fossa (2018) afirma que a dimensão expressiva não é cognitiva, pois envolve uma dimensão sensorial ligada ao encontro entre a atmosfera afetiva do ambiente e das experiências prévias da pessoa. Nesse sentido, a interação da pessoa com o ambiente, antes de qualquer reflexão é, sobretudo, afetiva, envolvendo os sentimentos e as emoções. A dimensão cognitiva é reflexiva e ocorre a partir da construção de significado sobre os afetos que emergem na interação da pessoa com as sugestões semióticas do ambiente. O ambiente carrega signos que podem favorecer semioticamente a ocorrência ou restrição de comportamentos e significados na experiência individual. A pessoa modifica e faz distinções desses signos, construindo sentidos e adicionando valores, que se baseiam principalmente em aspectos afetivos (Cornejo et al., 2018; Fossa, 2018).

Os afetos são co-construídos na relação entre o indivíduo e o ambiente, surgidos no processo de semiose. Através de atos individuais as pessoas podem agenciar suas ações para construir significado para determinados estados afetivos, e na construção das identidades, de emoções e sentimentos estão intrinsicamente ligados a um objetivo orientado pelo *affectivating*, no qual a pessoa ativa o ambiente para ser primeiramente afetada emocionalmente por ele, e em seguida, ocorre um processo cognitivo, através da significação desses afetos envolvidos na ação do *affectivating* (Carriere, 2013).

A maneira como a pessoa é afetada não advém só do presente, mas também de suas experiências anteriores através de memórias episódicas, de modo que no *umwelt* encontra-se o familiar dentro de uma experiência nova. A interpretação que uma pessoa dá para determinadas situações do ambiente relaciona-se diretamente como os signos emergidos no *umwelt*, de maneira que ela possa agenciar afetivamente seu relacionamento com os espaços (Carriere, 2013; Cornejo et al., 2018). Portanto, ao relacionar o *affectivating* ao *unwelt*, depreende-se que o que está em jogo nesse processo é como a pessoa vivencia e se relaciona afetivamente com os ambientes nas experiências de sua vida, destacando o fato de que o plano sensorial e pré-reflexivo está imbuído em toda significação, e no uso de signos no seus sistemas de regulação semiótica (Cornejo et al., 2018; Valsiner, 2021).

Segundo Reis et al. (2018), as pessoas são afetadas por qualidades afetivas dentro da realidade objetiva, isto porque os significados semióticos são construídos na síntese de sugestões culturais em inter-relação com sua cultura pessoal, promovidos sobretudo por componentes afetivos. Logo, os seres humanos usam objetos para estruturar as fronteiras nas suas relações com os diversos ambientes em sua vida, construindo, à sua maneira, a realidade que é, sobretudo, afetiva (Reis et al., 2018).

Analogamente a essa concepção, Mattos (2016) apontou que a construção de significados pessoais é carregada de emoções e afetos, por meio de processos de regulação semiótica e afetiva que orientam a conduta pessoal. Logo, a partir das afirmações da autora, pode-se conceber que existe uma dimensão no agir dos seres humanos que ocorre antes de qualquer ato reflexivo e cognitivo, permeado por uma dimensão afetiva.

O nível zero do modelo de regulação afetivo-semiótico de Valsiner (2014a) ocorre de maneira pré-semiótica, em uma dimensão sensorial, através de sensações fisiológicas e da memória episódica de experiências passadas, através da qual a pessoa pode nomear essas sensações como sentimentos e emoções, com a finalidade de orientar suas ações para o futuro (Mattos, 2016; Valsiner, 2014a). Destarte, pressupõe-se que essa primeira relação das pessoas com os ambientes se dá a partir de uma experiência pré-reflexiva, de maneira fenomenológica.

Por fenomenológica, entende-se a concepção filosófica de como os fenômenos aparecem para pessoa em primeira pessoa cunhada por Husserl (2006). Nessa perspectiva, todo conhecimento do indivíduo sobre o mundo ocorre de maneira fenomênica em primeira pessoa, no qual os indivíduos intuem a essência (essência refere-se à estrutura essencial do fenômeno que o faz ser reconhecido antes de qualquer reflexão sobre ele) das coisas através do modo como elas aparecem para consciência. Assim, só é possível atribuir significado às coisas através da experiência imediata da em um dado contexto cultural, no qual as pessoas intuem a essência das coisas através das suas vivências com aquela coisa ao longo de sua vida (Asworth & Chung, 2006 ; Husserl, 2006). Ressalta-se que a perspectiva fenomenológica do conhecimento em primeira pessoa amplia a noção do *affectivating* (Cornejo et al., 2018) e das dimensões sensoriais e pré-reflexivas do modelo de regulação afetivo-semiótico, proposto por Valsiner (Branco, 2021; Mattos, 2016; Valsiner, 2014a).

Em consonância com essa concepção, Innis (2018) salienta que o *affectivating* possibilita a interrupção da semiose de maneira ilimitada, oferecendo ao sistema de signos o poder não só de significar, mas também de afetar as pessoas e os ambientes através de uma dimensão sensorial. Com isso, a experiência humana de ter sentido nas e das coisas vem das transações do ser humano com a realidade vivenciada de maneira fenomenológica, em primeira pessoa, através de componentes sensoriais emergidos na experiência imediata (Husserl, 2006). O *affectivating* implica um processo de ordem simbólica que está imbricado com as percepções da pessoa sobre si e sobre o mundo (Innis, 2018).

Assim, Innis (2018) concebe que as pessoas primeiramente interpretam o mundo e a si mesmas sem uma reflexão autoconsciente. Antes de qualquer efeito significativo de ordem cognitiva e consciente, existe uma dimensão afetiva que permite gerar um efeito de significação, que se manifesta, apenas, quando o signo consegue estabelecer uma relação de conexão com um objeto ou um dado significado, através dos interpretantes. O efeito significativo acontece sempre no interpretante, que compõe a relação entre signo e objeto.

Peirce (1972), baseado em Kant, indica que a ligação do mundo com os significados e com o efeito significativo em si ocorre através da tríade sentimento-ação-reação e pensamento. O significativo é a interrupção de uma infinita semiose em uma semiosfera, proporcionando significados que podem tanto promover quanto restringir uma ação no mundo, com um objetivo orientado para o futuro (Innis, 2018). Por isso, segundo Innis (2018), o *affectivating* é o evento ou o processo de sentir afetos importantes, que têm uma existência significativa no processo de semiose.

Portanto, é possível concluir que o processo de *affectivating* e modelo de afetivo - semiótico envolvem, sobretudo, uma dimensão pré-reflexiva, sensorial e fenomenológica na relação das pessoas com os ambientes. Esses processos são fundamentais para o entendimento de fatores psicológicos importantes que subjazem à experiência da pessoa e à sua cultura pessoal. O primeiro nível no sistema de regulação afetivo-semiótica, criado por Valsiner (2012;2014a), demonstra o quanto os signos são permeados por mecanismos sensoriais e fisiológicos, bem como pelas memórias e lembranças episódicas da experiência pessoal (Mattos, 2016; Valsiner, 2014a; 2021). Subjacentes aos referidos processos estão os campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, que constituem as significações expressas através dos valores, sentimentos e emoções que irão regular semioticamente as ações do indivíduo (Valsiner, 20014a). Porém, a partir do que foi discutido, é possível destacar que a Psicologia Cultural Semiótica carece ainda de um aprofundamento maior nessa dimensão sensorial e pré-reflexiva da semiose e conseqüentemente, de como os afetos participam dos processos de significação do ser humano, já que Valsiner (2012; 2014a) coloca os primeiros níveis do modelo afetivo-semiótico como pré-semióticos e não se aprofunda no caráter pré-reflexivo de significação de afetos emergentes da relação entre indivíduo e ambiente.

Destarte, a partir do que foi debatido até o momento, pode-se compreender o processo do afeto para Psicologia Cultural Semiótica a partir de duas dimensões: uma sensorial, que surge imediatamente na relação bidirecional entre a pessoa e o ambiente; e a outra, quando o afeto é regulado semioticamente através campos afetivos-semióticos hipergeneralizados, gerando efeito de significação através da dimensão afetiva (Branco, 2021; Mattos, 2016). Nesse sentido, Valsiner (2012; 2014a; 2021) assinala que os signos hipergeneralizados regulam os modos de sentir e de pensar das pessoas, por apresentarem um conhecimento generalizado e abstrato sobre os ambientes, proporcionando sugestões afetivas que regulam a relação dos indivíduos com as pessoas, locais e diversos contextos na vida.

Essas duas dimensões afetivas podem ser vistas num exemplo corriqueiro de quando uma pessoa vai para um lugar desconhecido, em que ela pode ser afetada de diversas maneiras. A partir do processo de regulação semiótica, ela pode interpretar o conjunto de afetos que emerge para ela na relação com o local e, assim, orientar suas ações futuras. Por exemplo, ela pode semioticamente interpretar que sentiu medo ou insegurança. Nessa situação, ela foi afetada no fenomenologicamente no nível sensorial pelo ambiente e a partir do seu sistema de regulação afetivo-semiótico pode tomar a decisão de procurar um local para se sentir mais segura. Esse local está diretamente relacionado às suas experiências anteriores de perigo e

depende diretamente de sua cultura pessoal e da sua história de vida, a partir de um determinado contexto cultural, através de sua memória episódica e lembranças pessoais.

As abordagens psicoterápicas fenomenológicas existenciais apontam para algo semelhante no processo psicoterápico: na figura do terapeuta, a pessoa costuma trazer modos de ser e de se relacionar com as diversas situações da vida. Esses aspectos seriam pré-reflexivos e o processo de psicoterapia ajudaria a compreender melhor esses afetos que estruturariam sentidos e significados que os indivíduos atribuem às coisas no seu cotidiano (Asworth & Chung, 2006; Holzhey- Kunz, 2018).

A partir do modelo de regulação afetivo-semiótico (Valsiner, 2012; 2014a), pode-se considerar que, nesses exemplos, o *umwelt* é um dos principais elementos que propiciam a ocorrência do processo psicoterápico. A pessoa demonstra no *setting* psicoterapêutico a maneira como se relaciona afetivamente com os ambientes e as diversas situações de sua vida. Todo esse conjunto de afetos acontece de maneira pré-reflexiva, e através do trabalho psicoterápico, na relação com o psicoterapeuta, a pessoa pode significá-los através da exploração dos campos afetivos-semióticos hipergeneralizados, que emergem no processo terapêutico. Portanto, na Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2021), a vida afetiva do ser humano é entendida através do agenciamento sobre si e os afetos sugeridos pelo ambiente (no exemplo anterior, o *setting* psiterapêutico) a partir da mediação semiótica de campos afetivos-semióticos hipergeneralizados, que estão ligados aos modos como a pessoa vivencia as relações sociais e os ambientes em sua vida.

Essas questões afetivo-semióticas aparecem, inclusive, na relação em que a pessoa estabelece consigo mesma, na maneira como a pessoa se descreve em uma dimensão afetiva. Por exemplo, quando a pessoa se utiliza de um signo triste ou alegre numa determinada situação, ela está agenciando seu comportamento e o seu próprio *Self*³, regulando a sua existência no mundo, de maneira que o próprio *Self* pode ser pensado semioticamente.

Nesse sentido, Innis (2018) apontou que as pessoas personificam um sistema semiótico de signos, estabelecendo uma noção de identidade. Os signos personificados são notados com a habilidade dos indivíduos se relatarem enquanto objetos interpretantes. Voltando ao exemplo anterior, quando a pessoa fala: “eu estou triste”, ela está se colocando como objeto interpretante.

³ Como *Self* entende-se a relação da pessoa consigo mesmo. Isso inclui a maneira como ela se reconhece e como ela entende que é reconhecida pelos outros. Nesse sentido, o *Self* corresponderia a autoimagem e o autoconceito da pessoa. Para maior aprofundamento dessa perspectiva, sugere-se a leitura de Freire et al. (2022) e Freire (2022).

Dessa maneira, diferentes formas de personificação têm distintas maneiras qualitativas de sentir as coisas. Com isso, o ser humano opera no mundo através do modo como sente as coisas, constituindo diferentes maneiras de agir de acordo com os sentidos e os tons afetivos vivenciados por elas (Innis, 2018). Pode-se pensar também que os signos personificados atuam como primeiro suporte afetivo do indivíduo, engendrados nas raízes de sentido do *Self*, que é semioticamente constituído (Innis, 2018). Esses signos fornecem a base para o *umwelt* nas pessoas, na maneira como elas vivenciam os ambientes (Carriere, 2013; Cornejo et al., 2018).

Portanto, os campos afetivo-semióticos carregam consigo as dinâmicas afetivas que as pessoas estabelecem na relação com os diversos ambientes em sua vida. Em última análise, pode-se considerar que esses campos trazem a maneira o ser humano sente os ambientes e como ela atua afetivamente neles. Portanto, os campos afetivos-semióticos de um indivíduo em determinado ambiente permite ver como ele agencia a sua relação com os espaços e as dinâmicas afetivas envolvidas. São, sobretudo, os afetos que surgem de maneira pré-reflexiva, fenomenológica e sensorial através da experiência sensorial e da memória episódica de momentos significativos na vida da pessoa que vão dar pistas sobre as dinâmicas afetivas envolvidas no agenciamento dos modos de viver humanos.

Nesse contexto, Valsiner (2012; 2014a) assinalou que diversas mensagens culturais expresas pelas instituições sociais também participam da emergência dos campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, na inter-relação entre pessoa e ambiente. Essa ideia também pode ser vista em Deniels (2016), que apontou para o papel regulatório das relações e das instituições sociais no plano cognitivo e afetivo do ser humano. Assim, as instituições humanas, com destaque para a família e as instituições educacionais, têm um papel fundamental na relação entre os seus participantes e as sugestões sociais, que se expressam através de signos.

As instituições humanas transmitem mensagens que permitem aos seus participantes a recontextualização da sua posição subjetiva no mundo. A relação dialética entre o discurso institucional e o indivíduo torna possível ao discurso pedagógico estabelecer processos afetivos-semióticos que engendram diversos significados, refletindo na posição subjetiva que as pessoas assumem em suas vidas. O discurso pedagógico tem potencial para participar da produção de identidades dentro de um dado contexto temporal e espacial (Deniels, 2016).

Através da síntese das mensagens culturais, o ser humano cria uma cultura pessoal, regulada semioticamente por signos que orientam a sua experiência e composta por grandes estruturas de significação que o indivíduo constrói sobre si mesmo, os outros e o mundo, os quais funcionam como sistemas abertos na experiência imediata no ambiente. É a noção de que

os indivíduos constroem, negociam e transformam significados através de um *auto* e heterodiálogo que oferece novas perspectivas e posições subjetivas no mundo (Valsiner, 2021).

Por estarem sempre em relação bidirecional com a cultura coletiva, expressa em sugestões sociais do contexto cultural, a cultura pessoal está sempre em movimento. Essa relação bidirecional entre culturas coletiva e pessoal resulta sempre de situações dilemáticas que se expressam na separação inclusiva e a coexistência de significações nos quais as relações entre significados complexos são alterados, possibilitando a emergência de novas posições resultantes de significados ambivalentes, coexistindo numa mesma circunstância (Madsen et al., 2019).

Nessa perspectiva, Valsiner (2014a; 2021) criou o modelo de regulação semiótica, em que o ser humano, na relação com o ambiente, cria signos para regular suas ações, pensamentos e sentimentos de acordo com a irreversibilidade do tempo. No fluxo desta, o signo diferencia-se da experiência imediata, orientando o indivíduo para o futuro, tanto na ação *in loco* quanto na oportunidade de extensão ao longo do tempo de uma determinada possibilidade numa perspectiva futura (Valsiner, 2021). Desta maneira, o contexto e o fenômeno são considerados interdependentes e não podem ser separados um do outro, pois um signo sempre emerge no fluxo da experiência regulando as ações dos indivíduos. Assim, através da inter-relação entre os signos e a produção de significados, Valsiner (2021) propõe uma nova perspectiva para pensar a causalidade dos fenômenos psicológicos através do conceito de catálise.

Desde o seu surgimento, em sua maioria, a psicologia científica tem trabalhado com um modelo linear de causa e efeito na análise dos fenômenos psicológicos. Esse modelo busca prever e explicar mudanças em determinados fenômenos psicológicos, considerando-os em uma perspectiva linear em que um determinado ponto A irá causar B, baseando-se principalmente no modelo estatístico de distribuição normal, que estabelece relações arbitrárias de causalidade, e procura um nexos causal de maneira linear e unidirecional para questões psicológicas (Cabell & Valsiner, 2014). Porém, esse modelo de causalidade apresenta alguns problemas de difícil solução, como apontaram Cabell e Valsiner (2014) e Valsiner (2014b). Segundo os referidos autores, ele ignora ou deixa em segundo plano a relação sistêmica e contextual entre os fenômenos psicológicos, falhando em prover generalizações a partir de abstrações arbitrariamente estabelecidas. A busca pelo fator causal deixou opaco o caráter contexto-dependente do fenômeno psicológico, desconsiderando a sua multiplicidade e a sua variabilidade.

Cabell (2011) indica que esse é um problema ainda maior para a psicologia no mundo atual, marcado pela globalização e pela diversidade de contextos socioculturais, acentuando,

ainda mais, com a necessidade econômica de ter que responder ao sistema capitalista de produção e criar um mercado de produtos psicológicos. Esse tipo de razão utilitarista gera como efeito uma certa tendência de colocar o trabalho teórico da Psicologia num espaço periférico, favorecendo um modelo quantitativo artificial e unidirecional de causa e de efeito.

Um dos primeiros psicólogos que propôs um novo modelo alternativo de causalidade foi Kurt Lewin, em 1920. Ele importou o conceito de catálise da química e formulou que o fenômeno psicológico estava condicionado à situação presente e ao conjunto de forças que estão inseridos no campo psicológico no qual ele ocorre. Essa perspectiva proporciona uma interpretação sistêmica e qualitativa à causalidade, com compreensão qualitativa e condicional da causalidade também presente entre os psicólogos gestaltistas de Berlim, em 1920, influenciados, sobretudo, pelo Prêmio Nobel de Wilhelm Ostwald, em 1909 (Cabell & Valsiner, 2014) e pela Fenomenologia de Husserl, no começo do século XX (Asworth & Chung, 2006; Husserl, 2006).

A Psicologia Cultural Semiótica, visando recuperar essa história que tem sido deixada em segundo plano pela chamada psicologia “mainstream”, retomou o conceito de catálise advindo da Química para compreender a causalidade dos fenômenos psicológicos. O conceito de catálise mudou a história da Química, proporcionando um grande avanço científico na passagem do século XIX para o XX, pois através dele esta ciência assumiu seu lugar: que estuda as reações das substâncias através dos seus subcomponentes. As reações químicas são explicadas através da corrente de relações que produziu determinado resultado, a partir de uma perspectiva sistêmica (Valsiner, 2014b). Desse modo, a Química estuda quais elementos tornam possível que uma substância passe de um estado para outro; em suma, quais deles podem inibir ou promover determinada reação química. Esses elementos não causariam uma substância, mas sim proporcionariam condições para catalisar uma reação, que ocasiona a passagem de uma substância de um estado para outro. Essa concepção afetou até o nome científico dado às substâncias químicas, que representariam não mais a sua essência, mas o modo particular como que elas reagem com outras substâncias, gerando novas sínteses (Cabell & Valsiner, 2014; Valsiner, 2014b).

Nessa concepção, a catálise, na Psicologia, fundamentaria a investigação de quais as condições que possibilitariam a passagem de um estado psicológico para outro; ou seja, quais as condições tornariam possível a emergência, a inibição, a manutenção e o desaparecimento

de determinado fenômeno psicológico. Por exemplo, no experimento de Pavlov⁴, com o cachorro não foi o estímulo do sino que o fez salivar, mas sim o próprio Pavlov que funcionou como catalisador e proporcionou as condições para que isso ocorresse (Cabell, 2011; Valsiner, 2014a). Dessa maneira, Cabell (2011) afirma que a catálise é uma metáfora para entender o que seria uma psicologia das condições, pois o elemento é o que catalisa determinado estado psicológico, não o que o causa. Esses elementos regulam determinados estados psicológicos, dando suporte para a sua constrição, seu surgimento e sua inibição, visto que os catalisadores têm o papel de coordenadores, nos quais seus mecanismos têm a função de iniciar/ativar, terminar/desativar e dirigir/conduzir os fenômenos psicológicos.

Na perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica, os catalisadores são signos que constroem, inibem e promovem determinadas ações. Sempre de maneira contexto-dependente, na situação presente e orientado para o futuro, os signos regulam a relação das pessoas com o mundo, catalisando determinados estados psicológicos. Os signos advêm da relação das pessoas com o ambiente, considerando a bidirecionalidade entre a cultura coletiva e a cultura pessoal (Valsiner, 2014a; Valsiner, 2014b).

No ambiente existem signos que fornecem diversas sugestões sociais, constituindo a semiosfera que proporciona um determinado horizonte interpretativo para o indivíduo, e que devido à condição humana de *meaning-making*, as pessoas compulsivamente buscam e produzem significados nessa semiosfera. Esse processo acontece através da semiose, como foi destacado acima: na busca de encontrar significados através de significações ambivalentes a partir da síntese dos signos expressos nas mensagens culturais do ambiente, na experiência imediata. Com isso, os significados são dados através das relações estabelecidas entre diferentes signos, engendrando, assim, as significações (Kull, 2014).

Nesse contexto, a catálise ocorre a partir de signos e permite que aconteça o processo de semiose, de maneira a constriam, promover ou inibir determinados estados psicológicos, surgindo deste vínculo particular e causal que condiciona e coordena esse estado, derivada do processo de semiose, o qual, por sua vez, ocorre a partir do *Self*, entendido como semioticamente constituído; bem como no *umwelt*, no qual a pessoa busca dar significado às suas experiências no mundo de maneira bidirecional, através do modo como vivencia o ambiente, no encontro entre as culturas coletiva e pessoal (Innis, 2018; Kull, 2014).

⁴ O experimento de Pavlov ocorreu no começo do século XX. Ele consistiu em treinar um cachorro para salivar tocando um sino todas as vezes que ele se alimentasse. Desse modo, através do condicionamento o cachorro passou a salivar com o estímulo do sino sem ausência do alimento. Esse experimento foi fundamental para a compreensão do comportamento reflexo na psicologia moderna.

Portanto, na relação com o mundo, são catalisados signos nos processos de semiose no âmbito do *umwelt*, que proporcionam às pessoas a construção de significados e orientam suas ações na direção futura. Essa catálise ocorre através dos signos personificados de cada indivíduo, que é único e singular, e consistiria numa estrutura de significação relativamente estável e sistêmica que o indivíduo atribui a si mesmo, de modo que cada pessoa cria sua própria maneira de se relacionar com o mundo, sempre envolta de contexto-dependente, através do seu sistema de regulação semiótica, que é uma expressão dos signos personificados emergidos na experiência imediata (Innis, 2018; Kull, 2014).

Em consonância com essa perspectiva, Kull (2014) apontou que quando o processo de semiose apresenta signos no qual emergem significações ambivalentes, o indivíduo comumente utiliza signos relacionados às experiências anteriores de vida, partem do *Self* e no *umwelt* vivenciado pela pessoa. Essa ideia coaduna com as afirmativas acima apresentada por Innis (2018), que indica que o afeto, surgido da relação bidirecional entre o *Self* e o mundo, interrompe o processo de semiose eterno e torna possível a significação, depreendendo-se que algo se torna catalisador para a pessoa devido a uma relação afetiva estabelecida com o mundo através de seu *Self* e no *umwelt*.

Essa relação é sempre contexto-dependente, de modo que os catalisadores podem funcionar de maneira externa e interna: quando acontecem de maneira interna, eles advêm sempre de encontros anteriores da pessoa com o mundo; já os externos ocorrem através do ambiente e suas sugestões no plano afetivo e simbólico. Assim, esses catalisadores não causam determinados estados psicológicos, como os sentimentos e pensamentos, mas fornecem condições para a sua ocorrência (Beckstead, 2010), pois, de maneira afetivada, tornam possível a regulação semiótica e a construção de significados. Assim, o que é catalisador na experiência pessoal de alguém permite compreender como ela regula semioticamente seu mundo. Por exemplo, se um cachorro de uma pessoa morre e, no mesmo dia, ela sai na rua e encontra outro animal que, de alguma maneira a lembre desse fatídico evento, esse signo pode catalisar uma série de estados afetivos e significativos, como tristeza ou um processo de luto, que ela irá atribuir a essa experiência.

Dessa maneira, conclui-se que algo se torna catalisador para uma pessoa por ser afetivamente constituído; isto é, está ligado ao *umwelt*; ou seja, à maneira como a pessoa vivencia subjetivamente os espaços. Esse *umwelt* abarca afetos que são significados através dos signos personificados e as sugestões sociais do ambiente. Assim, investigar o que é catalisador para uma pessoa permite conhecer as dinâmicas de seu sistema de regulação semiótica e como ela, de alguma maneira, vivencia o *umwelt*.

A partir do que foi discutido até o momento, é possível compreender que os conceitos de semiose e *umwelt* são fundamentais para construção da significação na inter-relação entre pessoa e ambiente, porém, foi identificado uma lacuna no que tange a dimensão sensorial, pré-reflexiva e afetiva nos referidos conceitos na Psicologia Cultural Semiótica. A intenção desse estudo é ampliar o conhecimento de como a dimensão afetiva se expressa nessa inter-relação pessoa *versus* mundo, através da Psicologia Cultural Semiótica, considerando a dimensão sensorial e fenomenológica, no qual infere-se, a qual pode contribuir para o desenvolvimento desses aspectos na referida teoria, considerando o que foi identificado ao longo desse capítulo, de que carecem ainda de uma maior compreensão (Branco, 2021; Valsiner, 2021a; 2021)

Portanto, pode-se compreender que os hábitos constituem os níveis primários do modelo afetivo-semiótico de Valsiner (2014a), expressando-se fenomenologicamente no nível sensorial primário na experiência imediata do indivíduo no ambiente no *umwelt* (Branco, 2021; Valsiner, 2014a). Desta maneira, ao vivenciar o ambiente através do *umwelt* e semiose, realiza-se uma negociação de significados em que o indivíduo co-constroi sobre si, as outras pessoas e o mundo, e as mensagens culturais do ambiente, que se expressam primariamente no nível sensorial, visando ampliar essa compreensão de como ocorre a inter-relação entre indivíduo e ambiente no nível fenomenológico, como propõe esse trabalho, buscando entender topologicamente como as fronteiras psicológicas emergem na experiência imediata da pessoa em seu contexto cultural. A próxima seção discorrerá sobre a Fenomenologia de Husserl; a Teoria de Campo de Kurt Lewin; e o Conceito de Espaço de Vida (1939;1951). Defende-se o argumento que este pode ser entendido como a representação topológica da semiose e do *umwelt*.

Fenomenologia de Husserl e o conceito de espaço de vida na Teoria de campo de força, de Kurt Lewin

A Fenomenologia é um campo filosófico e científico criado por Edmund Husserl (1859-1938) como contraponto ao cartesianismo e ao positivismo científico no final do século XIX. Ambas as perspectivas advogavam contra a noção analítica de decomposição dos fenômenos para estudar a relação entre as suas diversas partes. Neste sentido, essas matrizes de pensamento operaram uma separação entre sujeito e objeto, considerando os fenômenos psicológicos como substâncias que poderiam ser dissecados e estudados de maneira apartada do contexto no qual emergiam (Abramov & Junior, 2016; Husserl, 2006).

Husserl (2006) criticou o psicologismo da época, advindo de Wundt, por considerar a mente como uma entidade abstrata e natural; e propôs a Fenomenologia como um modo de acessar a essência dos fenômenos através da experiência vivida. A Fenomenologia Husserliana tomou emprestado a concepção de intencionalidade de Franz Brentano (1838-1917), e concebeu que todo ato de ter consciência de alguma coisa é indissociável da apresentação dessa coisa como fenômeno na experiência vivida e imediata do indivíduo. Para Husserl (2006), toda percepção de algo acontece na experiência vivida em primeira pessoa e de maneira pré-reflexiva, contribuindo para a concepção da relação das pessoas com o espaço como fundamental para o entendimento de fenômenos do campo psíquico.

Influenciados pela perspectiva husserliana, a compreensão de que o espaço serve como promotor ou inibidor dos estados psicológicos foi debatida pelos psicólogos da Gestalt, especialmente por Kurt Lewin (1939; 1951) através da sua teoria de campo de força. A Psicologia da Gestalt já advogava pela noção de que os fenômenos psíquicos só poderiam ser compreendidos em sua totalidade e na experiência humana (Asworth & Chung, 2006).

Motivada pela Fenomenologia de Husserl (2006) e buscando romper com a concepção analítica e atomista de Wundt e cartesiana de separação entre sujeito e objeto, a Psicologia da Gestalt buscou compreender a vida mental a partir da totalidade, pois todo fenômeno psicológico ocorre na experiência e em movimento, e não como uma soma de processos separados. Nesse sentido, todo objeto só pode ser percebido em sua continuidade, na relação interdependente entre as suas diversas partes que formam um todo perceptual (Asworth & Chung, 2006). Assim, o ambiente não é opaco, está sempre interrelacionado fenomenologicamente com as ações individuais do ser humano.

Seguindo a tradição dos gestaltistas, Lewin (1939) apontou que existem forças no ambiente que são percebidas do ponto de vista fenomenológico e se expressam sob o nível psicológico no indivíduo (Asworth & Chung, 2006). Essas forças pressionam e tendenciam o comportamento das pessoas em direção a determinados objetivos de forma situacionalmente contextualizada (Lewin, 1951). Dessa maneira, a vida psicológica do ser humano está imbricada e indissociada com os ambientes e os grupos sociais no qual ele está imerso. Para Lewin (1939), o mundo subjetivo psicológico do indivíduo, o que ele caracterizou como espaço de vida, é influenciado por fatos sociais. Por fatos sociais, entende-se que são os diversos grupos e relações sociais que o indivíduo participa, em maior ou menor grau, no decorrer de sua vida. Os grupos são interdependentes, influenciados por diversas forças que o colocam sempre num equilíbrio quase estacionário.

Assim, o Espaço de vida é composto de regiões, no qual estão imersos aspectos geográficos, sociais, ideológicos e temporais, constituindo os diversos fatos sociais no qual o indivíduo vai se relacionando ao longo de sua vida, e estes são compreendidos como parte do mundo individual das pessoas e configuram os seus objetivos, conforme a sua ideologia pessoal, constituída no decorrer de sua trajetória de vida, a qual se faz em meio a um conjunto de forças psicológicas que tensionam em nível individual as ações dos indivíduos. A gestão dessas tensões depende da valência positiva ou negativa (no sentido de inibir ou promover ações do indivíduo) adquirem para o indivíduo, estando diretamente associadas às suas particularidades e às configurações sociais e culturais do seu contexto de vida (Lewin, 1939; 1951).

Dessa maneira, para Lewin (1939), o ambiente psicológico deve ser considerado funcionalmente como uma parte de um campo interdependente, um espaço vital, no qual a outra parte é a pessoa. A instabilidade do ambiente psicológico leva, em alguns aspectos, portanto, a uma maior instabilidade da pessoa. Assim, para o autor uma estabilidade psicológica significa ter relações e regiões muito bem definidas e um espaço de vida altamente diferenciado: sob tais circunstâncias, qualquer grande mudança significa um grande número de etapas em relação mútua. Assinala-se que a instabilidade psicológica não é uma patologia ou anormalidade, mas um processo que pode ocorrer na vida dos seres humanos e pode ser vivenciada psicologicamente de maneiras diversas.

Através da Teoria de campo, de Lewin (1939; 1951), depreende-se que o estado psicológico de uma pessoa inter-relaciona-se com o conjunto de forças que tensionam o comportamento numa determinada situação, revelando a relação do indivíduo com o ambiente, e a Teoria de campo de força é um recurso importante para conhecer como a pessoa se relaciona com as forças de um ambiente, num determinado momento e contexto de sua vida. Nessa perspectiva, para Lewin (1939;1951), o comportamento individual só pode ser compreendido em sua totalidade e dentro do campo do indivíduo, de modo que, para compreender o espaço de vida de uma pessoa, é necessário conhecer a sua trajetória e os diversos grupos que frequenta, considerando todas as forças do espaço de vida de um indivíduo, tensionando-se em maior ou menor grau, em direção a um determinado objetivo.

Em consonância com a Biossemiótica e Psicologia Cultural Semiótica, pode-se conceber que Espaço de vida de Lewin está relacionado com o conceito de *umwelt* (Ireland, 2015; Sevilla, 2005; Valsiner, 2021), visto que ambos se referem à inter-relação do indivíduo com o ambiente, levando em consideração a maneira como ele vivencia os diversos espaços em nível fenomenológico, sensorial e afetivo. A diferença nos dois conceitos reside no fato de que enquanto o espaço de vida refere-se a uma dimensão topológica, apontando como as diversas

forças sociais constituem os processos psicológicos (Lewin,1939); o *umwelt* focaliza nos aspectos semióticos e de produção de significados (Carriere, 2013; Uexküll, 2004).

Assim, as Forças do campo podem ser consideradas como elementos catalisadores do comportamento e dos estados psicológicos do indivíduo (Cabell e Valsiner, 2014). O Espaço de vida expressa, a nível topológico, como o ambiente vivenciado pela pessoa e as diversas forças são contextos de significação que resultam no comportamento individual. Destarte, esse conceitos trazem um desenvolvimento para dimensão afetiva e sensorial da semiose, contribuindo para um maior entendimento de como os afetos participam da construção de significados na Psicologia Cultural Semiótica.

Portanto, a partir dos conceitos de Espaço de vida e *umwet*, é possível ampliar a compreensão da semiose como um campo de carácter fenomenológico. Através da experiência em primeira pessoa no modo como o ambiente se apresenta para o indivíduo, ou a atitude Femenológica como preconizava Husserl (2006) ao propor um modo de conhecer o mundo, rompendo com uma tradição cartesiana de separação entre mente e corpo; e pessoa e mundo (Abramov & Junior, 2016). A partir da perspectiva sensorial, fenomenológica e afetiva da semiose e do Espaço de vida, aponta-se para uma compreensão dos fenômenos psicológicos contextualmente localizada, torando possível a formulação de uma proposta de entendimento do sofrimento psíquico e das psicopatologias a partir da Psicologia Cultural Semiótica. Assim, a partir das noções estabelecidas até o momento, na próxima secção será traçada uma noção cultural semiótica do sofrimento psíquico.

Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico

Abramov e Junior (2016) tecem críticas à maneira de, como ao longo da história, em diversos momentos a Psiquiatria e a Psicologia, baseadas em um paradigma cartesiano e positivista, geralmente compreendem os chamados fenômenos psicopatológicos, partindo de um viés racionalista clássico, elas centram-se numa perspectiva de causa e efeito para descobrir a suposta causa das psicopatologias. Para tanto, utilizam-se de um modelo analítico, no qual ocorre a decomposição do fenômeno em partes com a finalidade de catalogar e classificar as causas do sofrimento humano. Desse modo, pautando-se na noção cartersiana de separação entre mente e corpo, essas perspectivas entendem fenômenos psicopatológicos como produtos de desajustes de mecanismos na mente, com base no tratamento em modelos pré-formatados, focando especialmente na remissão de sintomas dos transtornos mentais. Além disso, trabalham

com as funções psíquicas como isoladas e estáticas, desconsiderando o dinamismo dos fenômenos psicológicos. Nessa perspectiva, por exemplo, os afetos são entendidos de uma maneira estática e isolados do contexto em que emergem⁵ (Abramov & Junior, 2016; Neto & Messas, 2016).

Entretanto, os autores apontam que existem três problemas de difícil solução nesse paradigma de entendimento dos fenômenos psicopatológicos. O primeiro diz respeito a um problema semiológico, no qual é difícil classificar e medir estados subjetivos e mentais, resultando numa dificuldade de mensurar de forma precisa o sofrimento psíquico. No momento em que o indivíduo faz uma narrativa de um problema psíquico, ela está trazendo um autorrelato, o que nos padrões de um viés cartesiano, racionalista e científico clássico diminui a precisão por se tratar de um fenômeno subjetivo e que depende sobretudo de uma interpretação pessoal. Dessa maneira, num paradigma quantitativo-analítico, é possível questionar até que ponto é possível classificar e mensurar fenômenos psicopatológicos (Abramov & Junior, 2016).

O segundo é um problema nosológico, que consiste na busca da etiologia desses fenômenos psicopatológicos. É difícil classificar, dentro de uma grande variabilidade de comportamentos do ser humano no qual o existir apresenta uma grande diversidade e depende, sobretudo, do contexto histórico e cultural, modos como as pessoas se comportam; dessa maneira, corre-se o risco de considerar patológico um comportamento relacionado a um desvio de uma determinada norma considerada moralmente aceita em determinado contexto cultural. Esse critério pode favorecer quais modos de existir são considerados inadequados para um determinado grupo social que detenha o poder possam servir de parâmetro de normalidade, excluindo todas as pessoas que não se encaixam naquilo que é considerado como aceitável (Abramov & Junior, 2016). Um exemplo dessa questão é a homossexualidade, considerada um transtorno mental até a década de 1990, nos manuais de classificação de doenças mentais. Essa classificação resultava de uma concepção social em que a heterossexualidade era considerada “normal” e “natural”, e todas as sexualidades que divergiam desse padrão eram compreendidas como “patológicas”.

O terceiro problema diz respeito ao dilema sobre a tipologia de comportamentos humanos, considerados patológicos: é uma variante do mundo ou algo que está sendo causado por fatores estressores deste mesmo mundo. Em outras palavras, é um dilema se essa tipologia

⁵ Destaca-se que essa crítica refere-se a um modelo racionalista clássico cartesiano na psicologia e psiquiatria que foi dominante no século passado. Atualmente, diversos modelos terapêuticos têm tentado superar essa problemática. Nesses modelos, funções psíquicas e problemas psicológicos assumem uma perspectiva dinâmica e são considerados de acordo com o contexto da pessoa. Exemplos dessas perspectivas serão vistas mais adiante neste estudo.

é endógena ou causada pelo contexto cultural no qual o indivíduo vive. Essa perspectiva abre o questionamento sobre os fenômenos psicopatológicos, são variações quantitativas de uma mente “normal” ou é uma tipologia dentro de um determinado contexto social (Abramov & Junior, 2016).

Essas críticas endereçadas à Psicologia, Psiquiatria, psicopatologia e as áreas que se dedicam ao estudo dos fenômenos psíquicos, no geral, tem já uma tradição dentro das humanidades. Nessa perspectiva, destaca-se a crítica de Dilthey (2008) sobre a impossibilidade da equivalência epistemológica entre as Ciências Naturais e Humanas, já que seus objetos de estudo têm uma natureza diferente. Enquanto o objeto das Ciências Naturais apresenta um padrão constante, os seres humanos são atravessados pela historicidade, dificultando a compreensão de comportamentos humanos fora de seu contexto histórico (Dilthey, 2008). Com isso, modelos cartesianos, analíticos e causalistas apontam para um problema lógico na compreensão do sofrimento psíquico, já que a cultura acaba sendo desconsiderada ou ficando em segundo plano em seus modelos explicativos, o que impacta a capacidade de generalização garantida por se ancorar na perspectiva quantitativa (Abramov & Junior, 2016).

Esses questionamentos tocam profundamente nos limites das pesquisas citadas no capítulo dois, que sumariamente encontra altos índices de fenômenos psicopatológicos em estudantes universitários. Em sua maioria, os estudos são baseados em critérios diagnósticos sintomatológicos, utilizando-se de escalas intersubjetivas e autorrelatos. Isso coloca questionamentos quanto à precisão dos instrumentos, já que existe um discurso social de patologização do sofrimento (Abramov & Junior, 2016; Leão et al., 2019), no qual a universidade está imersa⁶. Por isso, qualquer coisa que a pessoa pense ou sinta e que seja considerado desconfortável ou fora de uma “normalidade” pode ser considerado por ela mesma como fruto de um transtorno ou patologia, enviesando não só seu autorrelato e as respostas das escalas, mas também a narrativa apresentada nos contextos de pesquisa e de atendimento com uma instituição ou profissional de saúde mental.

Dessa maneira, Abramov & Junior (2016) propõem um novo paradigma em saúde mental, considerando o sofrimento humano, sobretudo, em sua dimensão qualitativa; ou seja, o fenômeno psicopatológico deve ser buscado de acordo com a realidade perceptual da pessoa, compreendendo o sofrimento psíquico através dos sentidos e significados que ela expressa, e as classificações nosológicas seriam consideradas como uma parte e não como representantes

⁶ Salienta-se novamente que não pretende-se aqui desconsiderar ou romantizar o sofrimento psíquico, mas sim apontar os limites de uma visão estritamente nosológica para as psicopatologias.

desse fenômeno. O sofrimento psíquico diz respeito a uma dimensão experiencial, no qual estão imersos uma multiplicidade de fatores que funciona como catalisadores de determinados campos afetivo-semióticos, que trazem prejuízos para o indivíduo na sua relação com o mundo e consigo mesmo.

Em adição a essa perspectiva, Neto e Messas (2016) assinalam que ao contrário da abordagem fisiopatológica, que seria a contraparte da medicina somática em relação à psicopatologia (denominada pelo autor de psicopatologia operacional), os fenômenos psíquicos são parte do funcionamento do mundo psíquico do indivíduo e não se vinculam diretamente a órgãos palpáveis e observáveis. Nas últimas décadas, a psicopatologia adotou como paradigma principal uma compreensão operacional do sofrimento psíquico, definindo os transtornos mentais por critérios específicos e previamente definidos, porém, especialmente a partir de meados dos anos 2000, essa perspectiva tem sido questionada cada vez mais em suas bases, principalmente por não interrogar os fundamentos filosóficos, antropológicos e a natureza dos chamados “transtornos mentais” (Neto & Messas, 2016).

Primeiramente, cabe ressaltar que o ideal de precisão no qual a psicopatologia operacional se baseia tem apresentado uma série de problemas na prática clínica diária. No ponto de vista de Messas e Neto (2016), esse modelo resultou num significativo empobrecimento na capacidade diagnóstica e de observação em boa parte da psicopatologia atual. Neste sentido, os autores apontam para a existência de uma intensa discussão atual até que ponto diagnósticos dos manuais em saúde mental, especialmente a Classificação Internacional de Doenças (CID) e o Manual Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM), representam realmente a experiência de alguém que está em sofrimento psíquico (Abramov & Junior, 2016; Messas & Neto, 2016; Rodrigues, 2020).

Essa tem sido uma questão relevante também na Psicologia Clínica, a qual, nas últimas décadas, têm se pautado numa perspectiva experimental para determinar quais tratamentos seriam mais adequados para determinado transtorno. Porém, as críticas a essa perspectiva têm se acentuado, pelo fato de que o sofrimento psíquico não tem a mesma natureza que as ciências naturais, o que permite estabelecer leis e princípios de funcionamento, devido à constância de seus objetos de estudo. Os estudos experimentais, em sua grande maioria, trabalham com situações artificiais do ponto de vista clínico, reduzindo os problemas do paciente à sintomatologia de determinado transtorno. Porém, o ser humano tem um alto grau de variabilidade por estar imerso em contextos culturais diversos, resultando que muitas/os psicólogas/os clínicas/os relatam ter dificuldades em generalizar os modelos experimentais de

tratamento para suas/seus pacientes na prática clínica cotidiana (Sousa, 2017; Smedslund, 2012; Smedslund & Ross, 2014; Wampold & Imel, 2015).

Portanto, Alice Holzhey- Kunz (2018) apresenta a necessidade de pensar o sofrimento psíquico numa dimensão hermenêutica; ou seja, ao invés de somente procurar sintomatologias para classificar nosologicamente os transtornos psicopatológicos, é necessário compreender os sentidos e os significados desse sofrimento como parte da existência da pessoa. Nesta dimensão, não se buscam critérios de anormalidade e de causalidade para classificar uma patologia que seria expressa em sua sintomatologia, mas sim quais sentidos e significados subjazem uma determinada experiência que a tornam “sofrida” do ponto de vista da pessoa que sofre.

Ao considerar que a psicopatologia estuda fenômenos do campo psíquico que são considerados patológicos, adentra-se no terreno da Psicologia. Dessa maneira, para investigar o sofrimento psíquico, necessita-se de uma dimensão qualitativa, buscando no que ele se diferencia de outros fenômenos psicológicos (Abramov & Junior, 2016; Neto & Messas, 2016; Rodrigues, 2020). Em outras palavras, questiona-se quais as dimensões psicológicas e existenciais que emergem nas pessoas em situação de sofrimento psíquico.

Neste sentido, Hayes et al. (2022) trouxe a necessidade de compreender o sofrimento psíquico levando em consideração aspectos idiográficos para proporcionar um tratamento psicológico individualizado, a fim de que o acompanhamento esteja de acordo com a realidade do indivíduo. Na mesma linha de raciocínio, autores da psiquiatria como Neto & Messas (2016) e Jim Van Os (Zorzaneli & Banzato, 2020) têm trazido a importância de propor modelos que vão além do diagnóstico psiquiátrico e levem em consideração a experiência subjetiva da pessoa. Deste modo, conforme os autores supracitados, identifica-se uma tendência na saúde mental contemporânea de propor alternativas ao modelo cartesiano e analítico de compreensão do sofrimento psíquico, como apontam Wampold e Imel (2015) e Sousa (2017).

Na psicologia clínica, um exemplo desse empreendimento é a criação do paradigma da Psicoterapia Baseada em Processos, cuja perspectiva defende a atuação e a pesquisa em psicologia clínica pautada em processos psicológicos subjacentes ao sofrimento psíquico, considerando a realidade do indivíduo, através da análise funcional do comportamento (Hoffman, Hayes & Lorscheid, 2023). Ainda em construção e com uma margem considerável de desenvolvimento, Philippot et al. (2018) argumentam que esse paradigma precisa de uma maior valorização dos aspectos epistemológicos do que é realizado num processo psicológico comum. Outro ponto importante é que ele não foca na construção de significados na relação com o ambiente: fator extremamente relevante na experiência subjetiva.

Outro exemplo de modelo que foi desenvolvido na década de 1960 e teve um acentuado avanço nos últimos 20 anos foi o dos fatores comuns em psicoterapia. Ele defende que o foco de tratamentos padronizados em transtornos mentais acaba por deixar de lado aspectos humanos e subjetivos extremamente relevantes para a eficácia terapêutica. Desse modo, há um entendimento de que fatores comuns a todos os modelos psicoterápicos devem ser o foco na psicoterapia e, embora seja de extrema relevância a discussão de que esse paradigma trouxe para a psicologia clínica, ainda carece de uma formulação de como o sofrimento psíquico seria compreendido em sua proposta (Wampold & Imel, 2015; Sousa, 2017).

Outra referência para esta abordagem é o movimento na saúde mental que propõe o paradigma da recuperação em lugar da centralidade nos diagnósticos e a remissão de sintomas, tendo em vista que a recuperação diria respeito a uma busca por um processo profundo pessoal de mudança de valores, atitudes, sentimentos e objetivos de vida, relevantes para se ter uma vida significativa do ponto de vista existencial, enfrentando as limitações do transtorno mental, com merecida valorização sobre a importância da comunidade e valores socialmente compartilhados, no processo de recuperação do indivíduo (Zorzanelli & Banzato, 2020). Em resumo, pode-se concluir que existe uma lacuna na saúde mental atual no que tange a modelos que levem em conta tanto aspectos idiográficos e subjetivos para compreender o sofrimento psíquico. Segundo Freire et al, (2020), essa lacuna fica ainda mais evidente nos trabalhos sobre esse fenômeno em estudantes universitários, que apresentam de forma majoritária uma perspectiva analítica e cartesiana, se fazendo extremamente importante uma abordagem alternativa para a compreensão do sofrimento psíquico a partir de uma dimensão subjetiva que contribua com as diversas iniciativas realizadas para a saúde mental na última década.

Depreende-se que o referencial teórico da Psicologia Cultural Semiótica coaduna diretamente com essa perspectiva de estudar o fenômeno psicopatológico em sua dimensão qualitativa. Valsiner (2012;1014a) e a perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica trazem a necessidade de estudar os processos psicológicos a partir de como eles se expressam nas singularidades dos indivíduos para, então, generalizar as funções psicológicas universais nesse processo. Vale ressaltar que essa proposta se aproxima da Fenomenologia de Husserl (2006), que propõe conhecer a estrutura essencial e a apresentação dos fenômenos para consciência em primeira pessoa, através da experiência singular das pessoas. Esse é um modelo teórico metodológico que se diferencia de uma concepção estatística de compreensão dos fenômenos psíquicos nas pesquisas da área, provendo generalizações a partir dos aspectos significativos individuais relacionadas aos fenômenos (Abramov & Junior, 2016).

Além da perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica, a Teoria de campo de força, de Kurt Lewin, oferece uma ampliação sobre esse fenômeno, dialogando com a concepção de que o indivíduo e a sociedade são interdependentes, estando sempre em uma relação bidirecional, assim como propõe a Psicologia Cultural Semiótica (Favareau, 2008; Lewin, 1939; Valsiner, 2012; 2014a; 2021). Em outras palavras, os fenômenos psicológicos acontecem nessa relação com o mundo, caracterizada de semiose, na qual estão imersas dimensões culturais e pessoais de maneira interconectada, e a noção de *umwelt* é nodal nesse processo. Assim, o espaço de vida do indivíduo (Lewin, 1939) consiste nas bordas e fronteiras das experiências psicológicas concebidas de maneira topológica; ou seja, é na tensão entre campos de significação diversos na experiência de um indivíduo, num determinado campo, que fenômenos psicológicos emergem e são catalisados. Nesse sentido, a experiência humana surge da ambivalência de significações na relação bidirecional que a pessoa estabelece com as mensagens culturais, no qual, em sua maneira de vivenciar o ambiente (o *umwelt*), estão imbricadas à sua história de vida e às sugestões culturais do ambiente (Tateo, 2018; Tateo & Marsico, 2019).

Portanto, na Psicologia Cultural Semiótica, a noção de *umwelt* é central para a compreensão das relações afetivas das pessoas com os espaços, as quais se fazem através do conceito de *affectivating* e do modelo de regulação afetivo-semiótico, que diz respeito ao processo de significação dos afetos e como a pessoa age sobre o ambiente para ativar determinados estados afetivos acontecidos no *umwelt* (Branco, 2021; Carriere, 2013; Cornejo et al., 2018; Valsiner, 2014a). Assim, o *umwelt* é o ponto-chave para entender os processos afetivos do ser humano e a maneira como cada ambiente é vivenciado por cada indivíduo, concordantes com a noção de que, no encontro com objetos e pessoas, aspectos sensoriais são primeiramente percebidos, orientando toda a construção semiótico-afetiva de significados. O *umwelt* serve como suporte primário para a construção de significados, permeada por estados afetivos, através da semiose (Carriere, 2013; Cornejo et al., 2018; Reis et al., 2018).

É importante destacar que, nesta concepção, o *umwelt* ocorre de maneira fenomenológica, através do conhecimento em primeira pessoa, de modo que todo ato perceptivo ocorre através da experiência vivida com os objetos do mundo, no qual estão imersos componentes sensoriais e afetivos relacionado ao modo como os componentes significativos do ambiente aparecem na sensopercepção de maneira pré-reflexiva, cuja marca se faz no entrecruzamento da temporalidade, de modo que elementos do passado e possibilidades futuras se apresentam na experiência presente e proporcionam a atribuição de significado sobre as coisas do mundo (Asworth & Chung, 2006; Husserl, 2006;). No nível mais básico, os organismos vivos têm a pele como elemento sensorial primário que irá orientar a decodificação

de signos no processo de semiose (Ireland, 2015; Sevilla, 2005), estabelecendo uma atmosfera afetiva na vivência dos espaços culturais, visto que as qualidades afetivas estão relacionadas à negociação de mensagens culturais, sendo que o primeiro nível do processo afetivo-semiótico de significação acontece de maneira sensorial (Fossa, 2018).

Esse estudo, portanto, parte do entendimento de que o sofrimento psíquico é um tipo de semiose, em que a pessoa estabelece relação com os diversos contextos sociais de sua vida, percebendo o sofrimento psíquico como um campo afetivo-semiótico hipergeneralizado cristalizado, mediando a relação da pessoa com os espaços sociais de forma rígida e que trazem um mal-estar, do ponto de vista qualitativo ao indivíduo (Branco, 2021; Cornejo & cols, 2018; Valsiner, 2021; 2014a). Ressalta-se, nesta perspectiva, a importância dos afetos como primeiro elemento sensorial que aparece fenomenologicamente na experiência imediata da pessoa no ambiente (Husserl, 2006; Valsiner, 2014a).

Devido à temporalidade, os afetos advindos da experiência imediata relacionam-se sobretudo aos hábitos e grandes estruturas de significação que são catalisadas na semiose, que emergem na negociação de significados relacionados à história de vida do indivíduo num dado contexto sociocultural (Favareau, 2008; Hoffemeyer, 2008).

Para entender clinicamente esse campo hipergeneralizado de significados, catalisado na semiose e relacionado ao sofrimento psíquico, utiliza-se como recurso o *Two-stage semiotic model* (TSSM). Esse modelo foi proposto recentemente para compreender mudanças ocorridas no processo psicoterapêutico e tem como referencial teórico a Psicologia Cultural Semiótica (Genarro, 2011; Genarro et al., 2016), o qual assegura que toda interpretação de uma experiência é guiada por significados generalizados e carregados afetivamente, denominados de significados superordenados, mediados pelas premissas pessoais que constituem o senso de *Self* da pessoa. Os significados superordenados são construídos sempre na relação bidirecional com o contexto e auxiliam na formação da noção de identidade do indivíduo, os quais apresentam um caráter psicopatológico, quando emergem de forma rígida e trazem prejuízos qualitativos na relação entre a pessoa e o mundo (Genarro, 2011; Genarro, et al., 2016). A partir da Psicologia Cultural Semiótica, pode-se considerar que os significados superordenados fazem parte da cultura pessoal do indivíduo e tem como particularidade, justamente se referir aos signos personificados, aquilo que a pessoa reconhece como sendo ela ou dela (Innis, 2018). Desse modo, todo processo de significação ocorre através na negociação de significados, por vezes ambivalentes, entre o indivíduo e o ambiente através de signos (Genarro, 2011; Tateo, 2018), responsáveis pela regulação do indivíduo em suas ações, consistindo no processo de semiose explanado neste trabalho (Favareau, 2008). Esses signos podem expressar os

significados superordenados, expressos em *auto* e heterodiálogos, entre indivíduo e contextos culturais, resultando em relações não funcionais do ponto de vista qualitativo da pessoa com o seu mundo (Genarro, 2011).

Ressalta-se que essa proposta difere de uma perspectiva cognitivista no sentido em que esses significados não consistem em crenças rígidas ou distorções cognitivas, de modo que a experiência imediata e os significados que emergem dela ficam em segundo plano. Ela faz menção a uma perspectiva semiótica e sistêmica, na qual signos do ambiente catalisam esses significados superordenados, que ocorrem na inter-relação com a semiosfera do contexto cultural catalisados no processo de semiose. Logo, eles não consistiriam somente em erros de viés e interpretação, como apontam diversas correntes cognitivistas na clínica psicológica, mas também nos modos de regulação semiótica que são catalisados em diversas situações da vida e estão sempre em negociação, nas diversas situações do cotidiano do indivíduo (Genarro, 2011; Genarro et al., 2016).

Essa perspectiva traz uma compreensão singular da clínica psicológica e para o entendimento de como funciona processo psicoterápico, constituindo um espaço de co-construção no qual paciente e terapeuta negociam a emergência de significados, representações, histórias e questões relativas ao mundo compartilhado em que ambos vivem. Com isso, é possível compreender a psicoterapia e outros modelos de intervenção em Psicologia Clínica como uma prática social baseada na troca e na construção de significados, indicando um encontro dialógico entre paciente e psicoterapeuta. Esse diálogo torna possível produzir mudanças nas diversas significações construídas pela/o paciente na experiência imediata nos diversos contextos em sua vida, expressos através dos signos utilizados para regular suas ações no cotidiano (Genarro, 2011; Genarro et al., 2016; Salvatore & Valsiner, 2014; Smedslund, 2012).

Neste sentido, a partir de uma perspectiva cultural semiótica, pode-se compreender que, no sofrimento psíquico, significados superordenados emergem no processo de semiose. Esse processo acontece através do *umwelt*, no qual o nível afetivo é primordial na construção de significado, que se expressa de maneira fenomenológica e sensorial (Carriere, 2013; Favareou, 2008; Genarro et al., 2016; Husserl, 2006). O espaço de vida do indivíduo (Lewin, 1939) é a representação topográfica de todos esses fatores que ocorrem entre indivíduo e ambiente, apontando todas as forças psicológicas que compõem o seu campo afetivo-semiótico hipergeneralizado, em dada situação de sua vida. As forças no espaço de vida e suas respectivas valências representam campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, através dos hábitos e espaços sociais frequentados pelo indivíduo. Esse processo é delineado, neste trabalho, como o

Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico e pode ser visualizado na figura abaixo:

Figura 1

Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico



Fonte: O Autor

Nele, o sofrimento psíquico diz respeito à vivência do indivíduo no ambiente (*umwelt*), no qual, no plano sensorial e fenomenológico, a semiose catalisa determinados afetos. No processo de produção de significação desses afetos emergem os signos personificados, que participam do processo de produção dos significados superordenados. O sofrimento psíquico se refere a significados superordenados que se expressam em campos afetivos semióticos hipergeneralizados, cristalizando significações catalisadas na semiose, com uma alta carga afetiva cujas palavras não conseguem traduzir de maneira exata o que a pessoa sente e pensa. Desse modo, ocorre uma negociação entre os hábitos do indivíduo e as mensagens culturais do ambiente na experiência imediata nos diversos contextos culturais de forma cristalizada,

trazendo significações rígidas que trazem dificuldades do ponto de vista qualitativo para a pessoa.

Logo, o sofrimento psíquico caracteriza-se por proporcionar campos afetivo-semióticos que resultam numa dificuldade na linha do que Canguilhem (2009) preconizou. A pessoa apresenta problemas para modificar a si mesmo e ao mundo, ficando estagnada num determinado tipo de regulação semiótica com diversos aspectos de sua vida. Essa cristalização afeta as atitudes, valores, sentimentos, objetivos de vida etc., resultando em insatisfações e falta de esperança em diversos aspectos da vida, de acordo com proposta do movimento de recuperação social (Zorzanelli & Banzato, 2020). No sofrimento psíquico, são afetadas as relações sociais, com o mundo e consigo mesmo, tendo que ser analisado do ponto de vista da singularidade do indivíduo nos contextos em que vive.

Portanto, este estudo utiliza como referencial teórico o Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico para compreender as significações relacionadas ao sofrimento psíquico. Esse modelo apresenta uma noção que leva em conta a história de vida do indivíduo e o contexto cultural no qual está imerso, fazendo referência a uma coconstrução de um estado psicológico que expressa um determinado significado negociado entre a cultura pessoal e a coletiva. Assim, para compreender a expressão do sofrimento, é necessário identificar os fatores significativos do ambiente que estão catalisando determinados significados superordenados e campos afetivos semióticos hipergeneralizados. Todos esses aspectos são expressos de maneira topográfica no espaço de vida da pessoa, que representa dialeticamente como esses campos afetivo-semióticos são percebidos na experiência imediata, o que, no caso do sofrimento psíquico de estudantes universitários, é uma perspectiva que leva em conta a análise dos fatores sociais (os modos de organização das instituições) como os individuais (a história de vida do indivíduo) de maneira interrelacionada, propiciando uma perspectiva singular na análise do referido fenômeno.

CAPÍTULO 3 - MÉTODO

Abordagem teórico-metodológica

A abordagem teórico-metodológica utilizada neste estudo foi qualitativa de cunho idiográfico, buscando compreender o fenômeno a partir do ponto de vista dos participantes em seu ambiente natural e em sua relação com o contexto no qual estão inseridos, sendo, portanto, uma pesquisa que objetiva entender e explorar os sentidos e os significados que indivíduos ou grupos sociais atribuem a um dado problema. Dessa maneira, a análise dos dados é construída a partir das particularidades em direção aos aspectos gerais (Creswell, 2010; Sampieri et al., 2014).

Já os estudos idiográficos têm como principal característica a utilização de casos individuais, buscando a generalização através do diálogo com outras pesquisas realizadas sobre o tema. Dessa maneira, os resultados produzidos são contrastados com outros achados em outras pesquisas, proporcionando um acúmulo de conhecimento sobre o fenômeno estudado. Nesse tipo de abordagem as particularidades são fundamentais para a construção de um saber geral (Valsiner, 2012).

Essa abordagem metodológica levou em consideração o fato de que o fenômeno da pesquisa proposta envolve diversos aspectos, entrelaçados na experiência pessoal do indivíduo: desde questões institucionais relacionadas às universidades e às políticas públicas educacionais para o ensino superior quanto à história de vida e aspectos individuais dos participantes.

O desenho de pesquisa foi inspirado no estudo de caso exploratório fenomenológico (Di Domenico & Cassetari, L, 1999; Peres & Santos, 2005), compreendendo que estudo de caso exploratório tem como finalidade a formulação de novas áreas de pesquisa ou de abordagens para lidar com determinado fenômeno ou aspecto estudado, ao passo que o desenho fenomenológico compreende as singularidades do fenômeno através da vivência dos indivíduos. Assim, este estudo pretende compreender qualitativamente o sofrimento psíquico no contexto universitário, observando as possíveis similaridades de processos psicológicos que podem indicar uma certa estrutura essencial dele. Foi utilizado esse desenho de pesquisa, para entender o o sofrimento psíquico, especialmente no contexto universitário (Di Domenico & Cassetari, L, 1999; Peres & Santos, 2005)

Participantes

Os participantes deste estudo foram estudantes universitários de graduação e pós-graduação da UFBA, atendidos em um projeto de plantão de acolhimento do Grupo de pesquisa e extensão intitulado “Investigações em Psicologia Cultural” (CULTS), em parceria com o Programa de Saúde Mental e Bem-estar na Universidade (PsiU/UFBA), da Pró-reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE). Esse programa oferece apoio psicológico à comunidade acadêmica da Universidade Federal da Bahia (UFBA), mas, em virtude da alta demanda durante o período da pandemia da Covid-19, especialmente no segundo semestre de 2020, o Grupo de pesquisa e extensão intitulado “Investigações em Psicologia Cultural” (CULTS), passou a contribuir com as ações do PsiU, prestando acolhimento psicológico à toda comunidade da UFBA. Mas, no final de 2021, o referido Grupo passou a oferecer acolhimento psicológico à comunidade externa da UFBA, por meio de atendimentos individuais, na modalidade de atendimentos de acolhimento. Já o PsiU, surgiu no ano de 2017 com o intuito de fazer frente às experiências recorrentes, por vezes acentuadas, de sofrimento psíquico entre os discentes, docentes e servidores da UFBA, constituindo a Rede de Proteção Psicossocial da UFBA, uma ação surgida durante a pandemia e que visou estimular e criar projetos para atender as demandas universitárias da instituição, principalmente no contexto de pandemia da Covid- 19⁷.

O plantão de acolhimento psicológico do CULTS oferta atendimentos no formato remoto. Os acolhimentos são realizados por estudantes de psicologia e psicólogas/os formadas/os (em caráter voluntário), com a supervisão semanal de psicólogas/os. Os estudantes são vinculados ao projeto através de um projeto de extensão universitária, devidamente registrada no SIATEX/ UFBA, seguindo todas as orientações do Conselho Federal de Psicologia (CFP) para estágios e atividades *online* na graduação em psicologia (CFP, 2020).

A proposta do projeto não é funcionar no formato de atendimento psicoterápico, mas oferecer uma escuta às urgências subjetivas. Os acolhimentos consistem em uma proposta que passeia entre a psicoterapia breve e o plantão psicológico, consistindo em uma modalidade de atendimento breve em psicologia clínica (Freire & Hessel, 2023; Mahafoud, 2012). A psicoterapia breve refere-se a uma modalidade clínica psicoterápica com tempo de duração pré-

⁷ A normativa com a criação da referida rede encontra-se nesse link:

https://ufbaemmovimento.ufba.br/sites/ufbaemmovimento.ufba.br/files/rede_protecao_psicossocialfinal.pdf

determinado e possui objetivos e estratégias terapêuticas focados em uma questão específica vida da pessoa.

Já o plantão psicológico é uma prática criada Serviço de Aconselhamento da Universidade de São Paulo (USP) na década de 1960, e tem como proposta acolher pessoas em urgência psíquica e situações de crise, caracterizado por ser um dispositivo clínico flexível, que acontece em um ou poucos encontros, cujo objetivo dessa modalidade de atendimento é construir novas reflexões e pontos de vista do paciente sobre suas demandas e encaminhá-lo para serviços de saúde ou outros locais, quando necessário.

O Projeto de acolhimento faz um diálogo entre as duas modalidades, de maneira que trabalha com os objetivos específicos e o foco da psicoterapia breve e a noção de urgência, crise psíquica e a construção de novas compreensões do paciente sobre sua demanda (Freire & Hessel, 2023). Desse modo, cada acolhimento tem 10 encontros, no qual foca-se em uma questão emergencial, que esteja trazendo sofrimento para a pessoa acolhida, e ao final, caso seja necessário, faz-se encaminhamentos necessários à demanda da pessoa atendida. Os participantes deste estudo foram estudantes universitários de graduação e pós-graduação da UFBA que foram atendidos no referido plantão de acolhimento. Visando atender a proposta do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico no qual baseou-se esta tese, os casos analisados não foram selecionados de acordo com uma sintomalogia ou nosologia específica. O critério de seleção será exposto adiante, na seção dos Instrumentos.

Instrumentos e Procedimentos para Produção dos Dados

Como instrumento para a Produção dos Dados, este estudo inicialmente tinha como proposta inicial um estudo de caso, cuja fonte de dados viriam de uma entrevista semiestruturada e outras fontes, como o relato ampliado das sessões. Nesta pesquisa, os casos analisados centraram-se estudantes universitários da UFBA que foram atendidos no projeto de acolhimento, citado acima, através da entrevista e dos relatos dos acolhimentos das pessoas que atendiam no serviço.

Porém, por questões relacionadas à pandemia, que impediram encontros presenciais com acolhedoras/es que atendiam no serviço, e com usuários que foram atendidos no projeto e não permitiu acordo prévio com participantes da pesquisa sobre o uso dos seus relatos ampliados. Desse modo, por questões éticas, o pesquisador não pode usar os relatos dos atendimentos como dados para o estudo proposto, visto que seria uma fonte de dados que iria

quebrar o sigilo dos atendimentos realizados, o que poderia configurar uma quebra no código de ética da Psicologia (CFP, 2020). Assim, seria necessário um acordo prévio com os usuários do projeto para a utilização dos relatos dos atendimentos, o que não foi possível devido às restrições sanitárias relacionadas à pandemia da Covid-19. Destaca-se também a falta de uma padronização na escrita do relato ampliado dos acolhedores, que poderia ocasionar em futuros problemas relacionados à análise dos dados. Entretanto, alguns princípios do estudo de caso, como o método de seleção dos participantes, foram mantidos (Peres & Santos, 2005).

Os critérios para selecionar os casos que compuseram o estudo e a análise dos dados foram baseados nas recomendações de Peres e Santos (2005). Eles assinalam a importância dos estudos de caso escolherem casos representativos em relação aos objetivos da pesquisa. A seleção dos participantes ocorreu através do levantamento de todos os casos atendidos no projeto de extensão, vinculado do Cults em parceria com o PsiU. Foram selecionados os participantes que: 1) Tinham sido atendidos por, pelo menos, seis sessões de acolhimento. Esse critério foi utilizado com o objetivo de conhecer em profundidade a problemática trazida pela pessoa atendida; 2) Não apresentassem sinais de algum transtorno mental severo, como a esquizofrenia, por exemplo, por fugirem ao escopo do estudo; 3) Que no período que realizaram o acolhimento estivessem matriculados em um curso de graduação ou pós-graduação na UFBA 4) Que relatassem estar em sofrimento psíquico e tivessem alguma relação com a universidade⁸.

A partir deste primeiro levantamento, foram identificados 22 participantes em uma primeira etapa. Após contato telefônico e, ou via *WhatsApp*, três estudantes que tinham sido acolhidos pelo projeto de extensão demonstraram interesse em participar da pesquisa. Foi realizado com eles uma entrevista semiestruturada que, segundo Sampieri & cols (2014), é útil quando se quer investigar determinados fenômenos através da experiência pessoal dos participantes. No caso, essa pesquisa centrou-se no sofrimento psíquico de estudantes universitários e suas relações com a universidade. As entrevistas ocorreram no formato remoto através da plataforma *google Meet* e gravadas para posterior transcrição. A escolha do formato remoto se deu devido às condições sanitárias relacionadas com a pandemia da Covid-19, que impediu a realização de encontros presenciais. O roteiro de entrevista foi construído com base na perspectiva de Valsiner (2021), de espaço de vida de Lewin (1939) e na Fenomenologia de Husserl (2006), o que pode ser visualizado no apêndice I.

⁸ O critério para considerar que o sofrimento psíquico tinha relação com a universidade foi considerado quando a pessoa entendeu que elementos da vida universitária estavam relacionados de forma direta ou indireta com a sua situação atual. Para identificar esse critério, as/os plantonistas sugeriram nomes de pessoas atendidas para o pesquisador e forneceram alguns relatos dos atendimentos.

A transcrição das entrevistas foi enviada para os participantes, a fim de que pudessem ler sobre o seu relato. Todas elas/es poderiam excluir ou incluir na entrevista a informação que desejassem. Esse procedimento visou não somente resguardá-los de qualquer informação que não gostariam de divulgar, mas também acrescentar possíveis novas informações a partir da leitura inicial do material conconstruído com o pesquisador. Esse procedimento buscou também ampliar as fontes de dados sobre os participantes sobre sua própria perspectiva.

Trabalho analítico

A análise das entrevistas focou nas dinâmicas semióticas (Valsiner, 2012;2014) envolvidas no sofrimento psíquico dos estudantes universitários, bem como na análise topológica do espaço de vida desses estudantes, tal como proposta por Lewin (1939;1951). Dessa maneira, nas entrevistas o enfoque centrou-se nas interpretações que os estudantes forneceram à sua situação de sofrimento, identificando os sentidos e os significados atribuídos ao fenômeno. Nesse sentido, a análise ocorreu através dos seguintes pontos: 1) Quais as interpretações que os estudantes atribuem às dinâmicas afetivas relacionadas ao seu estado de sofrimento psíquico; 2) Quais signos estão relacionados a esses estados; 3) Analisar os afetos presentes no estado de sofrimento psíquico e como eles participam da construção de significados relacionados a esse fenômeno; 4) Quais signos da vida universitária podem ter servido para catalisar esse estado de sofrimento psíquico; 5) Como se configura o espaço de vida desses estudantes.

Visando responder aos objetivos geral específicos, a análise foi organizada nos seguintes tópicos: campos afetivo-semióticos hipergeneralizados relacionados ao sofrimento psíquico (1); signos que participaram da interpretação do sofrimento psíquico (2); e construção de significados associados a esse sofrimento psíquico (3). Seguindo a proposta fenomenológica de categorização dos dados (Di Domenico & Cassetari, 1999; Sampieri et al., 2014), houve a leitura exaustiva do material. Após esse processo, levantou-se as categorias através das unidades de significação (Andrade & Holanda, 2010) e as dinâmicas afetivas semióticas engendradas por elas (Valsiner, 2012; 2021).

A partir dos significados e das estruturas de significação encontradas na análise, traçou-se o espaço de vida dos participantes de acordo com o seu relato sobre as experiências de sofrimento psíquico em paralelo à realização de uma leitura a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico. Visando responder ao objetivo geral desse

estudo, esse procedimento teve como finalidade compreender como determinados campos afetivos-semióticos e significados superordenados foram produzindo processo de semiose nas experiências de sofrimento psíquico, relatadas pelos participantes.

Posteriormente, seguindo a proposta idiográfica (Valsiner, 2012), esses dados foram contrastados com os estudos levantados na revisão de pesquisas já realizadas e com o referencial teórico adotado. Assim, a partir das particularidades de cada caso, foi possível construir um conhecimento geral sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários, proporcionando uma perspectiva singular dos principais aspectos semióticos que podem contribuir para a ocorrência desse fenômeno. Esses elementos serviram para identificar as significações relacionadas ao sofrimento psíquico, a fim de fazer uma interpretação à luz do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico.

Aspectos éticos

Este estudo seguiu as normativas das Resoluções n. 510, de 7 de abril de 2016, e 466/2012, do CNS (Brasil. MS, 2012, 2016). O procedimento de produção dos dados foi iniciado após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), do Instituto de Psicologia da UFBA, com o CAAE 41877120.8.0000.5686. Todos os participantes foram convidados a ler e preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O referido termo pode ser visualizado no apêndice II, fornecendo todas as informações pertinentes sobre a pesquisa. Como cuidados éticos, a pesquisa garantiu o sigilo dos participantes e evitou expor qualquer informação que possa identificá-los. Dessa maneira, os nomes utilizados foram fictícios e questões sensíveis que permitiam a identificação da pessoa foram omitidos ao longo deste trabalho. As entrevistas ocorreram no formato remoto, em lugar reservado para o participante, visando preservar o sigilo das informações sobre eles. As gravações das entrevistas foram armazenadas em arquivo na nuvem, numa conta em que somente o pesquisador tem acesso.

Posteriormente às entrevistas, visando garantir que qualquer informação indesejada fosse publicada, a transcrição foi enviada para que os participantes pudessem excluir ou acrescentar o que bem desejassem. Foi garantido um canal de comunicação com o pesquisador caso sentissem algum desconforto devido aos temas trazidos na entrevista. O acesso ao pesquisador visou, também, a possibilidade de orientação a possíveis instituições de saúde mental que pudessem acolher os participantes, caso necessitassem.

CAPÍTULO 4 – Caso Júlia

Júlia tem 26 anos, nasceu no interior de um estado do nordeste e se identifica como parda, do gênero feminino e orientação sexual homoafetiva. Quando a entrevista foi realizada ela tinha finalizado sua graduação na UFBA. Sua família mora num estado do Sudeste e ela se mudou para a cidade de Salvador com o intuito de realizar o seu curso de graduação em biblioteconomia no ano de 2017. Com a finalização da graduação, ela voltou para a casa de sua família.

Júlia chegou na cidade para morar com parentes e permaneceu ali até o início do ano de 2018. Um dos parentes era um tio evangélico que criou conflitos com devido aos livros que levava para casa, ele afirmava que aqueles livros eram proibidos em sua religião. No mesmo período, Júlia estava vivenciando uma fase de identificação e aceitação da sua sexualidade. Os conflitos vivenciados com esse parente resultaram na sua expulsão da casa onde residia e ela foi morar com uma amiga, chamada aqui de Cláudia. Ressalta-se que ela já recebia bolsa-auxílio da PROAE desde o seu ingresso na UFBA. Ela permaneceu de favor na casa de Cláudia, que era casada, tinha filhos e o marido estava desempregado. Júlia narrou que essa amiga era manipuladora e a humilhava, chamando-a, dentre outras coisas, de “parasita”. Além disso, Cláudia tirava uma parte razoável do dinheiro da bolsa que Júlia recebia. Por se sentir culpada em estar morando de favor na casa Cláudia, Júlia afirma que não reagiu em diversas situações pelas quais passou, chegando a se questionar se valia a pena continuar o curso de graduação diante de tanto sofrimento.

Em setembro de 2018, Júlia foi expulsa da casa de Cláudia devido aos problemas e conflitos ali vivenciados. Nesse mesmo período, ela começou um relacionamento com Marcela, caracterizado por ela como “horrível”, pois não conseguia se impor ou terminar a relação. Ao ser expulsa, ela pensou em ir para uma residência universitária de estudantes, mas desistiu da ideia diante da possibilidade de ter que dividir quarto com pessoas desconhecidas, tendo em vista tudo que havia ocorrido com ela até então. Assim, orientada por colegas e por uma secretária da PROAE, ela conseguiu um quarto individual em uma república, no qual permaneceu por dois anos.

Na república, ela vivenciou uma série de conflitos, roubo de pertences entre os estudantes, sendo esse ambiente descrito por ela como “caótico”. Além das dificuldades experienciadas, também enfrentou uma série de problemas no relacionamento com Marcela. Ressalta-se que no mesmo período Marcela terminou a relação que tinham.

Nesse período em que passou na república, ela relatou que as pessoas se aproximavam e se aproveitavam dela, sobretudo do ponto de vista financeiro, já que, além da bolsa da PROAE, ela também tinha uma bolsa de pesquisa. Nesse interím, ela destacou que a sua orientadora de pesquisa “pisava” nela, mas ela não conseguia reagir e se sentia “destruída”. Assim, um dos comportamentos que ela desenvolveu naquele momento foi de se isolar e começar a escrever até ficar com dor no pulso. Todas essas questões a levaram a ter dificuldades em frequentar as aulas, recebendo diversas faltas.

Diante dessas questões, Júlia fez psicoterapia com um profissional de psicologia durante alguns meses entre os anos 2019 e 2020. Com o andamento do processo psicoterápico, no ano de 2020 ela tentou se distanciar da imagem física que ela tinha entre 2018 e 2019, de modo que ela mudou o estilo de roupas que usava. Porém, nesse mesmo ano a pandemia emergiu, o que acarretou em diversas consequências em sua vida. A principal delas foi o fechamento da república, resultando na necessidade de ter que dividir o apartamento com outra pessoa, aqui denominada de Alice. Ela afirmou que a convivência era muito difícil, mas dessa vez ela tentou conversar e dialogar com a colega de quarto, embora não tivesse dado certo.

Outro problema enfrentado foi em relação às aulas remotas. Júlia relatou ter tido bastante dificuldade em acompanhar essas aulas, o que trouxe alguns prejuízos nas disciplinas durante o período e afetou o seu desempenho acadêmico. Esse foi o momento no qual ela procurou o acolhimento. Júlia relatou também sobre as ameaças de corte e diminuição do valor das bolsas devido ao contingenciamento de recursos das universidades federais e da educação no governo nos anos de 2021 e 2022.

Ela foi atendida no Projeto de Acolhimento (CULTS e PsiU) em duas ocasiões: a primeira ocorreu no começo do semestre, em 2021, e a segunda no final do semestre do mesmo ano, quando concluiu sua graduação. Na primeira ocasião, ela realizou as dez sessões previstas pelo referido programa, enquanto que na segunda ela realizou somente uma sessão. Sobre o motivo que a levou a procurar o acolhimento, Júlia relatou que o fator desencadeador foi uma ansiedade relacionada à conclusão do curso. O motivo da procura está destacado no trecho a seguir:

No PsiU foi por conta da conclusão do curso. Eu morava em Salvador por conta da universidade. Foi aproximando o período de conclusão de curso e como sou bolsista... quer dizer, até o momento ainda eu sou bolsista da PROAE da UFBA. Com a minha formação, a minha bolsa iria cortar e eu iria ficar sem renda. Deu aquela ansiedade de recém-formada, sem trabalhar na área e sem saber o que fazer, teria que voltar para casa dos meus pais. E estou aqui, inclusive, por causa disso. E a questão de voltar para a casa da minha mãe era uma questão pra mim porque eu estava há quatro anos

independente financeiramente dos meus pais. E aí voltar a depender deles e a relação não era muito boa antes de me mudar (Júlia).

Portanto, nota-se que no decorrer de sua graduação, Júlia passou por diversos problemas relacionados às dificuldades de moradia, dificuldades em alguns relacionamentos e a redução e ameaça de corte da bolsa estudantil. Visando compreender as significações relacionadas ao sofrimento psíquico de Júlia, organizou-se a análise nos seguintes tópicos.: Campos afetivo-semióticos hipergeneralizados relacionados ao sofrimento psíquico, signos que participaram da interpretação do sofrimento psíquico e construção de significados associados a esse sofrimento psíquico. Posteriormente, esses dados compuseram a compreensão do caso a partir do espaço de vida e do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico.

Campos afetivos – semióticos hipergeneralizados relacionados ao sofrimento psíquico

Na entrevista, Júlia expressou cinco campos afetivos- semióticos hipergeneralizados. Ressalta-se que a categorização ocorreu com base no relato dela, a partir do modo fenomenológico de analisar os dados produzidos, que parte da perspectiva em primeira pessoa da participante (Andrade & Holanda, 2010). O primeiro campo afetivo-semiótico relacionou-se com a insegurança (1), que estava ligado com uma preocupação com o futuro e de assumir responsabilidades em sua vida. A apreensão no que diz respeito ao porvir estava diretamente associada ao histórico de sua vida, originada num contexto de pobreza e com a perspectiva de trabalhar em empregos que não queria para garantir condições materiais para a sua sobrevivência. Aliado a esse fator, Júlia teve que conviver com uma ameaça constante de corte de bolsa, o que dificultaria e poderia inviabilizar sua permanência no curso de graduação. Um exemplo dessa questão pode ser evidenciada no seguinte relato:

E eu teria que trabalhar em empregos que eu não gosto tanto em Salvador, se eu fosse ficar em Salvador, ou aqui na minha cidade, que tem mais oportunidade nesse sentido. E também o fato de que eu estava dependendo muito dos outros para concluir a minha graduação. Foi um processo muito difícil a minha graduação. A bolsa me dava auxílio em dinheiro, mas tinham outras coisas que eu também precisava, por exemplo moradia era R\$ 630,00 até o auxílio RU aparecer, que ficou R\$ 1.080 reais. Mas ainda assim eu tinha que viver com 200 e poucos reais e depois tinha que tentar procurar estágio ou procurar ainda outra coisa⁹. E tudo isso com o medo de perder a bolsa¹⁰. Enfim, eu vivia

⁹ Existem alguns auxílios estudantis para estudantes em situação de vulnerabilidade social. Se o estudante opta por não estar na residência, ele recebe o auxílio-moradia. Ele também recebe uma ajuda financeira para custear sua alimentação. O auxílio RU (Restaurante Universitário) que Júlia se refere é o auxílio alimentação que foi dado devido ao RU ter ficado fechado durante a pandemia de COVID-19.

¹⁰ Como foi trazido acima, durante esse período as universidades públicas conviveram com o contingenciamento de recursos realizados pelo Governo Federal, afetando de forma marcante os auxílios estudantis.

de ajuda de amigos e de parentes. E, assim, minha mãe tem mesmo a obrigação moral de me aturar porque é minha mãe, mas os outros não têm a mesma obrigação e eu ficava me sentindo muito desconfortável (Júlia).

Outro ponto relacionado à insegurança em Júlia foi referente a assumir responsabilidades em sua vida, como exemplificado no trecho abaixo:

Tipo, graças à UFBA eu aprendi a pagar, resolver coisas de banco e tudo mais, contas etc. Eu tive que aprender a resolver e me virar, responsabilidade, eu sempre tive muito medo. Eu sou uma pessoa que tem muito medo de responsabilidades muitos grandes. Por exemplo, ser mãe eu tinha medo... tipo de ser responsável pela vida de outra pessoa. Ou fazer dívidas ou uma coisa menor como fazer dívidas ou assinatura de qualquer coisa porque eu teria que pagar aquilo, e enfim pra mim era uma coisa nossa, uau! (Júlia).

No que tange aos afetos relacionados a esses pontos ela demonstrou ansiedade, preocupação e medo. Estes aspectos apontaram para um grande estado afetivo de desconforto, expresso em decisões importantes em sua vida como terminar um relacionamento ou procurar por uma residência. Em paralelo a essa questão, outro campo afetivo-semiótico hipergeneralizado presente na entrevista foi a dependência (2) em relação às pessoas. De acordo com ela, essa dependência foi desenvolvida, sobretudo, no seu meio familiar. Segundo seu relato, em sua criação familiar a mãe tinha o costume de assumir responsabilidades por ela, o que gerou diversos desafios pessoais quando veio morar em Salvador.

Essa questão da dependência ficou evidente nos relacionamentos que ela teve com algumas pessoas ao longo do seu curso de graduação como, por exemplo, com companheiras de quarto, amigas/os e relacionamentos amorosos. Um exemplo que merece ser mencionado foi durante um período no qual ela teve um relacionamento amoroso com Marcela, em que vivenciou diversas situações consideradas por ela como “abusivas” e não conseguia se posicionar pelo receio de ficar sozinha. Esse campo afetivo-semiótico trazia consigo “depressão”, culpa, desconforto e um medo de ficar só. A situação com Marcela pode ser descrita no trecho abaixo:

Vivia em função de Marcela. Ficava só a li com ela o tempo todo porque era minha única companhia que me acompanhou durante toda a saga desde a expulsão até eu ir para aquela república [...]. Marcela foi também um problema, tipo ela piorava meu estado emocional. Ela falava coisas horríveis. Ela dava em cima, ficava assediando as meninas que moravam lá na república, falava isso na minha cara e eu ficava tipo sem reação [...]. Eu não tive nem energia para terminar. Meu relacionamento, eu pressionei para ela terminar comigo. Eu falei você não quer terminar comigo não? Foi exatamente assim que aconteceu para ela se sentir sabe? Nossa! Foi ela que deu a ultima palavra. Foi muito humilhante (Júlia).

Outro ponto relevante foi o campo afetivo-semiótico hipergeneralizado evitação (3), que tinha relação com a maneira encontrada por ela para lidar com diversas situações de sua vida e evitar conflitos. Ela também identificou que esse ponto teria sido resultante de sua criação familiar, quando ela relatou o seguinte: “Na minha família temos o hábito de não falar sobre os conflitos, ou a gente ignora até eles desaparecerem” (Júlia). Destarte, o modo como Júlia lidou com diversos momentos de conflito no decorrer desse período foi se isolar ou não reagir, optando por evitar embates. Essas questões trouxeram afetos relacionados ao isolamento, culpa e baixa de energia.

Uma situação marcante foi justamente como ela reagiu ao período do fim do curso e de conclusão do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em que relatou enfrentar uma grande ansiedade e preocupação com o futuro. Ela se isolou, saiu das redes sociais e parou de ter contato com as pessoas. O seu relato sobre esse período está destacado abaixo:

Eu estava saindo com as meninas na época porque eu sou lésbica. Depois, do nada, eu parei de responder a todo mundo, dei uma de *Ghost*, fantasma. Desapareci e não quis conversar com mais ninguém, sumi. Antes eu era muito ativa nas redes sociais e ficava postando fotos o tempo todo, aí desisti e sai. Parava de interagir com as pessoas para fazer absolutamente nada. Eu não queria fazer nada de absolutamente nada (Júlia).

Essas questões estavam relacionadas ao outro campo afetivo-semiótico hipergeneralizado que se referiu à passividade ou à agressividade em momentos de conflitos com outras pessoas (4). Júlia relatou que aprendeu com sua família a evitar embates e depois responder de forma mais agressiva. Em diversos momentos da entrevista ela indicou que sofrera situações nas quais se sentia mal ou humilhada e só conseguia responder de forma severa. Ela caracterizou esse modo de “Ir do passivo para o agressivo”, ou seja, como uma maneira de sair de situações difíceis em suas relações:

Antes era assim, eu ia da passiva ao muito agressiva, eu ficava calada engolindo várias humilhações diárias ou vou já na intenção tipo de esculachar a pessoa, brigar para acabar a relação de uma vez e eu seguir minha vida com aquela sensação de que falei tudo o que eu queria falar antes e eu não falei (Júlia).

Essa dinâmica apontada acima trazia afetos relacionados à agressividade e uma culpa com o ocorrido. Em consonância com o que foi apresentado até o momento, Júlia indicou um outro campo afetivo-semiótico hipergeneralizado relacionado com a sua identidade (5), expressa nos significados atribuídos ao modo de como agiu nas relações e nas situações relatadas na entrevista. Júlia apresentou uma visão depreciativa sobre si, marcada por afetos tais como vergonha e culpa, catalisados, sobretudo, pelo período que passou na sua graduação. Além dos diversos conflitos vivenciados, ela relatou que tinha uma simbiose com sua família

na construção da sua identidade. Pode-se considerar que essa questão pode estar relacionada com a transição para a vida adulta, através da qual experienciou rupturas relacionadas aos modos de pensar e agir, mudando a sua posição subjetiva diante da vida.

O período que passou em Salvador a ajudou a fazer uma separação com a sua família e aprender a lidar com diversas demandas do cotidiano. Portanto, ao mesmo tempo em que a universidade e as experiências vivenciadas em Salvador propiciaram direta ou indiretamente uma série de situações que tensionaram a “simbiose com a família”, também auxiliaram-na na promoção do desenvolvimento, propiciando-a novas trajetórias desenvolvimentais:

Primeiro eu aceitei minha sexualidade, meu primeiro ponto. Isso aconteceu na universidade. Eu descobri também, percebi, na verdade várias lacunas, problemas na minha comunicação que eu não tinha até estar completamente sozinha num estado e cidade em que eu não conhecia ninguém. Então, eu comecei a perceber coisas em mim que eu não percebia, quando morava na casa da minha mãe (Júlia).

Portanto, percebe-se que estudar numa outra cidade, na qual não tinha pessoas próximas e conhecidas, trouxe um complexo de negociação entre significados construídos em seu meio familiar e as demandas do cotidiano vivenciadas no *umwelt* e serviram de catalisadoras para novas possibilidades desenvolvimentais. Nessa concepção, a pessoa vivencia os ambientes através de um campo psicológico repleto de diversos tensionamentos. Para Lewin (1939), quanto mais instável for o campo psicológico do indivíduo, maior será a indefinição entre fronteiras e regiões, dentro do seu espaço de vida. Nesse sentido, destaca-se que o espaço de vida de Júlia apresentou uma falta de delimitação entre as diversas fronteiras psicológicas em seu cotidiano, relacionadas aos hábitos adquiridos em sua cidade natal e as exigências da vida em Salvador.

Para Tateo e Marsico (2019), todo sistema psicológico é composto de um campo de tensões, nos quais as fronteiras fazem emergir estados psicológicos diversos. Relacionando esse aspecto com a teoria do Espaço de Vida de Kurt Lewin (1939), considera-se que as fronteiras orientam os comportamentos e os estados psicológicos da pessoa e direcionam suas condutas no mundo.

No caso de Júlia, é possível concluir que existiu uma instabilidade psicológica que emergiu a partir do momento em que chegou a Salvador para cursar a graduação. Os diversos grupos com os quais se relacionou, sejam universitários ou não, trouxeram uma instabilidade no seu campo psicológico devido aos diversos tensionamentos entre regiões de sua vida. Os inúmeros problemas de moradia e de relacionamento dentro e fora da universidade geraram uma série de forças psicológicas que ela teve dificuldade em gerenciar.

A partir dessa análise, nota-se como as fronteiras do campo psicológico de Júlia estavam instáveis, pois uma série de forças psicológicas tensionaram seus comportamentos nos diversos espaços que frequentava, desde a família até as relações na universidade. Júlia, portanto, teve dificuldades em negociar todo esse conjunto de significados que emergiam. Com isso, é possível compreender que essa falta de delimitação e a maneira como ela lidou com essa questão contribuiu para a sua situação psicológica de sofrimento psíquico. Portanto, a partir dessa discussão, o próximo tópico apresentará uma análise dos signos que participaram das significações relacionadas ao sofrimento psíquico de Júlia.

Signos que participaram das significações sobre sofrimento psíquico

A partir da análise realizada, foi possível identificar três signos utilizados nas interpretações que Júlia atribuiu ao sofrimento psíquico, que foram a incerteza sobre o futuro/ansiedade (1), depressão / melancolia (2) e medo (3). Esses signos descreviam determinadas situações dilemáticas que traziam alguns problemas para Júlia e catalisaram significações relacionadas ao sofrimento psíquico. Neles, suas ações eram semioticamente reguladas com outras que lhe geravam problemas e sofrimento em diversas esferas de sua vida.

O primeiro signo, que apareceu de maneira predominante, foi a incerteza sobre o futuro e a ansiedade (1). Esse signo emergiu em situações como o corte de bolsas de estudo ou dificuldades relacionadas ao mercado de trabalho. Esses afetos (incerteza sobre o futuro e ansiedade) regularam estados que traziam muita aflição para Júlia, levando-a, muitas vezes, a ficar paralisada e se culpando por se sentir de tal modo. Um dos trechos que ilustra essa questão em que o signo “ansiedade” é mencionado, refere-se à sua descrição sobre ter de voltar para a casa de seus pais depois de concluído o seu curso de graduação: “atualmente, como eu te falei, eu estou no estágio de ansiedade generalizada por conta do futuro.” (Júlia).

De acordo com diversas pesquisas realizadas sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários no Brasil e no mundo, os sintomas de ansiedade têm sido frequentemente identificados nesse público (Storrie et al., 2010; Ibrahim et al., 2013; Bezerra et al., 2018; Freire, et al., 2020). Nesse sentido, destaca-se que o signo “ansiedade” na cultura atual se relaciona sobretudo a um estado psicológico imerso num contexto social em que as representações sociais sobre o sofrimento psíquico são ancoradas fortemente em um paradigma biomédico. Segundo Sousa et al. (2018), essa perspectiva coloca ênfase em aspectos individuais para compreender as patologias. Nesse sentido, um trecho trazido por Júlia denota bem essa situação quando ela se refere ao motivo de ter procurado atendimento psicológico em sua universidade pela primeira

vez devido a uma possível ansiedade: “Acho que foi por insistência, porque falaram você ainda está sem terapeuta e tal, e não está podendo pagar o atendimento psicológico social¹¹. Então, já que você está assim com ansiedade.”

Evidenciou-se também em seu relato o signo “depressão”/ “melancolia” (2), que apareceu, sobretudo, em situações nas quais Júlia se isolava ou se sentia sozinha diante de situações dilemáticas e de frustração com certos acontecimentos da vida. Ela sofria por antecipação com a possibilidade de trabalhar numa área profissional, com a qual não tinha afinidade:

Eu já tinha trabalhado também com administração em escritório e fiquei muito deprimida na época porque não era muito a minha onda trabalhar em administração e escritório. [...] Eu tive também umas crises de choro, também na época do final do curso por conta do emprego e eu me sentia muito sozinha. Assim, eu percebia que tinha alguma coisa muito errada acontecendo. E o isolamento também (Júlia).

Em contraponto a signos que na cultura assumem uma predominância patológica, Júlia apresentou o medo (3) como catalisador de estados psíquicos em situações através das quais demanda-lhe assumir responsabilidades e tinha que se posicionar sobre algo, como o fim do relacionamento, bem como evitar conflitos. O seguinte trecho ilustra o que foi descrito acima, quando ela relata: “Eu tinha muito medo de me posicionar ou acabava logo a relação pra não querer saber e ficar sempre sozinha, porque, para mim, era mais vantajoso ficar sozinha do que passar por aquela tortura de ter conversas difíceis, e enfim, eu não sabia muito bem como proceder.” (Júlia). Nesse sentido, situações permeadas afetivamente por esse “medo”, tornavam-se assustadoras.

É importante considerar que a entrevista aconteceu num momento de transição para Júlia que foi o final do curso de graduação. A finalização do curso e a consequente saída da universidade gera um campo afetivo de sentidos e significados que orientam as condutas e as ações dos estudantes. A saída da universidade pode ser considerada um período de transição e ruptura, emergindo, então, a necessidade do indivíduo reconfigurar a sua relação com o mundo, como aponta Zittoun (2012).

No caso de Júlia, a finalização do curso de graduação significou uma mudança do seu *status* social e a transição para a vida profissional. O olhar sobre a vida universitária tem se debruçado sobre a entrada do estudante na universidade, porém o processo de conclusão da

¹¹ Atendimento psicológico social refere-se a uma modalidade em que profissionais de psicologia abrem vagas de atendimento para pessoas que não podem pagar o valor inteiro da sessão. Porém, é possível perceber uma banalização desse termo atualmente, se referindo a um atendimento psicológico com custo reduzido, deixando em segundo plano a situação sócio econômica da/o paciente.

graduação e a consequente saída da universidade não tem sido objeto frequente de pesquisas (Coulon, 2017; Savarese et al., 2019; Freire et al., 2020). A saída da universidade cria um campo de sentidos e significados específicos e pode promover questões vivenciadas pelo indivíduo ao longo da sua trajetória acadêmica e de vida.

No caso de Júlia, a saída da graduação trouxe-lhe diversos desafios: falta de auxílio estudantil durante a graduação, questões familiares, preocupações com o futuro, inseguranças em relação a si mesma, dentre outras. Nesse sentido, a saída da vida universitária funcionou como um evento catalisador que criou condições para que o signo “ansiedade” emergisse novamente, vindo acompanhado do sofrimento psíquico. Na perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica, os signos catalisadores inibem ou promovem determinados estados psicológicos (Cabell, 2011; Valsiner, 2014). Assim, o fato de ter finalizado a graduação criou condições para que emergissem diversos aspectos ligados à sua história de vida, que se relacionaram com o seu estado de sofrimento psíquico. Na próxima seção será apresentada a análise da construção dos significados relacionados ao sofrimento psíquico de Júlia.

Construção de significados associados ao sofrimento psíquico de Júlia

No que tange à construção dos significados relacionados ao sofrimento psíquico apresentado por Júlia, foram identificados cinco campos de significação em esferas diferentes da sua vida. As categorias elencadas a partir da análise do caso foram (1) questões familiares, (2) vida profissional, (3) dificuldades de ordem pessoal, (4) problemas interpessoais e (5) vida universitária. Durante boa parte da entrevista, Júlia relatou questões familiares (1) relacionadas a muitos estados de sofrimento psíquico. Ela indicou uma aflição em relação à dependência emocional com relação aos seus pais:

Eu sempre falo que a relação com minha família é um pouco bizarra no meu ponto de vista. Depois que eu saí de lá, eu olho para trás, vejo que era uma simbiose tão absurda que minha personalidade, a minha identidade se fundia a da minha mãe, do meu pai, da minha irmã. Então, eu não sabia exatamente quem era eu. Se os meus gostos eram meus ou era da minha irmã? Era tudo muito confuso, tudo muito misturado (Júlia).

Além da preocupação com a vida profissional, que será explorada mais adiante, Júlia relacionou esse estado de ansiedade com essa volta para casa dos seus pais. Como pode ser notado nos excertos acima, Júlia mantinha uma relação muito próxima com os seus familiares, o que ela chama de “simbiose”, a qual reflete uma tradição histórica da família no contexto brasileiro. Segundo Samara (2002), desde os tempos coloniais, a família foi pensada, no Brasil, como uma instituição que dita normas de conduta e relações sociais.

Na história do país, a família apresentou-se como um lugar disciplinar, responsável por formar futuros cidadãos. Essa importância foi refletida no período conhecido como higienismo, no começo do século XX, no qual as instituições familiares foram *locus* de intervenção da Medicina e da Educação. O saber médico psicológico da época considerava que a família era o lugar de formação moral do indivíduo, influenciando diretamente no seu caráter e personalidade. Esse pensamento tem influência nos dias atuais, nos quais a família é marcada como um valor “sagrado” para uma parte considerável da população, como assinalaram Costa, (1979) e Samara (2002). Assim, principalmente com a mudança para Salvador, a dependência financeira e a autonomia passaram a ser uma questão importante para ela, já que começou a perceber problemas nas suas relações familiares.

Somado a isso, a vida profissional (2) era uma questão bem relevante para Júlia. Além da busca por um emprego que lhe proporcionasse a independência financeira, demonstrou uma outra preocupação relacionada a trabalhar em algo que não gostava. Júlia relatou que havia trabalhado com administração e tinha ficado deprimida no período, de modo que tinha receio de acontecer novamente. Nesse sentido, a passagem da graduação para o mercado de trabalho lhe causava uma grande aflição. Ressalta-se que, quando a entrevista foi realizada, ela estava desempregada e estudando para fazer concurso, como a única maneira de trabalhar em sua área. O trecho a seguir ilustra bem esse momento da sua vida profissional:

O fato de viver de bolsa também. Tipo, já tenho 26, até agora, só tive deixa eu ver.... Tirando o estágio, um emprego na minha vida e eu me sentia muito virgem de emprego. Eu achava que ser jogada no mercado de trabalho assim no susto ia ser muito problemático, e como é que eu ia fazer, aí todas essas questões (Júlia).

Destaca-se também o quanto os campos de significação relacionados à incerteza do mercado de trabalho estavam relacionados com o signo ansiedade. Nesse sentido, pode-se inferir que muitos signos, relacionados culturalmente com as psicopatologias, podem funcionar como signos do tipo campo, trazendo consigo um extenso espaço de significação que vai além dos sinais e sintomas psicopatológicos. No caso de Júlia, a sua incerteza estava relacionada não somente com questões de ordem individual, mas também ao contexto socioeconômico e da transição da vida universitária para o mercado de trabalho e para a fase adulta, fazendo-a assumir uma série de novas responsabilidades diante da vida. Esse período tem sido marcado por uma grande dificuldade, influenciando em diversas questões relacionadas ao sofrimento psíquico, como expressou Freire et al. (2022).

Júlia apresentou uma série de dilemas relacionados ao tipo de trabalho que gostava de realizar, bem como à questão da renda. Ela tinha uma grande preocupação de ter que trabalhar

a vida toda para poder ter acesso a bens materiais e a uma vida digna. Por conseguinte, tentava trabalhar em algo que fizesse sentido para ela, como na área de educação e cultura, por exemplo. Esses tensionamentos resultavam na emergência de um campo de significação relacionado à preocupação com o futuro, especialmente se tivesse que atuar numa área com a qual não tinha afinidade. A seguir, aponta-se um excerto do relato de Júlia vinculado a essa discussão:

Então, eu queria ser servidora pública, ter carreira, eu não queria ser servidora pública aleatória, porque eu tinha muito medo de ser demitida e porque acho que desde adolescente tenho uma questão com a sociedade capitalista, que é você vai trabalhar a sua vida toda até morrer. Praticamente vou trabalhar para sempre, mas metade da minha vida, da minha energia vital, vai ser em função do trabalhar para ganhar dinheiro e comprar paliativos para suavizar o fato de que eu não tenho vida. Então, eu queria trabalhar em alguma coisa que fosse e que me desse o mínimo de prazer ou que fizesse alguma utilidade, de modo em que eu me sentisse bem fazendo aquilo. Para mim, só educação e cultura (Júlia).

Diante do trecho acima, identifica-se que a grande ambivalência de Júlia é sobre ter vida \diamond não ter vida com o trabalho numa sociedade capitalista. A partir desse processo, emerge um terceiro significado que seria trabalhar naquilo que desse o mínimo de prazer (nesse caso, educação e cultura em contexto de serviço público). A emergência de significados gerava um grande campo de tensão em relação ao futuro, já que Júlia tinha muito receio de ir para uma área que não lhe desse prazer. Esses momentos vinham acompanhados de estados afetivos de ansiedade e aflição.

O outro campo de significados identificado foi relativo a dificuldades de ordem pessoal (3), que trouxe consigo problemas para fazer atividades de forma autônoma, falta de vontade para fazer as coisas e um conjunto de significados negativos sobre si. Em vários momentos da entrevista, Júlia relatou momentos de sofrimento psíquico, sobre as questões trazidas acima, relacionando-os com a educação familiar que teve (como exposto acima, ela relatou uma falta de autonomia e “simbiose” com a sua família). A mudança de cidade ocasionou uma série de tarefas e exigências que deveriam ser realizadas por ela, gerando diversos conflitos entre a sua educação familiar e o seu contexto de vida:

Eu gosto muito de escrever ou desenhar, só que eu faço isso de um jeito que prejudica a minha saúde, no sentido de ficar muitas horas naquilo até sentir dor na mão. Eu tenho um problema no pulso direito. Quando eu percebo que estou muito assim, quando está muito acentuado eu nem consigo escrever, abro o notebook, olho para folha e fico pensando, aí não sinto vontade de fazer nada de nada, absolutamente nada. E atividades que tenho fazer, eu sei que tenho que fazer, mas não consigo fazer, parece uma força invisível que me prende que eu não consigo simplesmente fazer. E eu estava assim na época. (Júlia)

Nesse sentido, pode-se inferir que quando Júlia vivenciava qualquer situação que denotava perigo ou deveria assumir responsabilidades, como no exemplo acima, ela regulava semiótica e afetivamente tais situações para evitá-las. De acordo com a psicologia cultural semiótica, o indivíduo regula semioticamente sua relação afetiva com os ambientes através da agentividade. Esse processo é entendido como *affectivating*, que aponta para o papel ativo da criação de significados que os seres humanos têm nas diversas situações de sua vida. A pessoa age no ambiente para inibir ou promover determinados estados afetivos, significados através das emoções (Carriere, 2013; Innis, 2018).

Esse processo de criação de significados é resultado dos hábitos que a pessoa expressa através do *umwelt* e as diversas situações que vive em sua vida (Fossa, 2018). Assim, pode-se inferir que nas situações anteriores vivenciadas por Júlia anteriormente à vinda para Salvador, as responsabilidades e conflitos não eram compreendidas como situações dilemáticas em sua vida. Os desafios vivenciados durante a graduação, por exemplo, que implicaram numa mudança para outra cidade e em novas relações com pessoas oriundas de outros contextos culturais, criaram novos desafios em sua vida e tensionaram os hábitos vivenciados no *umwelt*.

Outro ponto importante relativo às dificuldades pessoais foi o campo de significados que Júlia construiu sobre si, constituindo a sua identidade pessoal. Segundo Innis (2018), as pessoas personificam um sistema de signos que irá constituir a sua identidade pessoal, resultando em distintas maneiras qualitativas de sentir as coisas. Ressalta-se que a identidade está sempre em devir e em constantes transformação e negociação dialética entre a pessoa e os espaços que frequenta ao longo de sua vida. No caso de Júlia, foi possível identificar em dois momentos da entrevista nos quais apontou essa regulação semiótica sobre si: nos momentos em que expressava uma culpa e se considerava incapaz de realizar as atividades do cotidiano, bem como quando passou pelo primeiro processo psicoterápico antes de realizar o acolhimento no Projeto de Acolhimento (CULTS/PsiU). Nestes momentos, ela começou a regular semioticamente a relação consigo, tentando estabelecer uma nova visão sobre si própria.

Vale ressaltar, também no que tange à identidade pessoal, nos momentos em que achava que tinha algo errado consigo, Júlia se questionava se era algo normal ou uma patologia. Esses questionamentos emergiam especialmente quando observava o comportamento de outras pessoas, ou quando era dito algo para ela sobre a possibilidade de ter algum problema patológico. Os signos relacionados às classificações patológicas eram personificados e participavam do seu senso de *Self*:

Fui percebendo as coisas, cursando a faculdade que eu sou uma pessoa que tentava, tipo na minha cabeça é saudável, pra mim era saudável sair e conhecer outras pessoas, só

que eu fazia isso porque na minha cabeça eu iria fazer isso porque isso é saudável, mas não era uma coisa que eu queria fazer. Aí eu ficava me perguntando se era uma pessoa depressiva ou se é o curso natural comum da minha personalidade o fato de não gostar de festa e de muita gente. (Júlia)

Em paralelo às questões pessoais, Júlia apresentou um campo de significados relacionados às dificuldades nas relações interpessoais (4), expresso em situações de conflitos com outras pessoas. Ela também atribuía essas questões à sua educação familiar. Evitar conflitos se manifestava como uma maneira construída por ela para lidar com divergências ao longo de sua vida, gerando problemas de comunicação: “eu sou uma pessoa que junto muita coisa e depois explodo. Minha comunicação era bem pior do que é hoje, eu acho que melhorou um pouco, mas preciso melhorar mais.” (Júlia).

Júlia desenvolveu uma maneira de se relacionar com as pessoas evitando e adiando conflitos, e do ponto de vista interpessoal e intrapessoal, intensificando sua “explosão” em momentos posteriores, nos quais ela não conseguia dar um significado aos afetos que emergem de maneira intensa. Um exemplo marcante diz respeito ao seu medo de assumir grandes responsabilidades na vida, adiando a resolução de questões como o fim do seu relacionamento com Marcela, por exemplo. Por esse ângulo, pode-se considerar o modo como ela vivenciava situações no qual emergia a necessidade de assumir responsabilidades, negociações de significados, relacionados emergiam no *umwelt*. Esse diálogo intepretativo é o próprio processo de semiose, permitindo a criação de hábitos por parte dos seres humanos que lhes dão a capacidade de antecipar e prever situações, como expressou Hoffmeyer (2008). Assim, todas as situações nas quais vinham à tona significados interpretados como conflito e a possibilidade de assumir responsabilidades geravam um tensionamento que produzia desconforto e, conseqüente, sofrimento psíquico.

Desse modo, as relações pessoais de Júlia e os momentos nos quais tinha que fazer alguma atividade eram permeados por grande ambivalência. Ela apresentava um tensionamento entre significados contruídos em sua vida na cidade de origem, especialmente na vida familiar, e as demandas e sugestões sociais que surgiram quando foi morar para Salvador. Nesses momentos, sempre emergiam questionamentos relacionados a si mesmo:

Se eu sentia que não dividisse minhas coisas com as pessoas, tinha alguma coisa errada comigo, que não era para ser assim, eu não podia ter algo só meu, tinha que dividir com as pessoas. Só que assim, às vezes eu passava necessidade por conta disso, porque era impossível, não controlava isso (Júlia).

No excerto acima é possível notar a tensão entre os campos de significados dividir <> não dividir suas coisas com as pessoas. Essa questão foi algo que Júlia aprendeu com a sua família em sua cidade de origem, estabelecendo tensionamento com novas situações vivenciadas na universidade e em Salvador. Diante disso, emergiu um terceiro significado, de ter algo errado com ela, construindo um significado depreciativo sobre si mesma.

Por fim, o último campo de significados identificado diz respeito à vida universitária (5), no qual os pontos centraram-se sobretudo no corte de bolsas de estudos, relação com os professores e problemas de moradia, especialmente na residência universitária. Júlia vivenciou de maneira contudente a insuficiência financeira do auxílio estudantil e questões relacionadas à moradia, pois estava vivendo numa nova cidade, onde não tinha um suporte social adequado. Ressalta-se que a falta de bolsa de estudo e de auxílios, além da preocupação com o futuro exercício profissional, é um dos pontos encontrado em diversos trabalhos que exploraram a temática do sofrimento psíquico de estudantes universitários brasileiros, como foi apontado na revisão de estudos, realizada por Freire et al. (2020).

Ao longo da sua estadia em Salvador, Júlia passou por diversas casas e enfrentou muitas dificuldades até encontrar uma residência universitária para morar. Nesse processo, ela relatou ter sentido falta de um suporte maior da universidade, já que veio de outra cidade e estava em situação de vulnerabilidade social:

Eu não sabia de nada. Eu nem sabia que existia república, que tinha essa possibilidade. Que eu podia pagar aluguel e morar em Salvador. Eu não sabia que estudante dividia apartamento. Eu não sabia de absolutamente nada. Eu não tive informação de nada. Eu só fui (Júlia).

Ao ingressar na universidade, em Salvador, Júlia viu-se em uma nova cidade e sem nenhuma rede de proteção social, o que afetou consideravelmente o seu estado emocional. Nesse sentido, ressalta-se a importância de um auxílio social, além do financeiro, para os estudantes, especialmente para aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social, como explicitam trabalhos realizados sobre a temática (Ressurreição & Sampaio, 2018; Freire et al., 2021; Freire et al., 2022).

Júlia teve diversos problemas na residência onde morou, refletindo no relacionamento com os outros moradores do local, bem como colegas da universidade. Ela atribuiu tais problemas com a dificuldade em conviver com pessoas muito diferentes de si e impor as suas opiniões:

Convivi na faculdade com pessoas muito diferentes de mim, que gostavam muito de sair e tudo mais e dançar. E aí eu nunca vi problema nisso. Cada um faz o que quer, só que o problema é que as pessoas viam problema em mim, então todas as relações que eu

construí na universidade foram pessoas tentando mudar a mim e eu nunca a elas, sempre elas a mim. Eu comecei a ter problema de ficar me perguntando onde está escrito ou que é que eu faço que faz as pessoas acharem que elas podem me dar conselho de como eu devo viver a minha vida? (Júlia).

Assim, o período em que Júlia permaneceu numa república estudantil, na qual ela permaneceu por dois anos, foi marcado por uma grande ambivalência. Embora tivesse tido um período em que se sentia familiarizada, os diversos conflitos vivenciados no local marcaram essa fase de permanência nessa república:

Fui para essa república em setembro. Era quarto individual, eu tinha um espaço só meu. Foi nessa época que parecia que as coisas pareciam estar dando tudo certo, eu não estava mais morando de favor na casa dos outros, era eu por mim mesma. Eu não tinha motivo para ficar triste ou me sentir paralisada, mas foi aí que eu sentir todas as consequências das coisas que aconteceram comigo. [...] Dentro da república, também com outros estudantes era um delírio, as pessoas brigavam muito entre si e havia roubo de coisas dos estudantes. Os estudantes se pegaram na porrada, era uma coisa bem caótica. Ao mesmo tempo, eu gostava daquele ambiente porque eu sentia minha casa, parecia que era a minha casa ali. Todo mundo tinha mesma faixa de renda. Todo mundo era bolsista da PROAE basicamente, e eu sentia uma identificação, por mais que fosse caótica a relação ali. Parecia que para eu me sentir num ambiente confortável eu tinha que ter relação caótica ou estar em ambiente caótico (Júlia).

Embora estivesse num ambiente descrito como “caótico”, Júlia conseguiu se sentir em casa devido à identificação com pessoas de uma mesma classe social e com situações de vida semelhantes às suas, fazendo-a vivenciar novamente o que era sentir-se “em casa”. O signo “casa” estabelece uma relação afetiva com o local e Júlia passa a ocupar um espaço que era reconhecido como seu.

É possível notar a ambivalência entre os dois signos “casa” <> “caótico”, utilizados para descrever a república universitária em que ela viveu. Segundo Valsiner (2012; 2014), a ambivalência de signos não significa um campo em que um exclui o outro, mas cria um novo campo com diversos significados. No caso de Júlia, há o estabelecimento entre o “caótico” e o “se sentir em casa”, o que se configura como a tônica desse período em que ela permaneceu na república. A ambivalência entre a familiaridade e ter que lidar com os diversos conflitos no local, com sua namorada e na vida universitária, como ficou explicitado na sua fala: “Parecia que, para eu me sentir num ambiente confortável, eu tinha que ter relação caótica ou estar em ambiente caótico” (Júlia).

Outro problema destacado por ela foi em relação aos/às professores/as. Ela relata que ocorreram casos nos quais ela sentiu uma falta de compreensão por parte destes, sobre situações como prazos muito apertados e exigência excessiva na correção de textos:

Só que a questão dos professores, alguns foram muito compreensivos comigo, só que outras eram mais difíceis assim, sabe? A questão da pesquisa também foi bem difícil, já que a professora é uma pessoa muito complicada. Assim, é problemática também no sentido do que eu fazia: escrevia as coisas lá da pesquisa e ela mudava o texto todo. E não me dizia o porquê, eu não sabia o que eu tinha feito de errado (Júlia).

Júlia aponta que a universidade na qual estudou não participou diretamente do seu sofrimento psíquico como outras questões citadas acima. Nesse sentido, o seu sofrimento psíquico passa por uma série de questões transversais à própria vida universitária.

Semiose e espaço de vida em Júlia a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico

Primeiramente, a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico, é preciso considerar a emergência dos significados que emergem no processo de semiose, entendida como o diálogo interpretativo que ocorre entre o indivíduo e o ambiente (Hoffmeyer, 2018), consistindo na negociação das estruturas de significação da cultura pessoal e dos hábitos da pessoa e as sugestões sociais do contexto social em que ela está imersa vivenciados no *umwelt* (Jämsä, 2008). Nesse sentido, esse diálogo ocorre através de tensionamentos nas diversas situações dilemáticas no cotidiano, no qual emerge um campo de possibilidades e significados que orienta as ações individuais (Tateo, 2018). Esses dilemas não são necessariamente patológicos, fazem parte do curso natural da vida, consistindo em diálogo entre a cultura pessoal e a cultura coletiva do indivíduo (Valsiner, 2012).

Assim, na experiência imediata, a partir da semiose, emergem significados generalizados e carregados afetivamente no qual as pessoas interpretam a sua experiência, uma vez que consistem em significados superordenados, que se expressam a partir dos signos personificados, e fazem parte das concepções pessoais, formadoras do senso de identidade da pessoa. Eles podem funcionar de maneira mais ou menos funcional para uma pessoa, e falhar em prepará-la para diversas situações individuais da vida. Quanto mais rígidos e generalizados forem esses significados, maior a possibilidade da pessoa apresentar questões psicopatológicas na relação entre si, o mundo e sua identidade (Genarro et al., 2016).

Assim, constatou-se notar que o processo de semiose em diversas situações relatadas por Júlia ocorreram através de significados superordenados que foram apreendidos em sua cidade de origem, especialmente na vida familiar. Nesse sentido, quando exigida na vida

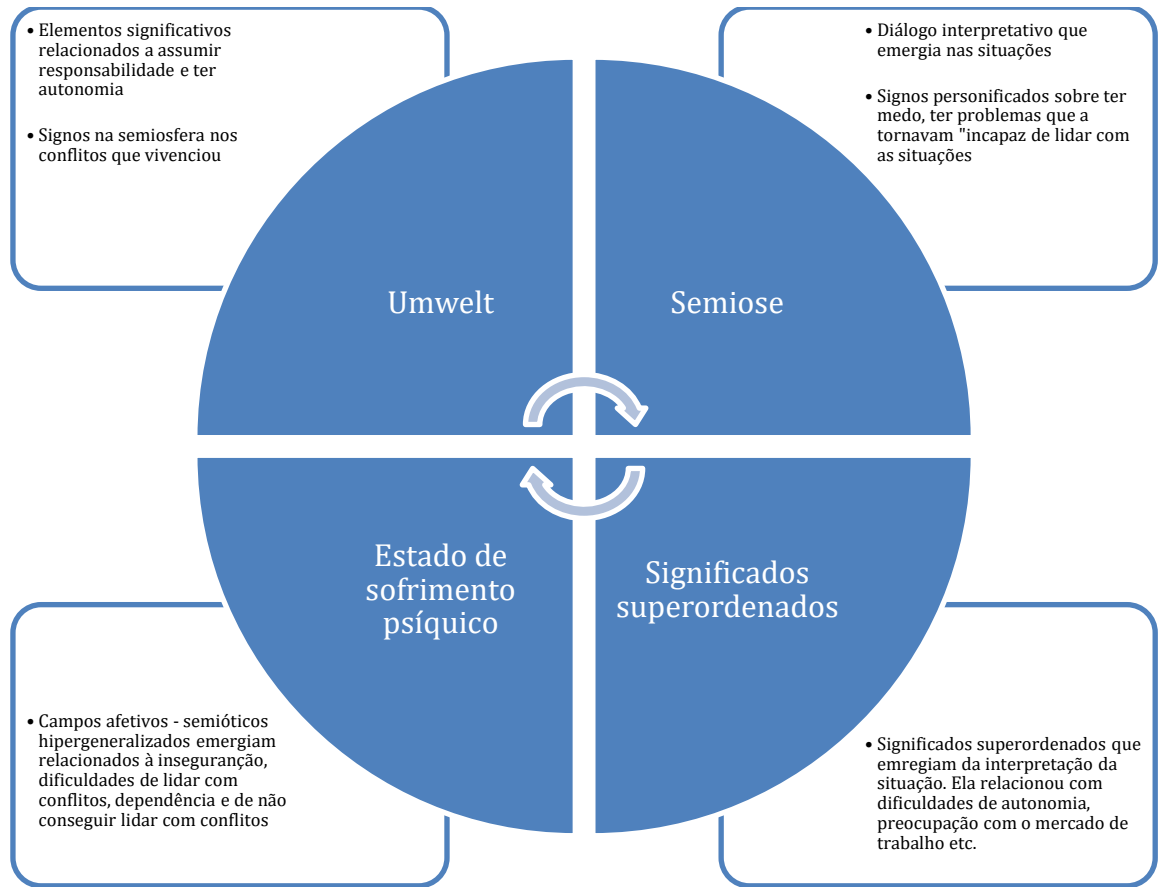
universitária e na nova cidade para a qual se mudou (fazer atividades de maneira autônoma e se relacionar com outras pessoas, por exemplo) emergiam dilemas sobre o que aprendeu e o que lhe era solicitado. Júlia utilizou de vários signos personificados para interpretar a sua experiência relacionados ao sofrimento psíquico, como insegurança, ansiedade, depressão etc. Todos esses signos foram usados para descrever a si mesmo e como ela via as situações, relacionando-se com premissas que ela tinha sobre as coisas, como por exemplo de que o futuro era ameaçador.

É importante destacar que o contexto social no qual Júlia estava imersa também contribuiu para a produção de novos significados superordenados para lhe auxiliar na adaptação na vida na nova cidade. As situações econômicas devido à insuficiência dos recursos financeiros para auxílio estudantil e a dificuldade de moradia lhe traziam uma grande incerteza sobre o futuro. Além disso, as relações na vida universitária, principalmente com professores e na residência universitária, impulsionaram-lhe situações dilemáticas importantes.

Assim, pode-se compreender através do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico que a vivência nos diversos ambientes que frequentou em Salvador ocorria a negociação entre hábitos aprendidos em sua família e as sugestões culturais. Em situações em que havia uma demanda de se posicionar e evitar conflitos, no plano sensorial e fenomenológico afetos ligados de ansiedade, melancolia, medo e incerteza sobre o futuro. Com isso, eram construídos significados superordenados que faziam emergir campos afetivo-semióticos hipergeneralizados depreciativos e de incapacidade, principalmente depois dela ter comportamentos de evitação e explosão. A figura abaixo sinaliza como o sofrimento psíquico de Júlia pode ser compreendido a partir Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico:

Figura 2

Sofrimento psíquico de Júlia a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico



Fonte: O Autor

O seu espaço de vida apresentava uma série de forças que traziam campo afetivo-semióticos hipergeneralizados, relacionados com as diversas situações que estavam ocorrendo. Uma representação gráfica de como seu espaço de vida se configurava no sofrimento psíquico pode ser vista na figura abaixo:

Figura 3

Representação Topológica de Como se Configurava o Espaço de Vida de Júlia no Sofrimento Psíquico



Fonte: O autor

Pode-se ver que existe uma série de fronteiras e forças psicológicas que engendram diversos significados e pressionavam o espaço de vida de Júlia. A maneira como ela gerenciou e vivenciou essa série de dilemas era de evitação e, em seguida, explosão. Desse modo, aponta-se que a emergência de significados relacionados ao sofrimento psíquico construídos por ela estava relacionada a esses grandes campos de significação, no qual emergiam campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, como insegurança, dependência, evitação etc., gerando dilemas e ambivalências no processo de significação.

Tateo & Marsico (2019) apontaram que a relação entre as fronteiras faz emergir processos psicológicos diversos. Assim, cada região da vida de Júlia apresentava-se com uma valência que tensionava outra região, e a dificuldade de autonomia resultava no sofrimento psíquico. Pode-se considerar também que a generalização de campos afetivo-semióticos hipergeneralizados de evitação e explosão para lidar com as tensões entre as regiões foi o modo construído por ela para lidar com situações de conflito em sua vida.

A partir da concepção de Canguilhem (2009) e Zorzanelli e Banzato (2020), considera-se que campos afetivo-semióticos hipergeneralizados consistiram em sofrimento psíquico por cristalizarem as ações e as condutas de Júlia. No seu relato foi possível identificar que o sofrimento psíquico a limitava no sentido de lidar com os desafios enfrentados na sua vida em Salvador. Logo, signos como “ansiedade”, “isolamento”, “depressão” e “medo” eram catalisadores para um modo de regulação semiótica com significados superordenados rígidos sobre ela e o mundo, a exemplo de se achar incapaz e ter que dividir todas as suas coisas com as outras pessoas por sentir muito medo com as situações. Desse modo, não se desconsidera que Júlia possa ter um diagnóstico de transtorno de ansiedade ou depressivo, mas sim que eles

devem ser considerados dentro de um caráter sistêmico e em relação com diversas estruturas de significação construídas por Júlia.

A produção de novos significados superordenados que a auxiliaram a lidar outro modo com essas tensões foi possível no atendimento psicológico, especialmente no acolhimento, auxiliando-lhe a lidar com os diversos desafios que enfrentava para concluir a graduação. Segundo Salvatore & Valsiner (2014), a produção de significados é propiciada pela intervenção psicológica e pela relação terapêutica, produzindo novos modos de sentir e de pensar o mundo, construído através do *scaffolding* semiótico.

A ideia de scaffolding foi trazida pela primeira vez por Wood et al. (1976), e diz respeito a como o ser humano consegue cognitivamente se estruturar para resolver problemas complexos. O *scaffolding* envolve níveis de solução do problema com a ajuda de alguém significativo, que tem a função de auxiliar em todos os elementos do problema que estão para além das capacidades da pessoa. No nível semiótico, Hoffmeyer (2008) traz que o *scaffolding* permite a criação de hábitos através da cultura, servindo de catalizador para emergência de novos significados e estados psicológicos. Portanto, é possível afirmar que o acolhimento serviu como um *scaffolding* semiótico, pois ajudou Júlia a construir significados que a auxiliaram a concluir a graduação.

Depreende-se que a relação terapêutica significativa que estabeleceu com a pessoa que a acolher ajudou na emergência de novos significados sobre as diversas questões que ocorreram em sua vida. Para Valsiner (2021), as relações humanas, num determinado contexto cultural, promovem e inibem significados através de signos que são usados pelas pessoas para regular suas ações no mundo. Assim, é possível afirmar que não só o acolhimento, mas a UFBA, como um signo hipergeneralizado, aparece para Júlia em diversos momentos como um grande catalizador para diversos significados e estados psicológicos.

O acolhimento surgiu como um *scaffolding* semiótico, permitindo que Júlia organizasse e promovesse alguns significados sobre algumas de suas condutas, principalmente sobre as questões voltadas às relações sociais, ter responsabilidades e corte de bolsa de estudo, que serviram de catalisadores para determinados estados afetivo-semióticos tais como “ansiedade”, “depressão”, “melancolia”:

Era o tempo todo, ficava naquela palhaçada de vai cortar bolsa, vai reduzir ou não vai reduzir, eu ficava pensando se cortar já era, não vou me formar, todo esse sofrimento para nada. Toda essa ansiedade em volta de questão do dinheiro, moradia, foi isso que me motivou. Por que se não fosse, se não tivesse correndo risco de ficar sem teto em uma cidade que eu não tinha ninguém (Júlia).

Destaca-se também um último questionamento sobre as relações na vida universitária, permeadas pelo produtivismo e pelo desempenho. Essas exigências têm diminuído o espaço para socialização e reflexão, fragilizando os vínculos sociais em nome do individualismo e produtividade que marcam o sistema macroeconômico atual. Ressalta-se, também, que a universidade, em muitos casos, reproduz de maneira acentuada as diversas desigualdades de classe social, de gênero, étnico-raciais etc. (Freire et al., 2020; Leão et al., 2019; Oliveira et al., 2019). No caso de Júlia, esses fatores ficaram expressos não somente pela falta de auxílio financeiro, mas também pela dificuldade com os diversos vínculos expressos na sua trajetória universitária.

Portanto, é imperativo repensar a noção causalista que é feita em diversas pesquisas sobre o sofrimento psíquico e a universidade (Freire, et al., 2020). Como pode ser visto no caso de Júlia, a universidade participa do seu sofrimento psíquico, sobretudo na falta de assistência estudantil e em algumas relações interpessoais, porém, é impossível desconsiderar diversos fatores que comparecem em nível social e individual que promovem diversos signos que regulam as ações no mundo (Valsiner, 2021). A análise aqui exposta conclui com a necessidade de investir e repensar o apoio psicossocial aos estudantes universitários, bem como as relações interpessoais na vida universitária.

CAPÍTULO 5 – Caso Pantera Negra

Pantera Negra (apelido escolhido pelo participante da pesquisa) tem 45 anos, se identifica como um homem *gay* e afrodescendente. Ele é graduado em pedagogia na Universidade Estadual na Bahia – UNEB – e na época da entrevista tinha acabado de finalizar um doutorado num Programa de Pós-graduação, voltado ao Ensino e à docência na UFBA. Ele realizou o acolhimento psicológico no segundo semestre de 2020 e no primeiro de 2021, período que coincidiu com a fase final de escrita de sua tese.

Pantera Negra relatou que a busca pelo acolhimento decorreu justamente por esse processo de finalização de sua tese. Ele afirmou que estava com dificuldade de produzir o texto e tinha um adoecimento emocional decorrente do processo de doutoramento. Esse sofrimento estava relacionando não somente a problemas psicológicos, mas também físicos, tais como dores e inflamações no corpo. Dentre os sintomas psicológicos, relatou principalmente a ansiedade, sintomas psicossomáticos e o *distress*: “O que me levou a procurar o PsiU foi o sofrimento causado pelo doutorado. Estava me trazendo muito sofrimento emocional. Eu estava com muita dificuldade de produzir, construir o texto e entender a pesquisa e o prazo já estava no final” (Pantera Negra).

Pantera Negra relatou que teve uma infância difícil, caçula de quatro irmãos residia em um bairro periférico numa cidade do estado da Bahia. Os pais eram um casal que tinha constantes conflitos e separações, de modo que sempre deixavam os filhos morando na casa de parentes e iam trabalhar ou realizar outras atividades de suas vidas. Ele também ressaltou que sua “constituição” foi marcada por ser um homem *gay*, pobre e afrodescendente, enfrentando diversos preconceitos ao longo de sua trajetória. Além disso, relatou diversos problemas relacionados ao estereótipo do HIV (*Human Immunodeficiency Virus*) e homens *gays* nas décadas de 1980/1990.

Enquanto cursava o doutorado, ele trabalhava como professor na rede municipal de ensino. Pantera Negra mencionou que teve diversas dificuldades de dividir trabalho e o curso de doutorado, bem como na relação com colegas e com a sua orientadora. Ele também citou uma sensação de falta de pertencimento que foi marcante em sua trajetória durante o doutoramento. No que tange à vida pessoal, ele relata que desenvolveu uma compulsão relacionada à sua vida sexual e se distanciou do parceiro amoroso, resultando no término do seu relacionamento.

Portanto, Pantera Negra aponta elementos marcantes de sofrimento psíquico expresso em diversos sintomas psicológicos e somáticos, como será visto ao longo da análise da sua entrevista. Esses fatores se entrelaçam com a sua história e outras dimensões da sua vida.

Campos afetivo-semióticos hipergeneralizados relacionados ao sofrimento psíquico

A partir da análise do caso Pantera Negra, foram identificados quatro campos afetivo-semióticos hipergeneralizados. O primeiro diz respeito à sensação de não-lugar (1), que se relacionou principalmente com a percepção de não se sentir pertencente à UFBA e ao ambiente acadêmico do doutorado, bem como os preconceitos que sofreu devido ao fato de ser um homem preto e homossexual. Nesse mesmo quesito, acrescentou-se também o abandono familiar (pelos pais) vivenciado na infância.

Nesse campo afetivo- hipergeneralizado, Pantera Negra apresentou uma insegurança e um questionamento de suas capacidades durante o processo de doutoramento. Em alguns momentos ele comparou a realidade dos colegas com a sua, principalmente nos momentos nos quais recebeu críticas da orientadora e professores, de modo que a dinâmica afetiva de não-pertencimento estava ligadas com a sua história de vida, na qual vivenciou episódios marcantes que lhe trouxeram afetos de desamparo, dor, solidão e a sensação de estar sendo silenciado. Ele descreveu o que sentia como uma “dor de solidão de inverno”, apontando um signo hipergeneralizado para dar conta de uma série de afetos no qual não conseguiam ser traduzidos totalmente em palavras. Branco (2021) e Valsiner (2014a) apontam que por causa da condição dos seres humanos de *meaning makers*, busca-se dar sentido e significado às experiências abstratas como os afetos. Porém, não é possível traduzir totalmente a vida afetiva, tornando a significação não-linear e direta.

Pantera Negra destacou na entrevista alguns desses episódios que considerou marcantes em sua trajetória de vida, que foram os conflitos familiares que vivenciou durante a infância e todos os preconceitos vivenciados pelo fato de ser homossexual e afrodescendente: “Depois questões da constituição da minha própria sexualidade, homem preto, gay, pobre, tudo isso também e o desafio de enfrentar a sociedade que mete o pau!” (Pantera Negra). Depreende-se que essa fala expressou o processo de construção da identidade pessoal do participante a partir das noções de signos personificados, como asseverou Innis (2018), e da cultura pessoal no sistema de regulação semiótica do indivíduo (Valsiner, 2021). Ela consiste num sistema de

signos corporificados que estabelecem uma noção de si mesmo, regulando a relação da pessoa com o mundo.

Um dos pontos relacionados à constituição da identidade pessoal de Pantera Negra foi o que ele descreveu como uma “sensação de abandono” por parte dos seus pais, derivado de diversos conflitos conjugais:

A infância, o abandono de meus pais, não que os meus pais tenham me abandonado. Eles eram um casal que brigavam muito e se separavam de tempos em tempos. Eu sou o caçula de quatro irmãos e eles colocavam a gente na casa de parentes, principalmente nas casas de avós. E a sensação de abandono ficou, essa sensação de não-lugar por conta desses pais que sempre sumiam e deixavam os filhos sozinhos se virando, sumiam. (Pantera Negra).

Conforme foi dito pelo participante, é relatada uma sensação de não-lugar, de não-pertencimento que vai se construindo ao longo da sua história de vida. O processo de doutoramento na UFBA catalisou essas questões devido ao caráter excludente da universidade pública brasileira, que historicamente caracterizou-se por ser um espaço elitizado e que dificilmente era acessado pelas camadas populares. As universidades públicas expressam a desigualdade social do país, especialmente na pós-graduação. Essa realidade teve uma mudança nos anos 2000, no qual esses segmentos da população passaram a ter mais acesso a esse espaço, porém, mesmo assim, ainda existe uma grande desigualdade social e educacional que restringe o acesso ao ensino superior público para boa parte das camadas populares (Coulon, 2017; Ressurreição & Sampaio, 2018). Pantera Negra comentou sobre seu processo de doutorado:

E o doutorado, embora público, é caro. Por que você tem que fazer. Pronto! Eu não consegui viajar durante o doutorado porque eu não tinha liberação, não conseguia apresentar trabalhos em eventos e congressos porque eu não tinha condições de estar lá. Até enviei um, mas eu não consegui ir, então era muito frustrante. Os demais colegas do doutorado, todos universitários ou já professores da UFBA ou do IFBA (Instituto Federal da Bahia) ou da UNEB (Universidade Estadual da Bahia), eles tinham outra dinâmica e uma leitura que eles faziam talvez das minhas dificuldades, não era empática! Ninguém entendia, né? (Pantera Negra).

Deduz-se que não só o apoio dos colegas, mas também a falta de diálogo com a sua realidade contribuíram para Pantera Negra vivenciar a sensação de não-lugar no ambiente universitário. Porém, em contraponto à sua experiência nesse Programa de Pós-graduação, ele relatou uma experiência diferente na graduação em outra universidade pública no mesmo estado, constituindo outro campo afetivo-semiótico hipergeneralizado de pertencimento (2).

Se na UFBA ele teve esse sentimento de não-pertencimento, na outra universidade pública essa questão era diferente. Ele relatou ter sentido um acolhimento maior, principalmente

devido à localização e à configuração dessa universidade. Ela fica localizada em um bairro popular na cidade de Salvador, tendo uma maior inserção das camadas populares do Estado da Bahia. Pantera Negra traz essa comparação:

A [...] é mais mãe! Ela já dá uma sensação maternal. porque é uma universidade localizada dentro de um território, dentro de uma comunidade que foi o antigo quilombo. Então, tem todo o entorno, não sei se a palavra seria positivo, mas mais popular que deixa [...] mais acolhedora. Você não tinha dificuldade de ir nos espaços que estava tudo ali, a biblioteca não sei o quê (Pantera Negra).

Com isso, depreende-se que, nesse caso, ocorreu o processo psicológico do *affetivating*, apontando o quanto a sensação de familiaridade está ligada a aspectos simbólicas que envolvem a história prévia da pessoa em diálogo com as sugestões sociais do ambiente social no qual ela está inserida, conforme indicado por Fossa (2018). Reis et al. (2018), sinalizou que as pessoas são afetadas por qualidades objetivas dentro da realidade objetiva e significados semióticos são construídos mediante sugestões afetivas na relação entre a pessoa e ambiente. Pantera Negra vivenciou esse processo de *affetivating* no diálogo semiótico e afetivo ocorrido entre o ambiente universitário na graduação de pertencimento e o abandono e preconceitos que marcaram sua trajetória de vida, expresso através de signos como “maternal” e “acolhedora”.

Fossa (2018) e Reis et al. (2018) também colocaram que as pessoas usam objetos e recursos simbólicos para delimitar as bordas e fronteiras na relação com os espaços que frequenta. Sobre essa discussão, Zittoun (2018) definiu a utilização de recursos simbólicos, como o uso de artefatos ou de sistemas simbólicos, consonante com um meio semiótico para construção de um significado, especialmente em situações imprevisíveis ou que estão relacionadas a uma transição desenvolvimental. Na maioria das vezes ocorre de maneira inconsciente e relaciona-se com o processo psicológico da imaginação, permitindo que a pessoa oriente suas ações em determinado contexto cultural. Esses artefatos ou sistemas simbólicos estão ligados à trajetória pessoal do indivíduo dentro do contexto cultural no qual está inserido (Zittoun, 2018).

No caso de Pantera Negra, pode-se notar que devido ao fato de universidade que fez a graduação ter sido construída dentro de um antigo quilombo, qualitativamente o fez construir um sentimento de familiaridade, expresso através do signo “acolhedora”, constituindo uma atmosfera afetiva que lhe trazia uma sensação de pertencimento. Esse signo promoveu um significado mediado por um recurso simbólico que é o quilombo, remetendo a todo um sistema simbólico relacionado à ancestralidade. Porém, na sua experiência como estudante de pós-

graduação na UFBA a questão era diferente, apontando que Pantera Negra não encontrou em sua experiência nesse ambiente universitário os artefatos culturais que lhe permitiram, no plano sensorial, construir qualidades afetivas relacionadas à familiaridade. Desse modo, depreende-se que existiu no seu processo de doutoramento na UFBA um sistema simbólico, determinado historicamente, que sensorial, fenomenologicamente e semioticamente o fazia não se sentir pertencente àquele lugar.

Em consonância com essa questão, Tateo & Marsico (2019) ressaltam o quanto diversos elementos no espaço urbano podem servir de fronteiras psicológicas, emergindo determinados significados que delimitam certos estados psicológicos. Assim, depreende-se que existe um sistema simbólico nas universidades brasileiras relacionados ao seu histórico de acesso restrito à boa parte da população, que se faz presente não somente na sua arquitetura e localização, mas em outros aspectos como no currículo e nos conteúdos ensinados em sala de aula. As fronteiras surgidas no diálogo entre a trajetória de Pantera Negra e o sistema simbólico no seu doutoramento na UFBA trouxeram esse estado psicológico de não-pertencimento, engendrando todo um campo de significados relacionados a essa questão.

Esse ponto pode ser exemplificado na crítica de Pantera Negra sobre o conteúdo ensinado em algumas disciplinas na quais ele sente que não dialogavam com sua realidade. Ressalta-se que ele fez seu doutorado em um programa relacionado ao ensino, que é parte de sua realidade cotidiana no trabalho. Em alguns momentos da entrevista ele se queixou desse aspecto, apontando como um ponto importante que se relacionava com sua sensação de não-pertencimento à UFBA:

Uma vez eu estava em sala de aula e tinha vindo de uma escola em que alguém tinha sido explodido na comunidade com uma bomba. Eu fui pra aula e trouxe isso e meus olhos começaram a marejar, só que aquilo não fez muita diferença porque não é a realidade daquelas pessoas, isso não é nem um problema em si, mas num doutorado que se pretendia pensar a sociedade, pensar a vida. Você estava ali com o trabalhador do povo, que com muito esforço estava ali tentando se manter, mas não tinha esse apoio como se esperava (Pantera Negra).

Em paralelo às temáticas apresentadas até o momento, outro campo afetivo-semiótico hipergeneralizado apresentado por Pantera Negra relacionou-se com uma sensação de ameaça (3). Ele a expressou, sobretudo, em momentos nos quais ele teve que lidar com a agressividade da mãe na infância e com os diversos preconceitos que vivenciou. Na universidade, essa questão esteve presente em momentos na relação com o doutorado e com a orientadora. Esse campo afetivo-semiótico é marcado por emoções que foram desde o medo de morrer ao de não conseguir cumprir os prazos do doutorado.

Um ponto relevante da construção da dinâmica afetiva de ameaça foi o fato de Pantera Negra ter vivenciado o período de surgimento do HIV, que foi atrelado, sobretudo, ao público LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais). Calazans et al. (2018) trouxeram que as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por um estigma relacionado à comunidade LGBT, especialmente em homens gays, em relação ao HIV. O Brasil e outros países do mundo enfrentaram um problema de saúde pública com o surgimento desse vírus. Por uma questão de preconceito e estigma, ele foi fortemente associado à comunidade LGBT.

Pantera Negra relatou que nos anos 1990 teve algumas relações sexuais com homens e que descobriu posteriormente que esses eram soropositivos. Ele mencionou que essa experiência gerou um grande medo e “uma ferida muito grande” (Pantera Negra), principalmente por ter tido que lidar com a possibilidade de ter sido infectado pelo HIV, caracterizada por ele como sendo uma “ameaça de morte”, que se faz presente no campo afetivo-semiótico hipergeneralizado relacionado à sensação de se sentir ameaçado. Pantera Negra relatou ter uma grande dor associada ao período:

[...] eu tive experiências com parceiros soropositivos, mas indetectáveis. Mas, eles só me disseram depois e o medo que gerou aquilo. Só que graças a Deus deu tudo certo, sou soronegativo. Graças a Deus que eu sempre usei preservativo, mas a dor que aquilo me causou foi profunda com a possibilidade de que... isso me abriu no meio também, abriu uma grande ferida. Que depois, não tá tudo certo! Mas a cabeça não entendeu que estava tudo certo, entende? Porque eu sou dos oitenta, Klessyo. Nos anos oitenta a gente viu como funcionava, eu sou da comunidade marcada, atravessada por esses adoecimentos, pelas DSTS (Doenças sexualmente transmissíveis) e é sempre uma dor pra gente (Pantera Negra).

Dessa maneira, é possível observar que a sua experiência afetiva foi regulada pelo signo “adoecimento”, engendrando significados de possibilidades futuras relacionadas à morte. Esse signo dialoga com o contexto do estigma ligado especialmente aos homens gays no referido período acima (Calazans et al., 2018), resultando em uma forma de personificação e construção de sua identidade pessoal que está relacionada afetivamente ao medo (Kull, 2014; Innis, 2018). Esse sentimento de medo se somou à experiência de “não ter lugar”, que ele localizou como vindo da infância e das experiências de racismo que sofreu ao longo de sua vida.

Nessa direção, Pantera Negra destacou que todas essas situações vivenciadas ao longo de sua vida trouxeram esse lugar denominado por ele de “tensão”. Essa “tensão” pode ser entendida como parte que do ocorre no *Umwelt*, expressando a maneira como Pantera Negra vivencia os diversos ambientes nos quais essa sensação de ameaça emerge. Esse elemento aparece quando ele entra em contato com sugestões sociais do ambiente, no qual de alguma forma ele relaciona com todas essas situações que vivenciou em sua trajetória, interligando seu

passado com as situações presentes. Esse processo aponta como o *Self* emerge no *Umwelt*, que ocorre na semiose engendrando por uma série de significados que fazem menção à história de vida do indivíduo, como foi exposto por Carriere (2018), Innis (2018), Kull (2014) e Valsiner (2021).

Esses tensionamentos em relação à ameaça foram elementos marcantes de sua trajetória, sobretudo na relação com sua mãe. Segundo Pantera Negra, a relação com a genitora foi marcada por episódios de tensão, sobretudo por uma sua postura mais rígida (da mãe) em momentos de sua infância. Além da dinâmica do sem lugar, que foi exposta acima, essas questões participaram na construção afetiva da tensão e do medo:

E ai a gente até brinca com isso, mas isso me marcou também, a ameaça da morte, e foram essas coisinhas que foram trazendo esse lugar de um pouco mais de tensão. E a relação com os meus pais. Minha mãe é um pouco agressiva, até porque ela teve que se manter entre homens. Ela é a única mulher de uma comunidade de cinco homens, um marido e filhos, e um pouco narcisista (Pantera Negra).

A partir das sugestões sociais do ambiente na construção da identidade pessoal ao longo da história de vida do indivíduo, é possível traçar a noção de que existe um conjunto de signos tomados como pertencentes a um senso de *Self* que vai se construindo semioticamente na semiose. Essa noção vai sendo desenvolvida ao longo das experiências pessoais ao longo da sua história, se expressando em signos que se relacionam com aquilo que seria relativo a si mesmo. Innis (2018) e Kull (2014) caracterizam esse processo como sistema de signos corporificados, que pode ser entendido como pertencente à identidade pessoal do indivíduo. Em consonância com Carriere (2018) e Valsiner (2021), compreende-se que a identidade pessoal é um elemento importante que ocorre no *umwelt*, expressando a maneira como o indivíduo vivencia a relação com os ambientes. Diante disso, a identidade pessoal diz respeito a esse sistema de signos personificados que está sempre em construção e desconstrução na relação dialógica e bidirecional entre indivíduo e ambiente.

No caso de Pantera Negra, pode-se considerar que o seu sofrimento psíquico remonta à construção da sua identidade pessoal, marcada pelas diversas experiências que são reguladas por signos de “tensão”, “medo” e “sem lugar”. Assim, esses signos orientam a construção de significados afetivamente carregados em diversas situações e contextos no qual elementos do ambientes relacionam-se com a sua trajetória mencionada acima.

Por fim, o último campo afetivo-semiótico hipergeneralizado diz respeito à fuga pela compensação (4), que surgiu em momentos de tensionamento, especialmente relacionado ao doutorado. Pantera Negra relatou ter alguns “vícios” de cunho sexual, que devido a questões éticas que exporiam a intimidade do participante, já que consistiam para ele um

constrangimento e culpa grandes, não serão aqui detalhados. Segundo ele, essa dinâmica surgia em momentos de grande ansiedade, quando duvidava de si e da capacidade de dar conta da Tese:

A fuga de compensação desse processo [...].E aí tinha que buscar, e aí foi compensando essa ansiedade por um processo de fuga ao meu ver. E aí meu doutorado acabou né! Mas ele deixou alguma marca, e essa marca foi, como eu posso dizer, se materializando numa fuga do desejo, do desejo do parceiro, do desejo de sair e aí misturou com a pandemia e aí fui ficando como se fosse uma concha me fechando (Pantera Negra).

O signo fuga orienta um modo de Pantera Negra regular suas ações relacionadas às diversas pressões do doutorado, especialmente com a vinda da pandemia. O sentido dessas ações demonstrou dizer respeito a um fechamento para o mundo. Depreende-se que campo afetivo- semiótico hipergeneralizado parte da própria maneira que ele vivenciava o *umwelt* em diversos espaços que frequentava, marcado pelo medo e pelas ameaças, tensionando diversos aspectos de sua vida (Carriere, 2018). Por conseguinte, pode-se considerar que o campo psicológico de Pantera Negra era composto por diversos tensionamentos que se entrelaçaram em diversos momentos de sua experiência no doutorado.

Retomando Kurt Lewin (1939) e sua discussão sobre campo psicológico, nota-se em Pantera Negra que existiam diversas forças pressionando-o e tornando instável as diversas fronteiras entre a vida pessoal, do doutorado e do trabalho. Essas fronteiras criaram um campo de tensão no qual emerge um campo afetivo semiótico de significados que orientam a ação do indivíduo, como expressam Tateo e Marsico (2019). Lewin (1939) destaca que a instabilidade dessas delimitações e o constante campo de tensões podem criar um campo psicológico instável.

Do ponto de vista topológico, o campo psicológico de Pantera Negra tinha uma permeabilidade, na qual o doutorado apresentou uma grande valência e tensionou diversos outros campos de sua vida. As forças psicológicas atuantes nesse processo, que foram expressas tanto nas críticas e exigências acadêmicas quanto no relacionamento com os colegas e orientadora, constringindo as diversas regiões e fronteiras de seu espaço de vida. Especialmente a escrita da tese foi um elemento marcante no espaço de vida, engendrando diversos significados relacionados à dúvida de sua capacidade e de ameaça.

A falta de delimitação advinda do processo de escrita da tese e do doutoramento afetava Pantera Negra em diversas dimensões, resultando na fuga, que foi a maneira que ele encontrou para lidar com todos esses tensionamentos: “Mas eu sei que o que estava por trás ali também a ansiedade que tentava me engolir, e eu tinha que buscar válvulas de escape” (Pantera Negra). Portanto, o que ele chama de ansiedade é uma significação do seu sofrimento psíquico, expresso

por diversos elementos catalisadores em sua experiência na vida pessoal e universitária, como será visto na próxima seção.

Signos que participaram das significações sobre sofrimento psíquico

A partir da análise realizada, foram identificados quatro signos que Pantera Negra utilizou na significação de seu sofrimento psíquico de Pantera Negra, que foram (1) Adoecimento, (2) Psicossomático/ Ansiedade, (3) Fugas/ Válvulas de escape e (4) Não-lugar. Eles foram identificados na fala do participante em momentos de tensionamento, orientando suas ações nos momentos da sua entrevista no qual relatou estar em sofrimento psíquico.

O primeiro signo foi (1) “adoecimento”, que abriu um campo de “significação” relacionados ao significado do sofrimento psíquico que vivenciou no doutorado. Pantera Negra relatou que já tinha feito leituras sobre o adoecimento na vida acadêmica, como detalhado no seguinte trecho: “Eu acho interessante e até li textos sobre isso que é um processo evolutivo de adoecimento dentro da academia, que a graduação ela tem muita pressão” (Pantera Negra). Nesse sentido, problematiza-se novamente o discurso de que a universidade é produtora de sofrimento psíquico colocado por diversos estudos realizados sobre saúde mental de estudantes universitários, especialmente aqueles baseados em uma perspectiva quantitativa.

Esses estudos geralmente utilizam-se de autorrelatos e escalas fechadas, não abrindo espaço para os significados construídos pelo indivíduo acerca do sofrimento psíquico. Diante disso, questiona-se se o próprio discurso de que a universidade é fonte de adoecimento não pode influenciar as significações produzidas por estudantes universitários. Esse questionamento não exclui a ideia de que as instituições de ensino superior devem acolher o sofrimento psíquico de seus estudantes, mas aponta para a complexidade e a multifatorialidade envolvida no fenômeno, como assinalaram Freire et al. (2020) e Leão et al. (2019).

No caso de Pantera Negra, houve diversos acontecimentos em sua vida relacionados ao sofrimento psíquico, e a universidade foi um dos elementos que colaborou para o que ele nomeou de “processo de adoecimento”. É importante considerar que o sofrimento psíquico ocorre através de uma dimensão social e coletiva, na qual indivíduo e sociedade estão sempre entrelaçados. Partindo da cadeia tríadica de Peirce (2012), pode-se compreender que o signo “adoecimento” serve para engendrar significado a acontecimentos na vida de Pantera Negra que culminaram no seu estado de sofrimento psíquico. Esse signo seria parte de uma sugestão

social para dar conta de todos os processos que vivenciou no doutorado, que não pode ser dissociado de seu contexto e história de vida:

Então assim, essa sensação de falta de uma liberdade me foi muito forte em algumas situações do doutorado. E foi no doutorado que, talvez por conta de toda essa trajetória que eu já te disse que se instalou o adoecimento, não sei se mental, mas enfim o adoecimento. Só que hoje estou colhendo os frutos disso, eu não sei se posso dizer para você se faz parte que hoje estou em grande sofrimento emocional, até porque aconteceram outras coisas paralelas a isso, eu já terminei o doutorado, mas me parece que os resquícios de todo aquele estresse vivido continuam e se colaram com outros resquícios (Pantera Negra).

Em paralelo ao “adoecimento”, Pantera Negra também utilizou os signos “ansiedade” e “psicossomático” (2), especificamente nos momentos em que ele construía uma significação em relação a determinados aspectos do sofrimento psíquico vivenciado. A somatização relacionou-se com significados das dores no corpo que sentia advindos do processo laboral e do doutorado. Já a ansiedade foi citada em momentos nos quais ele trouxe uma cobrança grande por parte de si e da orientadora para produzir o texto do doutorado. No trecho abaixo apresenta um momento no qual ele exemplifica e descreve a “ansiedade” que sente:

Eu posso te dar um exemplo de uma situação que aconteceu esse ano em que eu fui deitar, eu tinha acabado de vir se de uma orientação on-line de um texto que eu não estava conseguindo produzir. Eu fui deitar já quase na madrugada e ele (compenheiro amoroso dele) estava no meu lado e eu estava tentando dormir. De uma hora para outra eu tive uma imagem mental de que o sol estava caindo de cima da terra. Você acredita nisso? E me veio o medo, o pavor que eu me tremia todo na cama, só que eu não conseguia, é como se eu tivesse paralisado dentro de um sono, eu não sei se ali estava acordado ou não, mas o pavor, o medo da morte naquele instante como se algo muito terrível fosse me acontecer (Pantera Negra).

Na referida situação, pode-se considerar que “ansiedade” foi um signo utilizado para engendrar significado a uma série de afetos surgidos a partir da situação de orientação, que dizia respeito não só ao doutorado, mas um modo como Pantera Negra fazia um diálogo interpretativo com os ambientes e vivenciava no *umwelt* (Carriere, 2018; Valsiner, 2021). Como exposto ao longo da análise, o medo foi constituindo-se desde a sua infância como uma dinâmica construída por processos de abandono, preconceito e exclusão. Diante de uma série de significados superordenados carregados afetivamente, o indivíduo pode se relacionar semioticamente com os afetos que são produto da relação com o ambiente através de um significado patológico em sua experiência, como no caso da ansiedade. Assim, diversos elementos que não necessariamente se relacionam com uma patologia podem ser interpretados como patológicos, sendo necessário compreender a experiência vivida dos indivíduos para distinguir o que consistiria realmente algo da ordem de uma psicopatologia.

A partir do ponto discutido acima, que pode ter relação com os diversos casos de sofrimento psíquico no contexto universitário, depreende-se que muitas experiências de sofrimento passam por processos de significação ancoradas em um modelo biomédico, cujo sentido está ligado a um significado patológico¹², questionamento também realizado por Leão et al. (2019). O medo e a trajetória do participante no doutorado foram engendrados nos signos hipergeneralizados do tipo campo na “ansiedade”, para regular todos os processos e dinâmicas afetivas que ocorriam em sua vida, levando em consideração também o contexto cultural atual de patologização de questões existenciais do ser humano (Brant & Minayo-Gomes, 2014; Abramov & Junior, 2016). Destaca-se que isso não significa negar que Pantera Negra tenha uma patologia, mas sim não colocá-la no centro de interpretação de suas experiências, considerando-a como parte do sofrimento psíquico.

Os outros signos que funcionaram como catalisador dos significados relacionados ao significados de Pantera Negra foi “fugas”/ “válvulas de escape” (3), que estiveram presentes em momentos para dar conta de situações que caracterizadas por ele através do signo “ansiedade”. Esses signos indicam o recurso encontrado por Pantera Negra para regular esse estado afetivo e dizem respeito ao que ele caracterizou como “vício”. Através desse signo ele buscou uma compulsão específica e que interferiu diretamente no relacionamento com seu antigo companheiro. Esse signo foi descrito em momentos nos quais ele relatava uma grande ansiedade advinda do processo do doutoramento, permeado por significados relacionados ao não dar conta da tese, como no seguinte excerto “houve um desgaste emocional intenso e veio às fugas” (Pantera Negra).

Nota-se que Pantera Negra utiliza “fuga” também como um signo hipergeneralizado para dar conta de uma série de afetos generalizados abstratos, difíceis de serem significados em palavras, e relacionados principalmente ao que ele caracterizou como “ansiedade” (Mattos, 2016; Valsiner, 2021). É importante assinalar que coexistindo com esse signo e todos os estados relacionados a eles, existe uma construção de valores que expressam um significado de reprovação moral dos atos do participante. Essa situação engendra um campo de tensionamentos, em que algo concomitantemente traz um alívio para uma tensão e é reprovado moralmente. Destaca-se também que o signo “fuga” denota o quanto as fronteiras psicológicas

¹² Ressalta-se que o entendimento de patológico neste trabalho passa por uma perspectiva fenomenológica e semiótica do sofrimento (Abramov & Junior, 2016; Valsiner, 2021) e se baseia no Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico. Isso não significa negar diagnósticos e nem os determinantes biológicos de certas patologias, mas sim que elas não podem ser vistas como causa única e que a patologia envolve sobretudo uma atitude restritiva do indivíduo em diversas situações de sua vida devido a significados que são engendrados na relação bidirecional e as sugestões sociais do ambiente.

de Pantera Negra em relação ao processo de doutoramento e a vida pessoal estavam instáveis, trazendo uma instabilidade em seu espaço de vida (Lewin, 1939; Tateo & Marsico, 2019).

Por fim, o outro signo relacionado ao sofrimento psíquico referia-se ao não-lugar (4), denotando aspectos do lugar de não-pertencimento de Pantera Negra. Esse signo foi utilizado especificamente no contexto de significação de sua vida familiar e do processo de doutoramento. Esse signo engendra uma série de afetos relacionados ao não-pertencimento, que subjazem à sua relação com diversos ambientes de sua vida.

Depreende-se que “sem lugar” funciona como um signo personificado, participando da construção da identidade pessoal de Pantera Negra. Ele faz a síntese de toda sua história de vida no diálogo interpretativo com as situações atuais, especialmente no doutoramento. O contexto social de exclusão devido a questões raciais e de homofobia também aparecem nesse engendramento de significação.

Desse modo, destaca-se a amplitude de significados relacionados a esses signos, que engendraram uma série de afetos e significações subjacentes ao sofrimento psíquico para Pantera Negra. Todos esses fatores atuaram em seu campo e espaço de vida, trazendo uma instabilidade nas suas fronteiras, que ele teve dificuldade de gerenciar. Deduz-se que esses signos serviram também como hipergeneralizados. Eles foram usados para tentar engendrar significados em uma multiplicidade de afetos a abstratos e significações de diversas situações na vida de Pantera Negra, e que não podiam ser traduzidos diretamente em palavras. Por fim, na próxima seção será exposta a análise da interpretação do sofrimento psíquico feito por Pantera Negra.

Construção de significados associados ao sofrimento psíquico

A partir da análise da construção de significados relacionados ao sofrimento psíquico, foram identificados três campos de significação em diferentes dimensões da vida de Pantera Negra, elencados nas seguintes categorias: Permanência no curso de pós-graduação (1), dificuldades de estudar e trabalhar de forma concomitante (2) e relações pessoais e familiares (3). Durante o período que permaneceu (1) na pós-graduação na universidade, Pantera Negra enfrentou diversos problemas. Elas estavam ligadas à dificuldade de produzir o texto do doutorado, à relação com a orientadora, às relações na universidade e ao fato de não se sentir pertencente ao ambiente universitário:

E uma coisa que me marcou numa aula foi que, como eu estava trabalhando muito, quarenta horas, eu não tinha tempo pra estudar e as leituras de doutorado são muito

complexas! São muitas teorias, abstrações, elucubrações e que muitas vezes fogem ao plano prático da vida. E eu tinha que ler o texto de antropologia de um cara lá de não sei o que de Viveiros, em que ele dizia que a visão dos índios sobre nós, que os bichos viam nos humanos como Deuses só que os humanos viam reconheciam, umas loucuras assim e eu tinha que trabalhar sobre isso e na hora eu não li o texto direito, me caguei todo pra falar, ai a professora foi pra cima né! Depois chamou o meu orientador e disse: mande fulano estudar, ele não leu nem estudou pra vir pra aula. Imagina a vergonha? Por que você está no doutorado para você passar por uma dessas? Você fica vermelho, de cara de sem vergonha. (Pantera Negra).

Além da falta de diálogo dos assuntos do doutorado com o seu cotidiano, nota-se na fala de Pantera Negra que ele não se sentia apoiado por sua orientadora e professores. Esse foi um dos pontos que tiveram maior destaque na entrevista, indicando para um dos principais problemas que contribuíram para a sensação de não-pertencimento à universidade durante o período do doutorado. Ao longo da entrevista ele ressaltou algumas falas que lhe foram ditas e que tiveram um grande impacto, catalisando estados afetivos e engendrando significados relacionados ao medo e a dúvida de si.

Vale ressaltar que as relações na universidade têm sido relacionadas com o sofrimento psíquico por diversos trabalhos (Bezerra et al., 2018; Freire et al., 2020; Ressurreição & Sampaio, 2018;). Nesse sentido, destaca-se o trabalho de Alain Coulon (2017) que aponta a importância da afiliação para a permanência na universidade, construída nas relações interpessoais nesse espaço através do pertencimento a esse espaço. Especialmente na pós-graduação, a relação de orientação (orientador e estudante) é um fator importante e merece destaque na análise dos casos de sofrimento psíquico nesse contexto (Cabus & Matos, 2020; Pizón et al., 2020).

Estudos relacionados à saúde mental de estudantes de pós-graduação têm apontado que a orientação é um fator importante (Cabus & Matos, 2020; Pizón et al., 2020). Ao longo da entrevista, Pantera Negra relatou diversos momentos com a orientadora que afetaram sua identidade pessoal, fazendo-o questionar o seu lugar de estudante:

E, antes disso, minha orientadora sempre perguntava: Você quer ficar? Você acha que tem condições de atender o doutorado? Porque assim, você pode sair também! Olhe como está sua vida, você está cheio de problemas. E isso para um estudante trabalhador da classe popular, você não tem muito que escolher. Opção sem opção, né? Você conseguiu alcançar um espaço elitizado e você tem que lutar com unhas e dentes e o corpo inteiro para não sair dali. Então você se mortifica, se mata, mas você precisa alcançar dar conta seja lá de que forma for, porque não vai você sozinho, vai você, vai sua família, sua comunidade de entorno (Pantera Negra).

Essas diversas situações podem ter servido de catalisadores para Pantera Negra questionar o seu lugar na universidade, afetando a sua sensação de não-pertencimento.

Catalisadores têm o papel de dar condições para emergência de estados psicológicos, iniciando ou mantendo determinado campo de significados. Semioticamente, eles inibem e determinam algumas ações, participando da manutenção de certos significados que regulam o relacionamento com o ambiente, como afirmaram Cabell (2011) e Innis (2018).

Os signos “ficar” e “sair” apontam uma ambivalência e abrem um campo de significação relacionado ao seu pertencimento à universidade, dado o contexto histórico e a sua história de vida. Assim, a relação com a orientadora, os colegas e todo um sistema simbólico da universidade servem de catalisadores e dão condições para a emergência de um campo afetivo semiótico relacionado ao não-pertencimento que advém de sua história (histórico de negligência com os pais e preconceitos que vivenciou por ser preto e um homem gay, bem como histórico de abandono familiar). Como já foi falado ao longo desse texto, esse campo de significados suscita uma série de afetos semiotizados que Pantera Negra caracterizou como medo, vergonha e ansiedade, afetando os significados sobre si e, conseqüentemente, sobre a sua identidade pessoal.

Porém, ao mesmo tempo em que trouxe diversas problemáticas para Pantera Negra, o doutorado representou um ponto de ruptura e transição desenvolvimental para ele. A mudança na identidade pessoal catalisada pelo doutorado não ficou somente na esfera do sofrimento psíquico, pois abriu um campo de possibilidades sobre si que não estavam presentes anteriormente em sua vida devido a questões de desigualdade social. Como foi discutido acima, a identidade pessoal de Pantera Negra foi marcada por signos como “medo”, “tensão” e “sem lugar”, apontando para uma concepção depreciativa sobre si e suas capacidades.

O doutorado consistiu em um ponto de ruptura na trajetória de Pantera Negra. Zittoun (2012) asseverou que um ponto de ruptura reconfigura a relação da pessoa com o mundo e consigo, apontando para uma redefinição identitária e reelaborações a respeito do passado e do futuro. Com isso, reafirma-se o que a universidade pode ter o papel de reconfiguração de trajetórias marcadas pela desigualdade social, alterando os significados que a pessoa tem sobre si e o mundo, como foi expresso no estudo de Ressurreição e Sampaio (2018). Essa mudança e reconfigurações ficam evidentes no excerto abaixo:

Eu hoje sou muito mais maduro, principalmente profissional e academicamente. As habilidades profissionais e acadêmicas adquiridas de raciocínio lógico de entendimento de padrões foram de fato ganhos. Minha posição frente a convites... Antigamente eu tinha medo falar em público, um pavor... Com o doutorado, e principalmente depois da tese, até para televisão eu fui dar aula pela rede. Então, você percebe que ele mudou uma engrenagem ligada à baixa estima e ele mostrou que de fato eu sou um profissional bom e acreditar mais em mim, então já tem essa coisa de acreditar em si melhor talvez por ter vencido tantos desafios (Pantera Negra).

Com o doutorado, Pantera Negra conseguiu realizar coisas que anteriormente não conseguia, além de adquirir algumas competências acadêmicas que o ajudaram na sua vida profissional. Entretanto, ao mesmo tempo que o doutorado funcionou como uma espécie de símbolo de outorga de sua capacidade, produziu um campo de significação relacionado ao adoecimento com tal processo: “Olha, eu posso dizer pra você que o doutorado foi meu mel e meu fel” (Pantera Negra). Assim, depreende-se que os signos “mel” e “fel” criam um campo de tensões que delimitam um tensionamento na significação do que foi esse processo para ele.

Depreende-se, então, que as fronteiras psicológicas, no que tangem à significação em relação ao doutorado, não estão bem delimitadas para Pantera Negra. Existe um tensionamento inerente a esses dois grandes campos, o “mel” e o “fel”. As bordas dessa fronteira parecem estar em choque, resultando na grande ambivalência que marcaram a significação de sua experiência no doutorado.

O segundo significado atribuído por Pantera Negra ao seu sofrimento psíquico diz a ter que estudar e trabalhar de forma concomitante (2). Ao mesmo tempo em que cursava o doutorado, ele continuou seu trabalho como servidor público. Ele é professor de uma escola pública e não conseguiu liberação do trabalho para fazer o doutorado. Sendo assim, ele tinha que dividir o seu tempo entre o trabalho de quarenta horas e o curso de doutorado: “Então, eu ficava trabalhando quarenta horas e tendo componentes. Eu fazia armengues na escola, o pessoal me ajudava, até que depois de muita briga política eu consegui vinte horas” (Pantera Negra).

A realidade de Pantera Negra é semelhante àquela de boa parte dos estudantes universitários brasileiros que têm que trabalhar e, ao mesmo tempo, dedicam-se à formação universitária. Esse problema é o resultado de diversos fatores, como uma insuficiência das políticas de permanência estudantil e a desigualdade social e econômica do país. Nas pós-graduações, essa situação têm sido cada vez mais frequente, já que os estudantes enfrentam uma alta demanda de trabalho laboral e tem que arranjar outros trabalhos para complementar sua renda devido à insuficiência das bolsas de estudo (Pinzón et al., 2020). Essa realidade é ainda mais preponderante entre pessoas de classes populares, pois, além de trabalhar e estudar, as pessoas de camadas populares têm que realizar os afazeres domésticos. Entre as mulheres essa situação é ainda mais crítica, em virtude do papéis de gênero advindos de um sexismo estrutural na realidade brasileira (Freire et al., 2020; Leão et al., 2019; Ressurreição & Sampaio, 2018).

Pantera Negra relatou diversos problemas no reconhecimento por parte dos professores e de funcionários da universidade relacionados à sua condição de estudante-trabalhador. Ele narrou uma incompreensão tanto dos professores quanto dos seus colegas sobre a sua condição:

A UFBA é uma universidade maravilhosa, mas para o estudante trabalhador, principalmente da classe popular, a sensação é que a gente tem é que estar sendo convidado a ir embora. E o mais estranho é que eu senti isso no doutorado, e isso foi compartilhado por outros colegas da mesma classe social e da mesma etnia afrodescendente. Eu tinha essa sensação que não era para estar ali por conta das demandas de pesquisas, das demandas de publicação, das demandas de divulgação, de estudos, das demandas de dinheiro, de comprar, sabe? Era sempre a sensação de que: Oh! Aqui é pra gente da elite, você está aqui de gaiato você é ousado! (Pantera Negra).

Destaca-se também que a questão profissional resultou numa ambivalência no que diz respeito à vida pós-processo de doutoramento. Esse ponto expressa um dos fatores relevantes apontados por pesquisas sobre a vida universitária, tanto na graduação quanto na pós-graduação (Freire et al., 2020; Pinzón et al., 2020), qual seja, a preocupação futura com o mercado de trabalho no pós-universidade. No caso da pós-graduação, essas questões têm uma configuração singular expressa nas barreiras e dificuldades de acesso à carreira docente no Brasil (Pinzón, 2020). Sobre essa questão, Pantera Negra expressa o seguinte:

Quanto à questão do doutorado, eu me sinto um pouquinho frustrado porque a escola tem sua lógica, sua estrutura, sua dinâmica própria que está descolada do que é feito na universidade. Quando você entra na escola é como você botasse uma tampa. A pesquisa, grupo de pesquisa não sei o quê, morre. Aí você começa a se exigir porque como seus colegas estão lá tudo professor doutor de universidade e você não é. Corra atrás e vá se desgraçar e fazer concurso pra não sei o quê, a fazer aquelas bancas ridículas que muitas vezes são mais assediadoras do que formativa (Pantera Negra).

Nesse sentido, ele aponta uma ambivalência não só de uma frustração em relação ao processo posterior de entrada na universidade, mas também uma falta de valorização do professor da educação básica. Logo, engendram-se dois campos de significação relacionados ao seu emprego atual na educação básica e ter que fazer concurso para entrar numa universidade, que seria uma consequência “natural” do doutorado. Portanto, deduz-se que existe um tensionamento em relação ao futuro a partir do processo de doutoramento realizado por Pantera Negra. Ocorreu uma mudança de posição subjetiva que entra em choque com alguns significados que ele tem sobre o seu emprego atual.

Somado a essas questões, Pantera Negra relatou dificuldades relacionadas às relações pessoais e familiares (3), especialmente no que tange ao término de uma relação e questões familiares já citadas acima. O isolamento social para conseguir produzir a tese afetou a sua relação com outras pessoas e gerou algumas compulsões que ele utilizou como recurso para lidar com a situação. A dificuldade de conciliar estudos com a vida pessoal tem sido apontada em estudos sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários tanto na graduação quanto na pós-graduação (Bezerra et al., 2018; Freire et al., 2020; Pinzón et al., 2020). O contexto

universitário muitas vezes apresenta um sistema simbólico que não dialoga diretamente com diversos públicos na sociedade, podendo trazer algumas barreiras na adaptação a esse contexto (Ressureição & Sampaio, 2018). Essas dificuldades são ainda mais evidentes na pós-graduação, em que o contexto laboral intenso exige uma dedicação de tempo considerável do estudante (Pizón et al., 2020).

Esse contexto é agravado com a demanda de produtividade na qual a pós-graduação está imersa, resultando em dificuldades nesse balanço entre a vida pessoal e profissional (Pizón et al., 2020). A competitividade e fragilização de vínculos na universidade no contexto da pós-graduação contribuem para os processos citados acima, ocasionando diversas pressões sobre o pós-graduando, como expressado por Pizón et al. (2020). O trecho abaixo ilustra essa questão:

E outra situação que aconteceu foi a ansiedade que surgiu com as demandas do doutorado que me fez negligenciar a relação no trato e no cuidado. E era uma relação que não tinha briga, não tinha muitas tretas, nada disso, [...] mas tapar um buraco causado por umas angústias que não necessariamente estavam ligadas a relação em si, mas estava ligada à angústia pelo processo de doutoramento que foi muito estressante (Pantera Negra).

Portanto, depreende-se com essa análise que as significações relacionadas ao sofrimento psíquico se relacionaram principalmente com as relações e a sensação de não-pertencimento à vida universitária, e que tiveram reflexos na vida pessoal do participante, especialmente em seu relacionamento amoroso. Essas questões geraram um campo de significações diversas que englobam as diversas esferas da vida de Pantera Negra.

Semiose e espaço de vida em Pantera Negra a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico

A trajetória de Pantera Negra até a universidade foi marcada por diversas questões sociais e individuais relativas ao contexto histórico brasileiro e sua trajetória pessoal. Tudo isso está imbricado na sua experiência de estudante na universidade. Ocorre uma relação bidirecional entre a sua história de vida e o contexto universitário. Nesse sentido, questões da universidade podem atuar como catalisadores para determinados significados relacionados ao sofrimento psíquico. Entretanto, assevera-se que a universidade não pode ser entendida como à parte da sociedade, visto que ela é reflexo da maneira de como o social se organiza política e historicamente em dado contexto, como afirmou Leão et al. (2019).

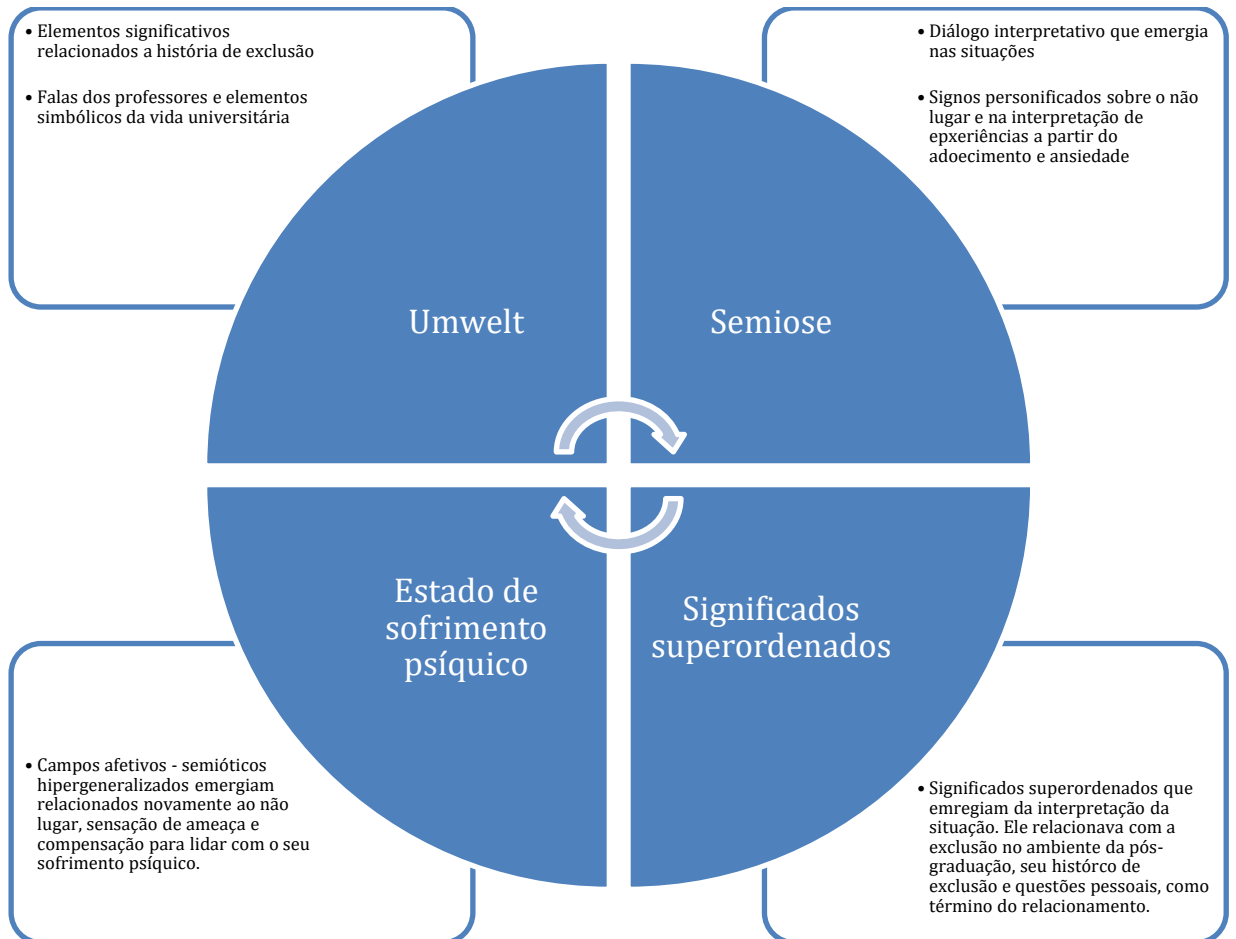
Com relação ao entendimento do caso a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico, pode-se considerar que uma das principais dimensões que o sofrimento psíquico na universidade se faz presente é na negociação de significados relacionados a identidade pessoal e na configuração das fronteiras do espaço de vida do estudante. Não é à toa que são encontrados altos índices de depressão e ansiedade entre estudantes na universidade, patologias que envolvem sobretudo questões clínicas ligadas à imagem que a pessoa faz de si, um dos aspectos relacionados a identidade pessoal (Bezerra et al., 2018; Freire et al., 2022; Ibrahim et al., 2013; Stallmann & Shochet, 2009; Storrie et al., 2010).

Denota-se que boa parte desses casos está ligada ao sistema de signos corporificados que estruturam a identidade pessoal em termos semióticos. Soma-se a isso a impermeabilidade de diversas fronteiras psicológicas, que é um fator que pode produzir signos relacionados a estados psicológicos diversos e orientam semioticamente as ações da pessoa. Nesse sentido, reafirma-se o caráter multifatorial do sofrimento psíquico na universidade, sendo difícil compreendê-lo unicamente a partir de uma perspectiva quantitativa.

A partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico pode-se considerar que no processo de semiose no ambiente da pós-graduação, foram catalisados aspectos sensoriais que tinham relação com a história de exclusão de Pantera Negra. A sensação de não-pertencimento, medo e outros componentes afetivos, catalisados com o caráter excludente do sistema simbólico presente nas universidades, participaram da construção de significados superordenados relacionados com a sua identidade e premissas pessoais. Diante disso, campos afetivo-semióticos hipergeneralizados como fuga, ansiedade e psicossomático emergidos foram generalizados para outras regiões de sua vida, a que foram chamados de “vício”, sendo um dos modos encontrados para lidar com essas questões. A interpretação do sofrimento psíquico de Pantera Negra a partir do referido modelo pode ser visualizada na figura abaixo:

Figura 4

Sofrimento psíquico de Pantera Negra a partir Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico

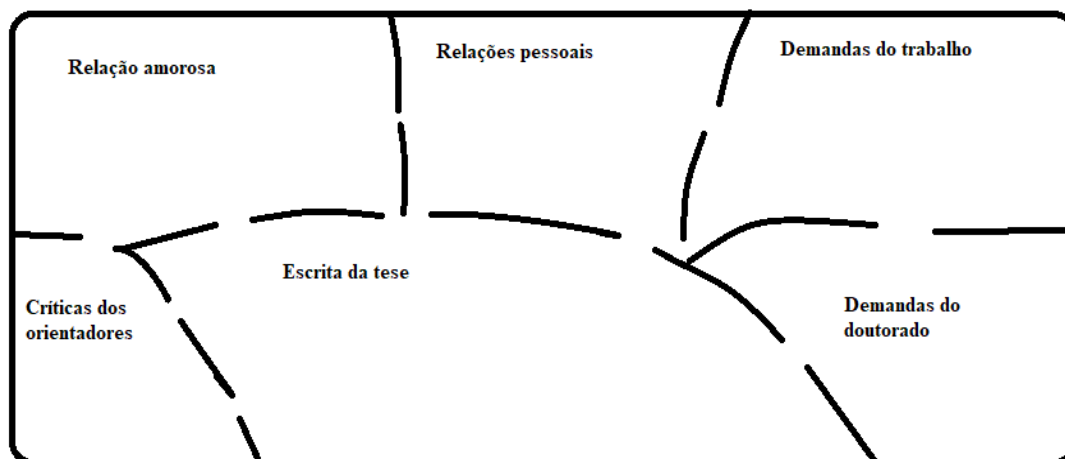


Fonte: O Autor

Esses campos afetivo-semióticos hipergeneralizados se refletiram no espaço de vida de Pantera Negra, no qual houve uma dificuldade de delimitar e agenciar as fronteiras de diversas dimensões de sua existência, resultando em uma instabilidade do ponto de vista psicológico que foi expressa no sofrimento psíquico. Nesse sentido, retoma-se mais uma vez a dimensão da identidade pessoal, resultando nas grandes significações de que a pessoa constrói ao longo de sua vida no diálogo com os ambientes. Assim, como pode ser visto, também, na figura seguinte, que trata sobre a representação topológica dos momentos em que Pantera Negra relatou acerca do sofrimento psíquico, o doutorado assumia uma grande valência e se entrecruzava com diversas dimensões de sua vida, promovendo uma ambivalência de significações:

Figura 5

Representação Topológica de Como se Configurava o Espaço de Vida de Pantera Negra no Sofrimento Psíquico



Fonte: O Autor

Portanto, diante do que foi exposto, entende-se que a universidade catalisou no processo de semiose uma série de significados generalizados rígidos sobre o senso de identidade de Pantera Negra (Como catalisador considera-se os recursos simbólicos da universidade, que se constituem desde as relações até a organização do espaço e dos saberes que serão ensinados). Todas essas questões se imbricam na experiência de Pantera Negra no contexto universitário numa relação dialética com sua história de vida.

Logo, presume-se que os campos afetivo-semióticos relacionados ao sofrimento psíquico trouxeram problemáticas no que tange as questões que enfrentava em sua vida. Assim, seguindo as premissas de Canguilhem (2009) e Zorzaneli e Banzato (2020), houve uma cristalização e ausência de movimento, afetando suas relações e causando um mal-estar, que generalizou nas regiões do seu espaço de vida. Todos esses fatores contribuíram fortemente para a emergência do sofrimento psíquico em Pantera Negra.

Neste sentido, a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico, considera-se que a experiência na pós-graduação foi marcada por significados superordenados rígidos em relação à identidade pessoal de Pantera Negra. O diálogo interpretativo com o sistema simbólico universitário engendrou campos afetivos semióticos relacionados à sua história e à forma como vivenciou os ambientes através do *umwelt* (Carriere, 2018), resultando em diversos estados afetivos como vergonha e medo. Além disso,

é importante considerar a própria condição material de ser um estudante trabalhador, interferindo diretamente em um senso de não-pertencimento relacionado ao processo de doutoramento, em que pese as devidas diferenças entre a graduação e a pós-graduação, pode-se considerar a possível existência de uma dificuldade da universidade lidar com estudantes que trabalham.

Essa multiplicidade de fatores fez eco na sua vida pessoal, resultando em conflitos em sua relação e no diálogo consigo mesmo. O doutoramento resultou num processo de significação ambivalente em relação ao doutorado, apontando para fronteiras não muito bem definidas em seu espaço de vida, de modo que Pantera Negra apresentou essa falta de limitação com espaço que o doutorado foi tomando nas diversas regiões em sua existência. Com isso, conclui-se com o questionamento acerca da limitação do estabelecimento de relações de causa e efeito em relação ao sofrimento psíquico na universidade, sendo necessário analisar os diversos elementos que compõem esse fenômeno. Ressalta-se, também, a importância de considerar a noção de pertencimento através do *umwelt* nos estudantes universitários, levando em consideração os elementos simbólicos inerentes à vida universitária.

CAPÍTULO 6 – Caso Carla

Carla tem 45 anos e se identifica com amarela e do gênero feminino. Ela nasceu e morou boa parte da sua vida no interior da Bahia, e depois foi morar em Salvador, onde está até o momento. Antes de ingressar num curso na UFBA, ela fez um curso superior de Decoração, mas não o concluiu doze anos atrás. Quando a entrevistei, em dezembro de 2021, ela cursava o quinto semestre de Letras, com ênfase em uma língua estrangeira.

Ela realizou o acolhimento entre fevereiro e julho de 2021. O motivo que a levou a procurar por este atendimento se deu após um conflito estabelecido com seu orientador de uma pesquisa, num processo de inscrição, durante um congresso na Universidade. Ela informou dificuldades de frequentar as aulas remotas, especialmente as que o referido professor ministrava, além de nos revelar é portadora de Transtorno Obsessivo- Compulsivo (TOC) e tinha uma questão com limpeza tem mais de dez anos. Desse modo, ela tinha alguns hábitos de fazer assepsia das mãos e de objetos com álcool.

Com a pandemia e o confinamento, esses hábitos se acentuaram e ela ficou um ano e meio isolada e sem contato com outras pessoas em sua casa. Ela mencionou diversos exemplos, como: quando saía de casa vestida como “astronauta” somente para jogar o lixo e com o cuidado de não encontrar outras pessoas; outro episódio relatado foi quando ficou asfixiada devido ao uso excessivo de água sanitária e álcool para limpar seu apartamento, onde ela morava sozinha.

É importante esclarecer que Carla realizou atendimento psicológico entre 2017 e 2019 num centro de atendimento especializado a mulheres vítimas de violência, devido a um episódio de assédio sofrida por um homem¹³. Ela relatou que teve diversas crises e estresses por causa dessa violência cometida contra ela, com episódios ocorridos anteriormente a pandemia. Acrescenta-se que durante o período do acolhimento e da entrevista, ela estava num período de ruptura de um relacionamento amoroso com uma pessoa descrita como importante para ela. Ela chegou para ser atendida no acolhimento num momento de crise muito forte, inclusive cogitando o suicídio. Devido ao seu estado, no seu acolhimento houve doze sessões em vez de dez. Ela relatou que o atendimento literalmente “salvou sua vida”, auxiliando-a no momento delicado por que passou. Portanto, os significados relacionados ao sofrimento psíquico que emergiram para ela foram marcados por uma série de eventos e situações em sua vida,

¹³ Carla não demonstrou se sentir confortável para detalhar a situação de assédio que sofreu. O pesquisador optou por não explorar esse ponto em respeito a participante e devido as questões éticas envolvidas.

apontando para uma perspectiva sistêmica e dinâmica na compreensão desse fenômeno. A análise realizada será trazida nas próximas seções.

Campos afetivo-semióticos hipergeneralizados relacionados ao sofrimento psíquico

A partir da análise dos dados produzidos na entrevista com Carla foram identificados quatro campos afetivo-semióticos hipergeneralizados. Eles dizem respeito a problemas com a questão da limpeza (1), dificuldades acadêmicas com a UFBA (2), término do relacionamento (3) e permissão para novas possibilidades (4).

O primeiro campo afetivo-semiótico hipergeneralizado estava ligado aos problemas com limpeza que a participante relatou durante a entrevista (1). Segundo ela, essas questões vieram antes da pandemia e foram acentuadas nesse período. Esse campo relacionou-se com situações em que ela sentia uma grande aflição. Ela sentia que tudo estava “sujo” e “contaminado”, ocasionando uma acentuada preocupação com limpeza. Um trecho que ilustra esse ponto pode ser visto abaixo, quando ela relatou o período que permaneceu em isolamento por causa da COVID- 19:

Klessyo, eu passei um ano e meio sozinha, trancada! Eu jogava o lixo, eu descia uma vez por semana para jogar o lixo fora. Parecia astronauta. Parece zoação, não? Dessa maneira, desse jeitinho! E cara, quem consegue viver desse jeito? Sozinha durante tanto tempo. Eu não tenho familiares aqui em Salvador e tinha passado por uma ruptura de relacionamento, foi uma das coisas também que acho que influenciou... E eu não aguentei e aí eu falei... poxa! Se eu me matar, não vai ter volta, não vai ter volta! (Carla).

Nesse sentido, é possível compreender que a vivência do ambiente de sua casa na COVID-19, o *umwelt*, a contaminação é um elemento sensorial importante na construção de significados. Disso decorre uma atmosfera afetiva ligada a uma grande preocupação de limpeza. Desse modo, aspectos significativos do seu contexto, como a própria pandemia de COVID- 19, favoreciam a emergência de significados ligados à contaminação.

Merece destaque que em dado momento da entrevista, Carla mencionou que quase chegou a morrer asfixiada com o uso de água sanitária e álcool na pademia, apontando mais uma vez para a relevância desse ponto em sua vida. Assim, na semiose a emergência esse campo afetivo-semiótico hipergeneralizado trouxe consigo um significado superordenado relacionado à limpeza, regulando fenomenologicamente seus modos de sentir e agir sobre o ambiente. Portanto, nota-se que estruturas de significação de sujeira e limpeza emergiram no diálogo da cultura pessoal com a coletiva (com sugestões sociais advindas em grande parte do contexto de

pandemia da COVID-19), trazendo uma carga afetiva que cristalizava uma série de significados e generalizava-se em diversas regiões de seu espaço de vida.

O segundo campo afetivo- semiótico hipergeneralizado emergiu concernente a questões acadêmicas com a UFBA (2). Inclusive, ela relatou o motivo que a levou a procurar o acolhimento foi devido à inscrição num congresso promovido pela universidade. Por conseguinte, diversas significações que estavam ligadas a conflitos com o orientador de pesquisa, relação com alguns colegas e as dificuldades com aulas remotas se apresentaram nesse campo. Nesse direção, destacaram-se os signos “estresse” e “irritação”, utilizados por ela para mediar semioticamente o que sentiu em algumas das situações relatadas acima. Um exemplo pode ser visto no trecho adiante quando ela expôs alguns problemas que ela teve em relação a alguns colegas:

Me irrita, me irrita! A parte boa das aulas *online* de é que eu acabo dando *mute* quando a pessoa fala. E eu não sei, eu acho que desenvolvi isso agora na pandemia porque eu não me estressava dessa forma. E agora tem colegas que às vezes eu implico, não vou com cara e eu nem consigo ficar nem ouvindo a voz. E eu não sei como fazer com isso. Então, eu procuro enfrentar, mas quando enfrento eu tenho crises (Carla).

Carla atribuiu essas questões, sobretudo, à pandemia e ao problema que teve com o orientador de pesquisa durante a inscrição num congresso na UFBA. Ela se queixou que teve dificuldades no processo de orientação para gravar um vídeo para apresentar na modalidade de pôster para o referido congresso. Carla relatou que fez inúmeros resumos, gravou o vídeo diversas vezes e o orientador dizia que não era o suficiente. Por fim, conseguiu enviar a gravação no último dia e o orientador excluiu a apresentação do congresso por não achar que estava bom, resultando uma crise que levou Carla a procurar o PsiU.

Por conseguinte, retoma-se a formação de hábitos no processo de semiose que estruturam grandes processos de significação carregados afetivamente através da dimensão sensorial, como teorizado por Favareau (2008), Hoffemeyer (2008), Ireland (2015) e Sevilla (2005). Na vivência em algumas situações de conflito com alguns colegas, esses significados ligados à irritação e estresse manifestaram-se de maneira marcante. Carla informou que o episódio com o orientador, nas suas palavras, a deixou “Morrendo de raiva e não sou assim no geral, mas eu estava muito machucada por causa disso” (Carla).

Constata-se, com isso, que no processo de semiose, ocorrido, sobretudo, nas relações pessoais, significados superordenados de estresse e de irritação, relacionados aos colegas aparecerem, participando da construção de um campo afetivo-semiótico relacionado a diversas situações acadêmicas. Nesta perspectiva, destacou-se, também, na entrevista um episódio gerador de uma crise no qual ela teve um conflito com um colega que queria fazer um trabalho

por grupo de *Whatsapp*, o que ela discordou prontamente. Em resumo, situações de conflito com colegas propiciaram condições para que hábitos formados a partir do acontecido com o orientador participassem do processo da construção dos significados superordenados de maneira sensorial e fenomenológica. Ressalta-se, aqui, que ela já tinha passado por um episódio de assédio e violência em sua história, o que pode ter contribuído também para emergência desse campo afetivo-semiótico hipergeneralizado.

O outro campo afetivo-semiótico hipergeneralizado, identificado na entrevista, estava associado a uma ruptura de um relacionamento que estava vivenciando (3). Ela trouxe um “pesar” e uma tristeza associado a esse processo, especialmente devido ao fato de não ter havido um término oficial entre ela e a pessoa. Esse campo afetivo-semiótico pode ser visualizado na situação em que ela voltou para seu apartamento depois de ter ido visitar seus parentes no interior:

Quando eu voltei pra cá, eu chorei, menino! quando eu abri a porta desse apartamento eu pensei... não quero ficar aqui, eu quero voltar pra casa. Olhei assim, toda dor voltou, sabe? Toda aquela tristeza, aquele enfrentamento e tal, então, assim... A volta para casa também me ajudou em relação a esse relacionamento a pensar (Carla).

Essa situação ilustra o quanto a relação do ser humano é permeada por componentes afetivos que ocorrem primeiramente de maneira sensorial e fenomenológica (Carriere, 2013; Favareou, 2008; Genarro et al., 2016; Husserl, 2006). Qualidades afetivas do seu apartamento evocavam sensorialmente a questão do término, de maneira que ela nomeou os afetos resultantes nesse processo de semiose como tristeza e pesar. Ao longo da entrevista, ela trouxe que essa situação afetou o seu estado pessoal, contribuindo para emergência do sofrimento psíquico.

Por fim, o último campo afetivo-semiótico hipergeneralizado adveio do atendimento no acolhimento, resultando no que Carla caracterizou como “permissão para novas possibilidades” (4). De acordo com Carla, o processo por qual ela passou no acolhimento propiciou a construção de novos significados sobre diversas situações em seu cotidiano. Um exemplo que ilustra essa questão foi o trecho abaixo em que ela disse ressaltou o fato de ter se autorizado a receber uma colega em casa:

E a gente fez uma amizade muito boa. Foi essa pessoa que eu te falei que fiz amizade. E é um ser humano incrível e ela se mudou para Salvador durante a pandemia e ela precisou de minha ajuda pra ficar aqui na minha casa. Já têm uns três dias. Aí você sabe, eu já contei pra ela, ela sabe sobre isso, se você se adequar a meu sistema... tudo bem. E também eu me permiti estar com outra pessoa em outro lugar sem máscara. Teve esse processo também que até então eu não tinha feito isso fora minha casa no meu interior. Eu falei, quer saber eu acho se eu não me permitir a isso eu vou morrer, como

eu já tinha dito a você, que eu ia morrer de qualquer coisa menos de COVID. Aí eu permiti que ela vinhesse. Assim, Klessyo, quando a pessoa quer entrar aqui em casa tem que limpar todos os pés com álcool, tudo! Tirar a roupa na porta, colocar no saco e ir direto tomar banho. É desse modo que eu faço. E se alguém quer entrar aqui tem que fazer e ela fez, meio que obedeceu. Houve alguns estressezinhos porque ela esquecia algumas normas, são inúmeras, mas no geral foi bom pra mim, foi enfrentamento, e acabei realizando outro enfrentamento que eu precisava fazer isso porque é algo que estava me matando também. Eu estou muito sozinha há muito tempo, sem relacionamento também e tal. Eu comecei a flertar com o vizinho novo que chegou aqui por mensagem e tal, então eu meio que me permiti a isso. Isso pra mim é importante. Esses são os benefícios que estou colhendo agora, que estou viva, que estou disposta a continuar e seguir em frente. (Carla)

O signo “permissão” aponta para um campo afetivo-semiótico hipergeneralizado no qual ocorre a abertura para novas possibilidades. A construção desse processo foi possível no encontro com a psicóloga no acolhimento, apontando que a experiência clínica pode promover novos modos de regulação semiótica na vida dos pacientes, como corroboram Salvatore e Valsiner (2014). Assim, nota-se a coexistência de novos significados com significações que antes eram cristalizadas, a exemplo da limpeza. Depreende-se também que esses significados novos ocorreram em nível do senso de *Self* de Carla, constituindo novas premissas de pessoas que foram expressas a partir do signo “permitir”.

Portanto, assevera-se que o estado de sofrimento psíquico de Carla estava relacionado aos campos afetivos-semióticos aqui analisados. Eles participavam da regulação semiótica de situações do cotidiano e apresentaram significados rígidos, afetando-a principalmente no senso de *Self* e na sua cultura pessoal. Logo, a partir da compreensão desses campos afetivos-semióticos hipergeneralizados procurou-se entender quais signos catalisavam os significados relacionados ao sofrimento psíquico, que será exposto na próxima seção.

Signos que participaram das significações sobre sofrimento psíquico

No que tange a análise realizada, foram identificados como participantes da significação de Carla sobre o seu sofrimento psíquico: sujeira/ contaminação (1), instabilidade/ insegurança (2) e sozinha (3). Primeiramente, cabe falar do signo sujeira/ contaminação (1), que catalisou o signo limpeza e a emergência de um campo afetivo-semiótico hipergeneralizado relacionado a essa questão. Uma fala de Carla que ilustra essa questão pode ser vista no seguinte trecho “Eu já fui normal um dia assim, sabe? sem a preocupação de limpeza. Esse é meu peso maior... Achar que tudo está tudo sujo e contaminado” (Carla).

Nesse ínterim, verifica-se que o signo sujeira/contaminação assumiu um papel importante no processo de semiose entre Carla e diversos espaços, especialmente no período de pandemia. Ela carregava uma grande carga afetiva e ofereceu condições para que as preocupações com limpeza se estabelecessem (Cabell, 2011; Valsiner, 2021). Denota-se essa mediação afetivo-semiótica em situações como tirar o lixo de casa ou quando as compras chegavam em sua residência. O trecho abaixo exemplifica esse ponto:

Eu cheguei a ter uma crise de... Eu quase morri asfixada de água sanitária porque quando chegava as compras aqui em casa. Eu comprava tudo pela internet. Eu usei água sanitária demais. Olha, tinha dias que eu usava quase um litro de água sanitária e um litro de álcool juntos. E como são gases, a casa ficava quase que pegando, com ar muito tempo com tudo fechado, eu quase morri! (Carla).

Desse modo, assevera-se que o *umwelt* vivenciado por Carla tem entre os principais pontos na sua construção de hábitos e da cultura pessoal a questão da sujeira/contaminação. Contudo, ressalta-se a atribuição que a participante fazia dessas questões virem de transtornos, como o TOC, apontando o quanto o paradigma biomédico participa da construção de significados relacionados ao sofrimento psíquico¹⁴. Dependendo da situação, signos relacionados a esse paradigma podem atuar como cristalizadores de significado, inibindo a produção de novas significações (Salvatore & Valsiner, 2014; Sousa et al., 2018). Supõe-se que essa circunstância possa ser um dos elementos que participa do sofrimento psíquico de Carla com o uso que ela fez dos signos TOC e transtornos.

O outro signo que participou dos processos de significação do sofrimento psíquico foi instabilidade/insegurança (2), que se referiu a significados ligados a situações no qual ela expressava medo de não conseguir algo. Assim, ocorrências como fazer inscrição no congresso ou ter aula *online* tiveram como catalisador o referido signo acima, fazendo emergir um campo afetivo-semiótico generalizado de significados múltiplos coexistindo com uma alta carga afetiva. Pode-se verificar no trecho abaixo esse ponto:

No caso, eu te contei em relação a minha orientação ao congresso foi um fator. Talvez não seja ligado direto a minha inscrição, mas esse processo que a gente passou de instabilidade e insegurança. Ah! Será que eu vou conseguir terminar o semestre, sabe? As aulas *online* também de início foram horríveis. Eu sou ansiosa já, tenho pontos de ansiedade e tal. Eu ficava esperando as aulas com medo de não entender, de não aprender, principalmente no francês porque eu faço Letras vernáculas com francês. Eu falei: gente, eu vou me dar mal! Não vou conseguir passar! Não vou conseguir fechar a matéria! Fiquei nessa preocupação, sabe, pelas aulas serem virtuais, mas eu acho que isso aconteceu com todo mundo. (Carla)

¹⁴ Ressalta-se mais uma vez que esse trabalho não tem a intenção de negar o TOC e outros transtornos em si. Discute-se o reducionismo de significação que pode ocorrer ao se centrar a experiência do indivíduo em sofrimento psíquico somente no diagnóstico em si e deixar de lado outros elementos de sua vida.

Diante do relato acima, depreende-se que o sofrimento psíquico relacionado à pandemia e as situações acadêmicas foram catalisados pelos signos “instabilidade” e “insegurança”. Denota-se com isso o caráter contextual e abrangente do sofrimento psíquico. Reflete-se também sobre possíveis consequências resultantes da cristalização em signos com significados atrelados ao paradigma biomédico, impedindo a pessoa de construir significados diversos para lidar com problemas em sua vida. É importante destacar também que no histórico de Carla ela já havia passado por situações difíceis e crises, como o episódio de assédio, de modo que seu campo psicológico pode ter sido permeado por todas essas situações.

Por fim, o último signo identificado como participante das significações do sofrimento psíquico foi “sozinha” (3). Ao longo da entrevista, ela expressou em alguns momentos que não poderia ficar sozinha. É necessário salientar o contexto de isolamento e de crise que viveu na pandemia, contribuindo para esse receio de ficar só. Desta forma, esse signo serviu de recacionou-se com significações relativas às crises que ela teve, como pode ser visualizado no fragmento abaixo:

Só que, assim... o que eu percebi com isso é que eu não posso ficar sozinha, mesmo que eu vá de quinze em quinze dias. Que não aconteça como aconteceu o imprevisto que eu fiquei mais de quinze dias sozinha. Mas só o fato de ficar com a cabeça bem já segura meu barco. Eu não posso sentir que estou só, se eu tiver um crise, e agora o que eu fazer? (Carla).

Destaca-se novamente a carga afetiva envolvida neste signo, propiciando condições para a significação de Carla para a possibilidade de ter uma crise. Nesse sentido, considera-se o papel afetivo dos signos catalisadores no processo de semiose como fundamentais para compreender a produção do sofrimento psíquico na singularidade do indivíduo. Assim, compreende-se que o estar só para Carla trazia uma série de significados como crise, estresse e irritação, que participaram de campos afetivo-semióticos relacionados ao seu processo de significação do sofrimento psíquico. Portanto, a partir do que foi discutido até o presente momento, foi traçada uma análise dos significados, associados ao sofrimento psíquico, segundo a interpretação de Carla.

Construção de significados associados a esse sofrimento psíquico

Foram identificados quatro significados relacionados ao sofrimento psíquico, que consistiram: assédio moral que vivenciou (1); Dificuldades de relação na UFBA (2); problemas

com limpeza e a pandemia (3) e término de relacionamento (4). Como foi trazido acima, Carla informou que sofreu uma situação de assédio moral (1) anos atrás, no qual sofreu violência de um homem. Ela vinculou o início de suas crises a esse episódio, como pode ser visto no trecho abaixo:

Eu tive um problema sério de assédio moral. E isso me desencadeou um estresse muito grande. Tive crises, passei a ter crise por bastante tempo por causa desse assédio. E eu procurei o serviço de psicologia do [...], que atende literalmente mulheres em situação de violência doméstica. Pelo fato ter sofrido a violência por um homem. O homem me violentou, eu pude ser atendida lá. Depois disso, eu melhorei um pouco e parei o atendimento. Eu parei em 2018. Fiquei em 2019 bem. Mas, antes da pandemia, na verdade, em dezembro de 2019, eu tive umas recaídas (Carla).

Nesse sentido, considera-se a importância desse episódio na constituição da vivência do *umwelt* na relação com os diversos episódios. Medeiros e Zanello (2018) evidenciam o quanto a violência pode afetar negativamente a saúde mental da mulher, apesar da falta de integralidade nas políticas públicas para atendimento a esses casos. Nessa mesma linha, Freire et al. (2022) trazem o dado de que mulheres tem uma maior prevalência de transtornos ansiosos e depressivos, bem como na prescrição de psicotrópicos em relação aos homens, por causa das diversas desigualdades de gênero, no qual a violência é uma de suas expressões.

Assim, depreende-se que esse elemento está relacionado à maneira como afetivamente ela construiu significado em situações de sua vida, especialmente voltados a situações em que ela sente estar em crise. Nessa linha de raciocínio, Sevilla (2005) colocou como o processo de semiose acontece em rede, no qual participam desse diálogo interpretativo a história de vida das pessoas e os elementos significativos do ambiente. Por isso, dado a relevância desse episódio, aponta-se que ele atua de maneira significativa no sofrimento psíquico de Carla.

Carla atribuiu o outro significado associado ao sofrimento psíquico a questões acadêmicas da UFBA, especialmente aos problemas vivenciados com o orientador (2). Ressalta-se que a orientação tem sido apontada por pesquisas, como de Pizón et al. (2020), como um fator relevante na saúde mental de estudantes universitários. Entretanto, ressalta-se a ambivalência dessa questão para Carla, já que o orientador também contribuiu bastante para sua formação. O excerto a seguir traz essa questão:

Quero fazer pós, quero fazer mestrado e tal! E tem também os professores, tanto que na graduação mesmo tem pessoas incríveis. Inclusive, eu tive a sorte de pegar pessoas muitas boas e me fizeram focar no curso. E isso me ajudou bastante, mesmo tendo esse processo de sofrimento com o orientador. Por outro lado, tirando essa rigidez dele, ele me ajudou muito porque na área dele, ele é excelente. Então, eu absorvi muito conhecimento, participei de muitos eventos que ele promoveu durante a pandemia, tem esse lado. Mas eu te garanto que eu ainda tenho trauma. No dia que a gente tem aula com ele. Eu participei uma aula com ele, por exemplo, eu já tinha feito o curso com ele,

a matéria e passei e ele deu essa matéria e eu acabei assistindo como ouvinte e não me fez bem, mas eu tinha que estar lá meio que obrigada por uma questão de conveniência (Carla).

Dessa maneira, nota-se que nesse ponto existe uma ambivalência no significado do sofrimento psíquico que ela atribuiu a universidade, coexistindo ao mesmo tempo com contribuições do orientador para seu conhecimento e o trauma que alegou ter sido causado por ele. (A emergência desse significado trazia um sofrimento atrelado à situação de inscrição no congresso e a rigidez do orientador, apontando para um possível significado superordenado para algumas relações na universidade. Inclusive, ela disse que isso reverberou na relação com outros colegas na universidade, no qual ela estava tendo dificuldade de lidar. É importante destacar que ela imputou essas dificuldades, em grandes partes, ao episódio que ocorreu com o orientador, gerando um “estresse” com alguns colegas em situações acadêmicas.

Já a terceira significação disse respeito aos problemas de limpeza (3). Como foi trazido acima a significação sujeira <> limpeza lhe trazia sofrimento psíquico acentuado. Pode-se compreender novamente que esse consistiu em um significado superordenado que emergia na semiose, principalmente quando a vivência do ambiente, no *umwelt*, aparecia a questão da sujeira (Carriere, 2013; Favareou, 2008; Genarro et al., 2016). Nota-se uma cristalização de significação, no qual um signo remete a outro, sem abrir outros significados. Nesse sentido, considera-se que o sofrimento psíquico tinha relação com esse estancamento significativo, no qual estava envolvida uma dimensão afetiva que trazia uma mal-estar para Carla.

Por fim, o último significado relacionado ao sofrimento psíquico dizia respeito ao término de um relacionamento que Carla estava vivenciando no momento da entrevista¹⁵ (4). Esse ponto apresentava também uma ambivalência, já que ela afirmou que não houve uma finalização, mas uma situação no qual tiveram que se afastar. Segundo ela, essa situação a colocava num estado de espera e teve grande responsabilidade pelo seu estado emocional. O fragmento abaixo ilustra esse ponto:

Fiquei presa a uma espera, Klessyo! Como eu posso te explicar? Por exemplo, meu relacionamento acabou, mas não acabou de todo modo! A gente terminou e cada um vai para o seu lado. Não, a gente não acabou! E eu meio que estou aqui esperando por ele até... A gente está em que mês? Em dezembro, né? [...]Não! Não foi bem conseguir acabar! A gente não terminou oficialmente, tipo a gente meio que foi obrigado. Existia um problema em que a gente foi obrigado a se distanciar. Então, houve a necessidade desse distanciamento e a pandemia foi um dos fatores que acentuou, faltou não, que faltou, mas ajudou no distanciamento (Carla).

¹⁵ Também por uma questão da participante não ter demonstrado estar confortável para falar mais sobre esse relacionamento, esse tópico não foi explorado de maneira mais aprofundada pelo pesquisador.

Nota-se a ambivalência quando ela traz que o relacionamento acabou <> mas não acabou de todo modo, apontando para um terceiro significado relacionado ao estado de espera (Valsiner,2021). Deste modo, depreende-se que esse terceiro significado emergia um campo afetivo- semiótico, caracterizado por “estado emocional”. Essa situação contribuiu para o sofrimento psíquico dela, trazendo um mal-estar com essa questão.

Semiose e espaço de vida em Carla a partir do Modelo Cultural Semiótico do sofrimento psíquico

Diante do que foi discutido até o momento, pode-se concluir que a significação do sofrimento psíquico de Carla perpassa por diversas esferas, inclusive do período pandêmico que acentuaram algumas questões em sua vida. Assim, destacam-se algumas pesquisas que já vem mostrando os efeitos de todas as repercussões psicossociais do período pandêmico no sofrimento psíquico de estudantes universitários (Gundim et al. 2020; Menegaldi-Silva, 2022; Liu et al., 2020; Zyuan et al. 2021; Wang et al., 2020). Nesse sentido, Megaldi- Silva et al. (2022), que trouxeram que pontos como preocupações com atividades acadêmicas e medo de morrer, como trazidos pela entrevistada, foram relevantes em estudantes universitários brasileiros e de outras partes do mundo durante o isolamento devido a COVID- 19. Salienta-se também o fato dela ser do gênero feminino, o que também tem sido apontado por estudos, como Freire et al. (2022) e Neves e Dalgarrondo (2007), como fator importante na produção do sofrimento psíquico na universidade. No caso de Carla, pode-se considerar que a questão do gênero apareceu na entrevista de maneira marcante na violência de assédio moral vivenciada por ela.

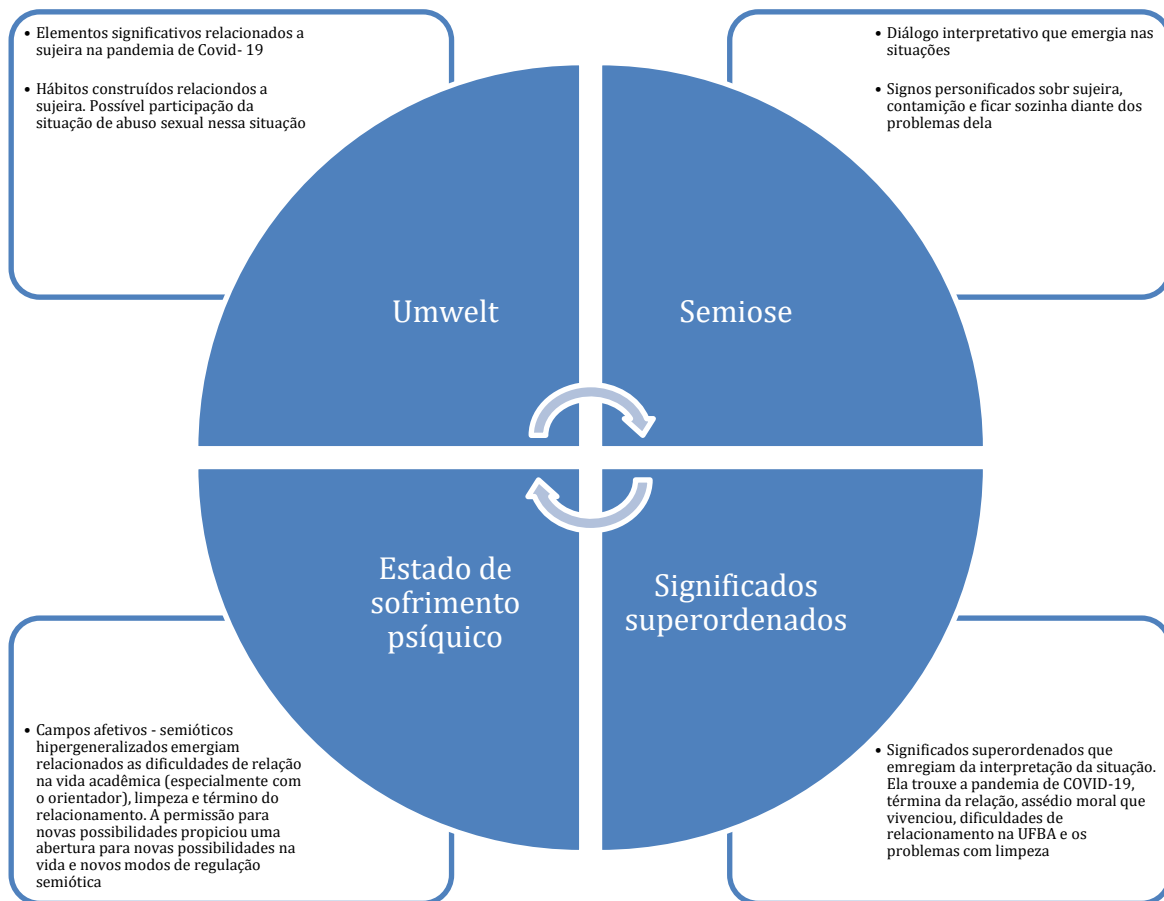
A partir do Modelo Cultural Semiótico do sofrimento psíquico, identifica-se que existia que uma atmosfera afetiva do próprio período social na semiose que contribuiu para emergência de significados ordenados e campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, relacionados ao sofrimento psíquico de Carla, especialmente no que tange a ambivalência entre limpeza <> sujeira. Outra temática significativa, também, foi o processo de ruptura do relacionamento, expresso na ambivalência terminou <>não terminou, ainda, que também favoreceu essas significações. É importante ressaltar, também, o histórico da situação de assédio sexual vivenciada por ela, de maneira que o episódio com o orientador e a inscrição no congresso da UFBA propiciaram ainda mais condições para que o momento de crise dela emergisse. O trecho abaixo ilustra o momento vivenciado por Carla, trazido por ela na entrevista:

E aí eu tive uma crise muito forte, muito forte que eu não estava aguentando. Assim, eu já tinha planejado suicídio. Eu já pensei em suicídio muito antes. Várias vezes. Dessa vez a vida estava tão ruim pra mim, eu não estava conseguindo assim. Estava com problemas pessoais, estava com problemas dessa questão da faculdade e trancada em casa (Carla).

A partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico, é possível asseverar que todos os fatores trazidos acima contribuíram para que, no plano sensorial, uma série de componentes participassem do diálogo na semiose, catalisados especialmente depois dos conflitos com o orientador. Dessa maneira, significados superordenados ligados à sujeira e à relação com os colegas participaram da construção dos campos afetivo-semióticos hipergeneralizados nas regiões da vida dela acadêmicas, do relacionamento e do isolamento, advindo da pandemia de COVID-19. Sobre os pressupostos de Caguilhem (2009) e Zorzanelli e Banzatto, denota-se que esses campos ocasionaram numa cristalização de significados e impediram dela lidar com as situações em sua vida. A leitura da situação de Carla sobre o Modelo Cultural Semiótico do sofrimento psíquico pode ser visualizada na figura abaixo:

Figura 6

Sofrimento psíquico de Carla a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico

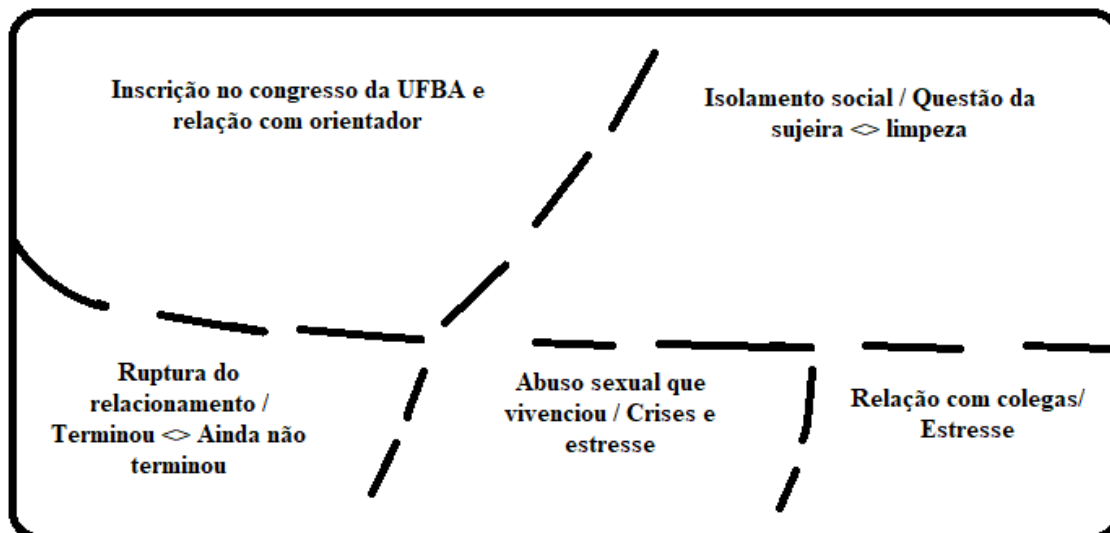


Fonte: O Autor

Com isso, a partir das premissas trazidas acima, ressalta-se novamente o caráter contextual e fenomenológico do sofrimento psíquico. O *umwelt*, a relação vivencial do indivíduo com o ambiente, acontece primeiramente numa dimensão fenomenológica e sensorial, resultando numa esfera afetiva que catalisa a construção de significados através de uma série de signos afetivamente carregados (Carriere, 2013; Favareou, 2008; Genarro et al., 2016; Husserl, 2006). Assim, o espaço de vida de Carla, a compreensão topológica do *umwelt*, trazia uma série de forças que pressionavam seu comportamento em nível individual. Uma série de fronteiras e regiões que se entrecruzavam e traziam uma instabilidade no seu campo no qual ela tinha uma série de dificuldades em lidar (Lewin, 1939; Tateo & Marsico, 2019). Segundo a entrevista, infere-se que o espaço de vida de Carla pode ser visualizado da seguinte maneira abaixo:

Figura 7

Representação Topológica de Como se Configurava o Espaço de Vida de Carla no Sofrimento Psíquico



Fonte: O Autor

Como expresso na figura acima, no momento de crise em que procurou o PsiU essa série de forças pressionavam o campo psicológico de Carla e ela estava com dificuldade de lidar e elaborar tudo que estava passando. O episódio com o orientador em conjunto com o isolamento social, apesar de terem uma valência maior, vinham também pressionados por outras questões relacionadas a sua vida pessoal (Lewin, 1939; Tateo & Marsico, 2019). O momento de crise foi catalisado sobretudo pelo episódio com o orientador, dando condições para significados ordenados como “eu não aguento” relacionados ao suicídio (Genarro et al., 2016).

Desse modo, aponta-se novamente que significados construídos associados ao sofrimento psíquico tem um elo fundamental com o senso de *Self* do indivíduo, que participam da cultura pessoal e se expressam nos signos personificados. Inclusive, o senso de *Self* participou também do significado que emergiu após o signo suicídio “Se eu me matar não vai ter volta, não vai ter volta!” (Carla). A construção de significados sobre si mesmo e suas ações no mundo, que constitui as premissas pessoais de um indivíduo, especialmente quando trazem situações dilemáticas e que trazem uma vivência de instabilidade no espaço de vida, são fundamentais para compreender o processo de significação associado ao sofrimento psíquico (Genarro et al., 2016; Lewin, 1939).

Destarte, no que tange ao papel da universidade no sofrimento psíquico de Carla, pode-se considerar que a relação com o orientador e na inscrição no congresso foram situações catalisadoras para a configuração do espaço de vida dela. Porém, uma série de outros fatores vieram também acompanhados, resultando no momento de crise que ela vivenciou ao chegar no acolhimento psicológico. Diante desse contexto, é possível ponderar que o contexto universitário não pode ser colocado como agente causal único do sofrimento psíquico de Carla,

mas sim como mais um dos elementos em sua vida que proporcionou condições para emergência de uma série de significados e afetos vivenciados de maneira que cristalizaram modos de relação do mundo.

Frisa-se também a importância do acolhimento psicológico, no qual uma série de significados superordenados e campos afetivo-semióticos hipergeneralizados que a participante trouxe puderam ser negociados. Além disso, permitiu que ela pudesse elaborar melhor e produzir significações desses campos-afetivos semióticos, auxiliando-a regular semioticamente suas ações de outra maneira. Portanto, entende-se que o processo do acolhimento atuou como um *scaffolding* semiótico, no qual a relação terapêutica significativa estabelecida com a psicóloga que a acolheu abriu a possibilidade de novas significações. Um exemplo trazido por Carla foi a fala da psicóloga quando ela trouxe pensamentos em relação a se matar “assim, tinha hora que ela falava: “aguarde mais um pouquinho, não se mate hoje não. Me falava desse jeito” (Carla) ou em outro momento no qual a participante comentou sobre o atendimento: “Olha, no meu caso, só mudou a minha vida. Permitiu que eu continuasse viva, sabe? E mais do que viva, que eu passasse a viver coisas que não tava” (Carla).

Retoma-se assim a compreensão de uma intervenção em psicologia clínica entendida como um processo de negociação de significados em uma relação dialógica. Do ponto de vista fenomenológico, o encontro entre paciente e psicólogo clínico é capaz de não somente propiciar a elaboração interpretações e significados que surgem em sua experiência imediata, mas também proporcionar condições para catalisar processos de significação diversos (Genarro, 2011; Genarro et al., 2016; Husserl, 2006; Salvatore & Valsiner, 2014). Nesse sentido, a redução operada no sofrimento psíquico da pessoa atendida a um sintoma ou psicopatologia pode impedir esse processo de produção de novos significados, cristalizando determinados modos de sentir, pensar e perceber o mundo ao seu redor. Em que pese as contribuições desse modelo na psicologia clínica, psiquiatria, psicopatologia e saúde mental no geral, é preciso reconhecer suas limitações e problemas (Vargas et al., 2023; Sallet, 2023; Sousa, 2017; Wampold & Imel, 2015).

Portanto, conclui-se essa análise apontando o caráter dinâmico e contextual do sofrimento psíquico, no qual diversos elementos e dimensões estão envolvidos em sua produção. Nesse sentido, especificamente no contexto universitário, é importante considerar quais elementos significativos estão presentes na vivência do indivíduo, em uma complexa relação bidirecional entre pessoa e sociedade. Por fim, considera-se fundamental refletir sobre o atendimento psicológico aos estudantes, considerando os diversos atravessamentos que tangenciam ser estudante universitário.

CAPÍTULO 7 – Considerações sobre a semiose e o espaço de vida de estudantes em situação de sofrimento psíquico a partir do Modelo Cultural Semiótico de compreensão do sofrimento psíquico

Nas últimas décadas, a psicologia clínica tem tido como paradigma central uma perspectiva chamada por alguns autores de protocolo síndrome (Hayes et al., 2022). Ele se baseia em um modelo experimental e quantitativo, ancorando-se na Classificação Internacional de Doenças (CID) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) para conceber o que é o sofrimento psíquico. Essa perspectiva trabalha com a noção de que existe um problema na mente, entendida de maneira mecanicista, em que é necessário procurar os aspectos psicológicos falhos para consertar o problema do indivíduo (Hayes et al., 2022; Ionescu, 1997; Sousa, 2017; Wampold & Imel, 2015).

Esse modelo teve um grande impulso a partir das décadas de 1950, depois da publicação do psicólogo inglês Hans Heyseck, em 1952, questionando a efetividade das práticas psicoterápicas. Nesse mesmo período, a Psiquiatria e a Medicina tiveram um grande avanço, com a sintetização da Clorpromazina, inaugurando um novo paradigma na compreensão e tratamento das psicopatologias. Destaca-se também o avanço das neurociências com os exames de neuroimagem e de mapeamento do cérebro e das teorias do desequilíbrio neuroquímico dos transtornos mentais (Amarante, 2007; Abamov & Junior, 2016; Vargas et al., 2023; Sallet, 2023; Sousa, 2017; Neto & Messas, 2016; Wampold & Imel, 2015).

Esse paradigma ancorou o sofrimento psíquico em um modelo biomédico e de protocolo síndrome de maneira hegemônica em diversas áreas da Psicologia, especialmente na clínica (Vargas et al., 2023; Sallet, 2023; Sousa, 2017; Wampold & Imel, 2015). Como analogia dessa compreensão do sofrimento psíquico, pode-se pensar nele como fruto de um déficit na mente do indivíduo que o faz agir de determinada maneira. Desse modo, deve-se descobrir qual mecanismo defeituoso nos transtornos mentais para classificá-los e estabelecer terapêuticas específicas (Hayes et al., 2022; Sousa, 2017).

A despeito do grande avanço e crescimento que essa perspectiva promoveu na psicologia clínica, ela vem sofrendo uma série de críticas nos últimos anos devido a limitações em sua perspectiva sobre o sofrimento psíquico. De maneira geral, ela desconsidera ou deixa em segundo plano diversos tópicos importantes, tais como o fundamento epistemológico e filosófico dos fenômenos psicológicos e das psicopatologias, questões culturais e sociais envolvidas no sofrimento psíquico e a subjugação da relação terapêutica nas intervenções clínicas. Essas questões têm gerado diversos problemas na área, que se expressam ainda em

uma carência sobre as incertezas dos mecanismos relacionados à eficácia do processo de psicoterapia (Freire & Hessel, 2023; Phillipot et al., 2018; Wampold & Imel, 2015).

Em contraponto a essas perspectivas, outras concepções indicam o ambiente como elemento causal do sofrimento psíquico. Nesse sentido, a patologia seria um produto das estruturas sociais opressivas, na qual as categorias diagnósticas seriam uma forma de controle social de grupos dominantes na sociedade. Com isso, os transtornos mentais dizem muito mais a respeito ao modo como a sociedade trata as diferenças do que um problema individual em si (Amarante, 2007; Ionescu, 1997; Sallet, 2023).

Esse outro paradigma propõe como ponto principal do tratamento em saúde mental uma perspectiva de mudança cultural em relação às diferenças, bem como uma luta contra as estruturas opressivas da sociedade. O foco não seria compreender mecanismos envolvidos em transtornos mentais específicos, mas sim nos aspectos sociais que resultam na experiência de sofrimento psíquico. Trata-se, assim, de um modelo que considera o indivíduo em suas potencialidades, dialogando com vertentes humanistas na Psicologia, na qual as estruturas e as desigualdades sociais impedem o indivíduo de se desenvolver psicossocialmente (Amarante, 2007; Ionescu, 1997; Sallet, 2023).

Em que pese também a grande contribuição dessa perspectiva para a compreensão do sofrimento psíquico e da saúde mental como um todo, auxiliando na despatologização de questões sociais (a exemplo da homossexualidade) e na mudança de uma lógica de tratamento manicomial para psicossocial, ela também tem sofrido importantes críticas. A primeira grande crítica é que ela deixa opaca as especificidades de um indivíduo em sofrimento psíquico, já que se trata de uma experiência com alterações psicológicas do ponto de vista qualitativo. A segunda refere-se a um risco de cair em um determinismo sociológico, desconsiderando as individualidades relacionadas à experiência psicológica de sofrimento psíquico do ser humano (Amarante, 2007; Abamov & Junior, 2016; Freire & Hessel, 2023; Ionescu, 1997).

Nesse sentido, depreende-se que a compreensão do sofrimento psíquico tem se centrado em duas grandes perspectivas: a primeira em um viés mais individual e outra mais sociológica. Esses dois paradigmas levam a diferentes concepções teórico-metodológicas, uma foca mais em mecanismos disfuncionais do indivíduo e outra em estruturas desiguais da sociedade (Freire & Hessel, 2023; Wampold & Imel, 2015). As pesquisas sobre sofrimento psíquico do estudante universitário têm se ancorado majoritariamente nesses dois paradigmas, em especial na perspectiva biomédica de protocolo síndrome, apontando para uma perspectiva unidirecional (do indivíduo para o ambiente ou vice-versa) e estática desse fenômeno (Aurebach et al., 2016;

Fonaprace, 2011; Freire et al., 2020; Leão et.al, 2019; Ibrahim et al., 2013; Osse & Costa, 2010).

Apesar das diferenças epistemológicas e conceituais desses dois grandes paradigmas trabalhados até o momento, constata-se que ambos têm como ponto em comum uma perspectiva cartesiana de separação entre indivíduo e sociedade: ou a pessoa é fruto de um mecanismo psicológico defeituoso ou é produto de uma sociedade desigual, apontando para compreensões estáticas e deterministas do que é um fenômeno psicológico e sobre a cultura. Dessa maneira, essas duas vertentes apontam em seu substrato relações causais estáticas que trazem um problema epistemológico de concepção dos aspectos psicológicos subjacentes ao sofrimento psíquico (Abramov & Junior, 2016; Neto & Messas, 2016; Ionescu, 1997; Sallet, 2023).

Ressalta-se que apesar da psicologia do desenvolvimento e outras áreas da psicologia já trabalharem com modelos bidirecionais para a compreensão de fenômenos psicológicos, tanto na psicopatologia e na psicologia clínica essa ainda é uma importante lacuna que vem tentando ser resolvida nos últimos anos (Salvatore & Valsiner, 2014). As concepções que tiveram mais força nas últimas décadas na psicologia são advindas do dualismo cartesiano para o sofrimento psíquico, apontando para leituras estáticas que não consideram (ou colocam em segundo plano) a significação do indivíduo na relação com os contextos sociais. Assim, existe um evidente potencial para o desenvolvimento ou aprimoramento de modelos dinâmicos e bidirecionais para a compreensão do sofrimento psíquico (Hayes et al, 2022; Sallet, 2023).

Diversos modelos, como a psicoterapia baseada em processos, terapia de aceitação e compromisso e a terceira onda das psicologias cognitivo e comportamentais no geral, são exemplos da tentativa da superação de um paradigma estático e que não leva em consideração as significações do indivíduo para o sofrimento psíquico (Hayes et al., 2022; Hoffman et al., 2023). Porém, segundo Hayes et al. (2022), esses modelos ainda carecem da assimilação de uma perspectiva idiográfica, necessitando ainda de um maior desenvolvimento desse aspecto. Outros modelos, como as psicoterapias humanistas e fenomenológico e existenciais (Asworth & Chung, 2006), também buscam as significações individuais. Porém, necessitam ainda de uma compreensão de aspectos gerais presentes no sofrimento psíquico.

A partir dessas problemáticas trazidas por essas concepções, o Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico proposto por este estudo apresenta uma compreensão que tenta superar essas dicotomias proporcionando uma perspectiva dinâmica e idiográfica para esse fenômeno (Valsiner, 2014a; 2021). Com isso, o sofrimento psíquico é compreendido como um modo de diálogo interpretativo na semiose que afeta o espaço de vida do indivíduo, trazendo algumas problemáticas na relação da pessoa consigo mesma e com o

mundo. Baseado em Canguilhem (2009) e Zorzanelli e Banzato (2020), assevera-se que esses problemas afetam a capacidade da pessoa lidar com diversos problemas de sua vida, deixando-a cristalizada em certos significados que não promovem uma relação dialética com regiões de sua existência.

Nessa concepção, estão imbricados a história de vida do indivíduo, expresso na maneira como este constrói significados e regula suas ações no ambiente (o *umwelt*), e o seu contexto cultural (contextual e historicamente localizada). Ressalta-se também que se trata de uma proposta de ampliação da psicologia cultural semiótica para a psicologia clínica, apontando para um aplicação das concepções dessa abordagem teórica nessa área. Essa perspectiva teórica pode não somente auxiliar na compreensão de fenômenos clínicos, como o sofrimento psíquico, por exemplo, mas também pode auxiliar no entendimento da multiplicidade de fatores envolvidos em um processo terapêutico em psicologia clínica (Favareau, 2008; Lewin, 1939; Valsiner, 2014a; 2021).

Na noção de *umwelt* estão implicadas dimensões culturais e pessoais da história de vida do indivíduo (Ireland, 2015; Sevilla, 2005). Dessa maneira, propõe-se a inclusão da perspectiva fenomenológica do conhecimento em primeira pessoa de Husserl (2006) e dos significados superordenados do TSSM (Genarro, 2011; Genarro, et al., 2016) nesse conceito. Depreende-se que, no modo no qual o indivíduo vivencia o ambiente, estão imbricados significados generalizados e carregados afetivamente (sobre si, sobre as pessoas e sobre o mundo), que são, por sua vez, internalizados e externalizados de maneira singular (Genarro, 2011; Genarro, et al., 2016). Esses significados emergem de maneira fenomenológica no horizonte perceptual da pessoa na sua relação com os diversos aspectos do ambiente de maneira pré-reflexiva, vivencial e em primeira pessoa, como preconizado por Husserl (2006).

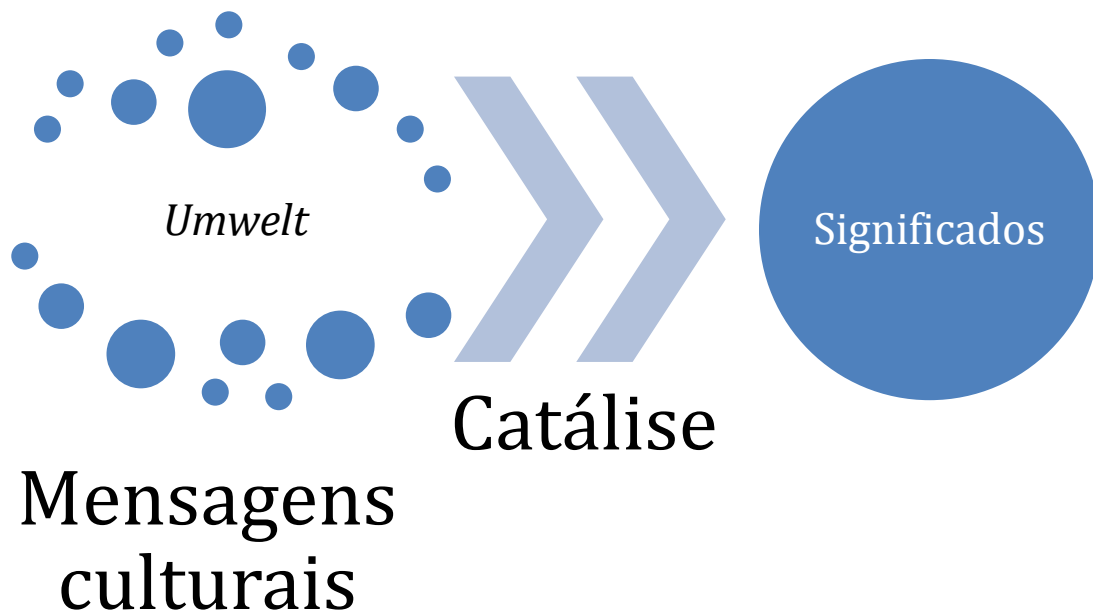
Dessa maneira, trata-se também de uma ampliação do conceito de semiose (Favareau, 2008), apontando para um efeito primário sensorial dos aspectos do ambiente no indivíduo (Carriere, 2013; Fossa, 2018). Esse processo ocorre num nível pré-semiótico e o afeto resultante dele é regulado semioticamente através de campos afetivo-semióticos hipergeneralizados que regulam os modos de sentir da pessoa. Com isso, a semiose envolve não somente o nível sensorial da experiência, mas também a memória episódica do indivíduo e as suas experiências na vida, constituindo-se na relação entre a pessoa e o ambiente (Mattos, 2016; Valsiner, 2014a; 2021).

Dessa maneira, as mensagens culturais do ambiente servem sobretudo como catalisadoras, frutos do encontro entre indivíduo e seus contextos culturais. A partir da catálise e da ambivalência de signos ocorridas na semiose que emergem novos significados. Dessa

maneira, acontece sempre num processo de negociação de significações entre indivíduo e ambiente na experiência imediata, no qual pessoa e seu contexto estão sempre numa relação de troca (Favareau, 2008; Genarro, 2011; Tateo, 2018). Esse processo de semiose pode ser visualizado na figura abaixo:

Figura 8

Representação Gráfica do Processo de Semiose



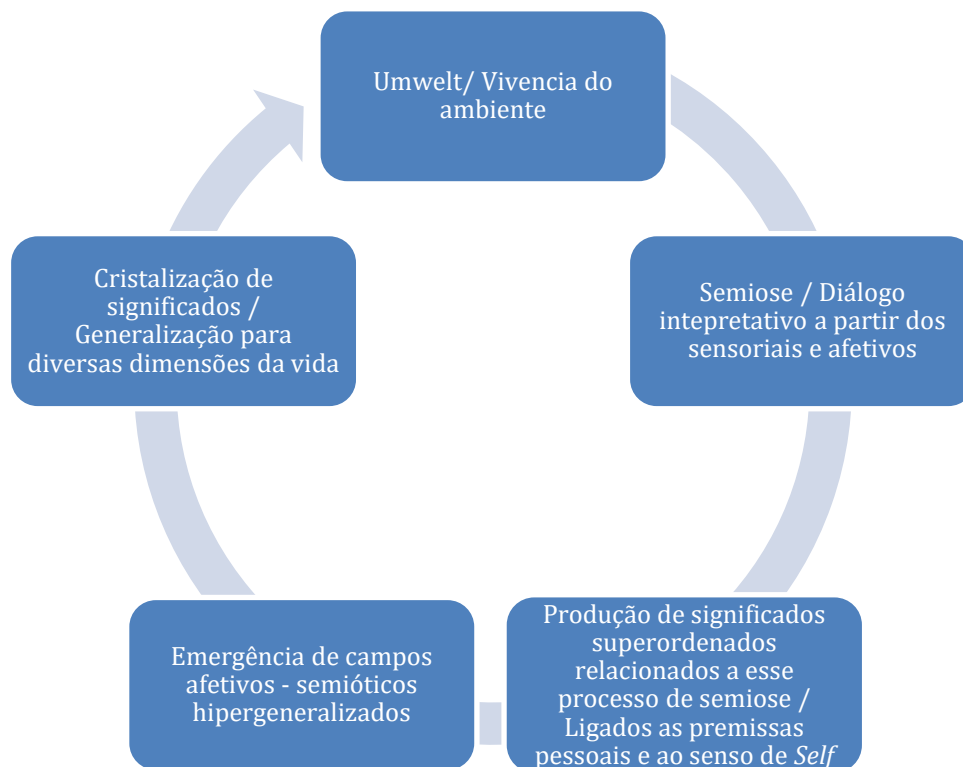
Fonte: O Autor

Portanto, a partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico, pode-se considerar que o sofrimento psíquico diz respeito a modos específicos de semiose, nos quais campos afetivo-semióticos hipergeneralizados são catalisados na relação entre um *umwelt* e as mensagens culturais (Carriere, 2013; Mattos, 2016; Valsiner, 2014b; 2021). Nessa perspectiva, o indivíduo agencia, através dos signos, os afetos que emergem sensorialmente na vivência com o ambiente, tentando dar significado desses afetos surgidos na relação com o mundo (Branco, 2021; Cornejo et al., 2018; Valsiner, 2014a). Os significados superordenados do TSSM emergem justamente desse processo, que tem como base a produção de significações que ocorre na semiose, no qual o indivíduo negocia significados com o ambiente através de signos, regulando suas maneiras de agir, pensar e sentir o mundo ao seu redor (Genarro, 2011; Genarro, et al., 2016).

O sofrimento psíquico seria então um estado psicológico relacionado aos significados superordenados que emergem de maneira rígida na relação bidirecional entre a pessoa e determinado contexto de significação no ambiente. Ele se expressa nos campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, ligados às suas premissas pessoais e que constituem sua identidade pessoal. Por exemplo, se uma pessoa constrói em sua história de vida significados superordenados em que ela tem que ser sempre a melhor e for cursar uma graduação marcada por mensagens culturais que exigem de produtividade, significados relativos à cobrança carregados afetivamente podem ser catalisados. Se em algum momento essa mesma pessoa tirar uma nota baixa, significados superordenados podem emergir relacionando-a a uma pessoa insuficiente, no qual um campo afetivo-semiótico hipergeneralizado em relação à falha e incompetência será constituído nessa situação. Nesse sentido, ela pode generalizar essa questão e se sentir uma pessoa insuficiente em outras situações de sua vida, como, por exemplo, em conflitos em suas relações, no qual é produzido o significado afetivo de que ela “sente sempre estar em dívida com as pessoas”. Essa rigidez traz prejuízos qualitativos na relação entre a pessoa e o mundo, impossibilitando a emergência de outros significados relacionados a si mesmo, ao mundo e aos outros. Ocorre uma cristalização de determinados campos afetivo-semióticos hipergeneralizados, que são catalisados através de aspectos do ambiente que se relacionam com esses significados superordenados (Genarro, 2011; Genarro, et al., 2016; Valsiner, 2021). Esse processo pode ser visualizado na figura abaixo:

Figura 9

Representação de um Modo de Semiose Relacionada ao Sofrimento Psíquico



Fonte: O Autor

Esse é um modelo que leva em conta não somente os fatores culturais e sociais, mas também alterações psicológicas individuais qualitativas do indivíduo e apresenta uma compreensão dinâmica do sofrimento psíquico, por considerar que este fenômeno relaciona-se com as ações e o seu agenciamento no ambiente. É um modo de regulação semiótica, no qual está em jogo a história de vida individual e os contextos culturais no qual a pessoa está imersa e perpassou ao longo de sua trajetória. Desse modo, a partir desse modelo analisa-se situações específicas da vida do indivíduo no qual ele relata estar em sofrimento psíquico através dos signos usados para regular suas ações e dos significados construídos nessa vivência.

Esse tipo de análise empregada neste estudo apontou para diversos aspectos que subjazem o sofrimento psíquico de estudantes universitários. Primeiramente, se referiram a significados superordenados, através dos quais a universidade participou de maneira direta ou indireta como mais um dos contextos culturais das quais a pessoa participa, seja na relação com colegas e professores, nos currículos e no universo simbólico, na transição para o mercado de trabalho etc. Esses pontos foram evidenciados nos estudos sobre o tema (Aurebach et al., 2016; Fonaprace, 2011; Freire et al., 2020; Leão et al., 2019; Ibrahim et al., 2013; Osse & Costa, 2010), na maioria das vezes de maneira causal e sem considerar as significações em nível do

indivíduo. Nesse sentido, cabe considerar o contexto universitário atual que se fundamenta na pressão por formar profissionais para o mercado de trabalho, em detrimento de valores humanistas e relacionais. É importante também ressaltar o contexto de produtividade e de adequação da universidade a uma lógica empresarial e produtivista, fragilizando vínculos e relações humanas (Oliveira et al., 2019).

O aumento do número de diagnósticos de quadros psicopatológicos e de transtornos mentais na vida universitária acompanha também o movimento de transformação nas universidades e de adoção de uma lógica empresarial em seus modelos de gestão ao redor do mundo, tanto no contexto público quanto no privado (Storrie et al., 2010). Com isso, os problemas de saúde mental na universidade ocorrem dentro de um contexto macropolítico e econômico mundial de um aprofundamento no modo de produção capitalista, em que aspectos da vida social são transformados em bens de consumo. A própria imagem de si mesmo entra também nesse raciocínio, no qual o indivíduo passou a ser responsável pelo seu bem-estar, felicidade e sucesso, deixando opaco o sistema de produção vigente no mundo atual (Han, 2017). Diante disso, infere-se que não é à toa que as grandes patologias da sociedade contemporânea envolvem a construção da autoimagem e autoconceito, a ansiedade e a depressão (Freire et al., 2022).

Esse contexto produtivista é expresso nas universidades não somente nos seus currículos e aspectos formais do ensino, mas nas relações e nos diversos aspectos em seu cotidiano, constituindo um sistema simbólico e artefatos culturais que transmitem mensagens culturais nos quais os indivíduos negociam significados (Zittoun, 2018). Outro ponto importante a considerar, além do produtivismo, é a universalização¹⁶ do ensino superior em nível mundial nas últimas décadas. O Brasil, especificamente, embora não tenha conquistado essa ampliação de maneira universal, indica uma abertura maior para públicos que historicamente não alcançavam esse espaço devido às diversas desigualdades sociais. Esse processo é reflexo das lutas sociais em prol da igualdade social ocorridas nos últimos anos, a exemplo dos movimentos feministas e antirracistas (Coulon, 2017; Ressureição & Sampaio, 2018).

Em consonância com o ingresso desse novo público na universidade, vale a pena destacar o conceito de injustiça epistêmica, que consiste em uma cultura institucional no qual rejeita-se o valor do discurso das pessoas devido a preconceitos de classe, gênero, de orientação

¹⁶ Entende-se como universalização quando toda população consegue acessar o ensino superior, sem barreiras econômicas e simbólicas para a entrada. No Brasil, pessoas em situação de pobreza, das classes populares e LGBTQI+ ainda têm barreiras que dificultam sua entrada no ensino superior, destacadamente nas universidades públicas.

sexual e, ou de questões étnico-raciais. Não ocorre uma troca epistêmica, distorcendo a percepção de quem seria confiável ou não para validação de seus saberes (Dazzani, Teixeira, Freire & Filho, 2021). A partir do conceito de semiose, pode-se considerar que a injustiça epistêmica, derivada das relações de poder, pode servir de catalisadora para emergência de significados que desvalorizam saberes ou aspectos ligados a certos grupos marginalizados. Dessa maneira, ocorrem preconceitos que trazem prejuízos na relação entre a pessoa e o mundo, afetando principalmente os significados sobre si mesmo e o grupo cultural no qual o indivíduo está imerso. É importante considerar que, por ser uma relação bidirecional e dinâmica, o ser humano tem um papel importante no agenciamento das mensagens culturais do ambiente (Favareau, 2008).

Esses pontos discutidos, até o momento, puderam ser vistos principalmente no caso de Pantera Negra, no qual o sistema simbólico na universidade, em diversas situações, apareceu como catalisadora em sua experiência de sofrimento psíquico. Os diversos preconceitos, sobretudo os ligados a questões étnico-raciais e de sexualidade que marcaram sua história, emergiam na negociação com mensagens culturais. Desse modo, em diversos momentos, ele alegou que instâncias da sua universidade desconsideravam sua experiência enquanto classe trabalhadora e com histórico familiar vindo de uma situação de pobreza, contribuindo para emergência do sofrimento psíquico. O caso de Carla também expressa essa questão, no qual um evento de violência de gênero estava relacionado com o seu sofrimento psíquico. Algumas situações do contexto universitário deram condições para a emergência de significados ligados ao episódio ocorrido com ela, principalmente na desconsideração do orientador com o trabalho realizado para submissão de um trabalho num congresso acadêmico.

Outro ponto relevante para ser considerado na análise do sofrimento psíquico na universidade é o próprio contexto de patologização de diversas experiências humanas. Assim, as representações sociais sobre o sofrimento psíquico ancoram-se em signos que potencialmente promovem significações relacionadas ao modelo biomédico, constituindo em um modo das pessoas regular e agenciar diversos aspectos afetivos relacionados a um mal-estar psicológico (Sousa et al., 2018). Na perspectiva semiótica, pode-se considerar que, em diversas situações, esses signos abrem campos afetivo-semióticos relacionados a patologias e seus sintomas de maneira estreita, cristalizando e impedindo a construção de novos significados sobre diversos eventos e situações do cotidiano. Trata-se de um processo de semiose marcado por uma falta de movimento (Canguilhem, 2009), no qual o indivíduo regula modos de sentir e agir de maneira rígida com signos referentes a patologias (Valsiner, 2021). Na pesquisa essa questão pode ser compreendida no caso de Júlia, em que o signo “ansiedade”

foi utilizado por ela para dar conta de diversas situações difíceis, como transição para o mercado de trabalho e adaptação a uma nova cidade.

Portanto, questiona-se se o próprio discurso de que a universidade produz patologia também não está contribuindo para o aumento dos diagnósticos de seus estudantes. A relação causal estabelecida entre a vida universitária e os transtornos mentais podem servir como catalisadoras para diversas experiências, nas quais estudantes reconhecem-se a si mesmos como “doentes” (Aurebach et al., 2016; Fonaprace, 2011; Freire et al., 2020; Leão et al., 2019; Ibrahim et al., 2013; Osse & Costa, 2010). É importante enfatizar que o ponto principal não são os diagnósticos em si, mas a maneira como podem ser utilizados cristalizando significações. Com isso, o sofrimento psíquico é entendido majoritariamente como se fosse um problema unicamente individual fruto de um psiquismo “defeituoso” (Leão et al., 2019).

Os casos analisados neste estudo apontaram para o fato de que a universidade catalisou significados que tinham relação com a história de vida da pessoa. Essas significações estavam relacionadas com o *Self*, através dos signos personificados, que são base do *unwelt* e participam desse engendramento de sentidos e significados, e acontecem fenomenologicamente em primeira pessoa (Husserl, 2006; Innis, 2018). Com isso, depreende-se que o sofrimento psíquico tem uma estreita ligação com significados sobre si próprio, que constituem a identidade pessoal do indivíduo emergidos de maneira dinâmica no diálogo interpretativo do sujeito com o ambiente (Innis, 2018). Ressalta-se, diante disso, que este estudo propõe a possibilidade de esboçar uma teoria sobre o *Self* a partir da Psicologia Cultural Semiótica. Nessa linha de raciocínio, esse constructo que consistiria justamente na identidade pessoal e nos signos personificados, que estruturam uma noção semiótica de *Self*, central na regulação semiótica.

Nesse sentido, a partir do que foi discutido, é possível compreender o quanto o contexto universitário tem um lugar privilegiado por ser um contexto de transição desenvolvimental que tem um grande impacto em processos identitários. A vida universitária tem um importante papel de catalisar e promover novos significados sobre si mesmo e o mundo (Carriere, 2013; Deniels, 2016; Ressureição & Sampaio, 2018).

Por conseguinte, pressupõe-se que os signos personificados têm um papel importante no processo de semiose envolvido em situações de sofrimento psíquico (Innis, 2018). Eles promovem significados ordenados rígidos e campos afetivo-semióticos hipergeneralizados cristalizados que inibem a promoção de novas significações (Genarro, 2011; Genarro et al., 2016). Um exemplo são as frases ditas em contextos de atendimentos clínicos em situações de sofrimento psíquico que envolvem a autoimagem pessoal (Freire et al., 2022), como, por exemplo “eu não consigo lidar com isso”, “me sinto muito mal”, “eu sou muito inútil” etc.

A identidade pessoal pode ser considerada a partir de signos afetivos hipergeneralizados que apontam para os valores e ideologias que guiam as ações e as maneiras de sentir e pensar do indivíduo (Mattos, 2016; Valsiner, 2021). Alicerçado na TSSM, é possível ampliar essa concepção com os significados superordenados, que participam da formação do senso de identidade do indivíduo (Genarro, 2011; Genarro et al., 2016). As negociações entre o ambiente e a identidade pessoal são complexos e envolvem ambivalências que, por vezes, trazem uma série de dilemas para os indivíduos (Tateo, 2018).

Desse modo, diante do que foi exposto até o momento, depreende-se que para compreender situações de sofrimento psíquico é preciso conceber significados superordenados catalisados relacionados à identidade pessoal no encontro entre a história de vida e o ambiente. Uma série de campos afetivo-semióticos hipergeneralizados permeiam esses processos, tendo como base uma dimensão fenomenológica e sensorial na experiência imediata. Essa assertiva aponta o caráter multidimensional do sofrimento psíquico, impossibilitando uma apreensão em uma perspectiva linear de causa e efeito.

Nos casos analisados, tem-se como exemplo o sofrimento psíquico de Júlia, que foi engendrado através de significados superordenados relacionados à sua identidade pessoal catalisados com a mudança para uma nova cidade e as diversas relações resultantes desse processo. Nesse caso, a universidade não participou diretamente, mas sim como mais um dos elementos relacionados à chegada dela em um novo contexto cultural, tendo que vivenciar uma série de situações dilemáticas em suas experiências. A insuficiência de recursos de permanência estudantil, dificuldades de moradia e problemas de relação com colegas e uma professora foram situações no processo de semiose que trouxeram uma série de dilemas, entre a forma como vivenciava várias situações, no *umwelt*, e as demandas do ambiente no qual ela estava inserida.

Já o sofrimento psíquico de Pantera Negra envolvia uma história de vida marcada por um campo afetivo-semiótico hipergeneralizado, relacionado ao abandono e uma falta de lugar que participava de sua identidade pessoal. Esses significados foram catalisados no processo de semiose no doutoramento, especialmente através dos recursos simbólicos presentes no espaço universitário. Essas questões foram encontradas em Pantera Negra: campos afetivo-semióticos relacionados à vergonha e ao medo no *umwelt*.

No caso de Carla, um campo afetivo-semiótico hipergeneralizado ligado à limpeza e à sujeira, advindo de sua história de vida, apareceu de maneira intensa no contexto da pandemia de COVID-19 e com conflitos vivenciados nas relações universitárias. Assim, episódios na UFBA e na relação com o orientador deram condições para o que ela nomeou como “crise” surgisse, resultando na consideração do estresse e irritação como características de sua

identidade pessoal. Ressalta-se que a própria pandemia da Covid-19 produziu condições para que significados superordenados e um campo afetivo-semiótico hipergeneralizados relacionados à limpeza<>sujeira fossem produzidos.

A partir do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico, foi possível entender que esses casos indicaram um processo de semiose marcado por uma rigidez de significados superordenados catalisados na semiose, no qual emerge um campo afetivo-semiótico hipergeneralizado cristalizado em determinadas significações, emergentes em diversas situações do seu cotidiano. Ressalta-se que essa rigidez de significado advém da negociação entre estruturas de significação, que são agenciadas de maneira inflexível pelo indivíduo na negociação com as mensagens culturais do ambiente; seja por questões pessoais e, ou do contexto que está imerso. Esses significados fazem parte do processo de agenciamento do indivíduo, no processo interpretativo da semiose; seja nos recursos simbólicos da universidade ou nas relações e demandas do contexto, mensagens sociais foram expressas para os participantes em situações dilemáticas, no qual eles apresentaram dificuldades em agenciar uma ambivalência de significações (Genarro, et al., 2016; Tateo, 2018; Valsiner, 2021). Esse processo trouxe uma instabilidade do ponto de vista psicológico no seu espaço de vida que foi difícil de serem agenciadas pelas/o participantes da pesquisa.

O espaço de vida representa o conjunto de forças psicológicas que motivam e tensionam o comportamento do indivíduo em dada situação, pois ele consiste na totalidade de fatos sociais que compõe um campo no qual a relação entre indivíduo e ambiente ocorre. As forças psicológicas e o espaço de vida são inter-relacionados e consistem nas motivações do comportamento individual de uma pessoa (Lewin, 1939; 1951)

Esse conceito dialoga diretamente com o conceito de semiose, apontando para uma concepção da relação sujeito-ambiente como sempre em relação. Ireland (2005) e Sevilla (2015) apontam para um profícuo diálogo entre esses dois conceitos, especialmente a partir da noção de *umwelt*, que tem uma relação com o espaço de vida de um indivíduo. No *umwelt* apresenta-se uma série de forças que motivam ou inibem o comportamento humano. Assim, as forças no campo de um espaço de vida de uma pessoa podem ser pensadas como campos afetivo-semióticos que emergem na semiose e tem inter-relação entre o ser humano e o ambiente no qual está imerso (Cabell & Valsiner, 2014).

Por conseguinte, o campo de um dado espaço de vida de um indivíduo seria também a representação do processo de semiose de um indivíduo em dado momento de sua vida. As fronteiras e regiões nesse campo são expressas através do conjunto de forças que representam esse diálogo interpretativo entre um *umwelt* e as mensagens culturais (Ireland, 2005;

Sevilla,2015). Compreende-se que é nesse processo ilustrado acima no qual vida psicológica do ser humano, compreendida como *meaning-making*, acontece (Valsiner, 2021).

Essas forças não são harmônicas entre si, pois apresentam uma série de ambivalências que podem trazer situações dilemáticas para os indivíduos (Tateo, 2018). Nesse sentido, Tateo e Marsico (2019) criaram o conceito de *Tensegrity*, que se refere a um princípio organizador em sistemas dinâmicos em constante interação e tensionamento. Assim, ocorre uma coexistência no espaço de vida de uma série de forças endógenas, relacionados à cultura pessoal do indivíduo, e exógenas, que pressionam e tensionam um sistema e são imbricadas com as mensagens culturais do ambiente (Lewin, 1939; Valsiner, 2021).

Esse sistema é composto por uma série de regiões que se inter-relacionam em signos presentes nos diversos ambientes. As bordas e fronteiras dessas regiões ficam em constante tensão, podendo inibir ou promover determinado estado psicológico (Tateo, 2018; Tateo & Marsico, 2019). Nesse sentido, pode-se conceber o conceito de *tensegrity* como um princípio organizador de um determinado espaço de vida e semiose (Ireland, 2005; Lewin, 1939; Sevilla,2015).

Lewin (1939) afirmou que um espaço de vida sem uma delimitação clara entre as regiões e com um constante tensionamento entre fronteiras pode trazer uma instabilidade no campo psicológico de indivíduo. Em termos práticos, essa situação ocorre em momentos no qual uma série de forças antagônicas e opostas se apresentam na vivência de uma pessoa em determinado ambiente e ela tem dificuldades de lidar com as tensões resultantes dessa situação. Depreende-se que a maneira como a pessoa agencia esses tensionamentos pode contribuir com a produção do sofrimento psíquico. Desse modo, o sofrimento psíquico consiste em um modo de regulação semiótica do indivíduo na sua relação com o ambiente.

Esse foi um elemento presente nos casos estudados na pesquisa, no quais o espaço de vida apresentava uma falta de delimitação e permeabilidade entre diferentes regiões da vida dos participantes da pesquisa. A vida universitária por vezes tensionava aspectos da vida do indivíduo, relacionados com sua história e os grupos sociais que frequentava. Um exemplo que ilustra essa situação foi o processo de doutoramento de Pantera Negra, que segundo ele tomava seu tempo de maneira marcante e o impedia de proporcionar uma maior atenção ao seu relacionamento.

Esses resultados coadunam com pesquisas que apontam uma relação entre a dificuldade de gerenciar a vida pessoal e a universitária como um dos fatores ligados ao sofrimento psíquico dos estudantes (Bezerra et al., 2018; Freire et al., 2020). Além disso, esse ponto das fronteiras no espaço de vida pode ter relação com o fato da universidade ser um espaço de promoção de

transição desenvolvimental, promovendo mudanças na identidade dos estudantes, Essas modificações podem trazer um conflito com outros ambientes sociais que frequenta (Ressureição & Sampaio, 2018). A própria ideia de afiliação de Alain Coulon (2017) pode ser pensada psicologicamente como um processo ocorrido na semiose e no espaço de vida do estudante. Nessa perspectiva, afiliar-se ocorreria na semiose e seria um modo de delimitação e inserção das fronteiras da universidade no espaço de vida do estudante.

Dessa maneira, sofrimentos psíquicos que se desdobram em transtornos mentais podem ser considerados como modos de configuração do espaço de vida e da semiose de um indivíduo em determinado momento de sua vida. Nesse sentido, ressalta-se que nem todo sofrimento psíquico constitui necessariamente uma psicopatologia. Existe uma crítica sobre a precisão atual do que seria um transtorno mental a partir da noção de causalidade do modelo biomédico cartesiano, já que psicopatologias diferem de outras doenças na Medicina no qual se tem uma causa definida e delimitada relativa ao funcionamento de algum órgão do corpo humano (Sallet et al., 2023; Sousa, 2017; Vargas et al., 2023).

A própria definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), que tenta fugir de um modelo de ausência de doença ao apontar a saúde como completo bem-estar biopsicosocial, também apresenta problemas conceituais e reifica o que é ser saudável. Para Guimarães-Fernandes et al. (2020), se essa definição for lida de maneira literal, implica que saúde é ausência de sofrimento. A definição do que é um transtorno mental passa também por uma perspectiva filosófica e epistemológica, ponto que é desconsiderado ou posto de lado nos modelos ancorados em uma perspectiva biomédica e cartesiana. Assim, correntes da psicologia clínica que se ancoram no DSM e no CID na definição de seu modelo de psicopatologia deveriam levar em consideração que eles partem de um modelo médico e não apresentam um consenso do ponto de vista conceitual (Sallet et al., 2023; Sousa, 2017 ; Vargas et al., 2023).

Nesse ponto, é importante considerar a discussão de Canguilhem (2009) sobre a diferença entre normal e patológico, que aponta um caminho para definição do que seria um transtorno mental. Ele afirma que ser saudável significa ser capaz de modificar a si mesmo e ao ambiente diante das diversas demandas da vida. Já a doença implicaria uma ausência de movimento, uma cristalização, que reduz a capacidade da pessoa de lidar com solicitações dos diversos contextos que frequenta. Logo, o patológico é uma estagnação que interfere na interrelação entre indivíduo e ambiente (Canguilhem, 2009; Vargas et al., 2023).

Essa definição é parte central do Modelo Cultural Semiótico do Sofrimento Psíquico proposto por este estudo, que parte do pressuposto de que o patológico é uma cristalização no processo de semiose. Esse modelo pode fundamentar uma compreensão apurada, ecológica,

dinâmica, cultural e contextualmente localizada dos transtornos mentais, indicando uma interrelação entre aspectos individuais e do ambiente através do espaço vivido do indivíduo (*umwelt*). Por exemplo, transtornos ansiosos podem ser pensados como um conjunto de significados superordenados catalisados nos contextos culturais que indicam campos afetivo-semióticos hipergeneralizados aflitivos em relação ao futuro. Disso resulta um espaço de vida centralizado em certas regiões relacionadas a essas preocupações, como a escola e trabalho, no qual diversas fronteiras do campo ficam permeáveis em excesso e são tomadas por essas aflições. Já os estados depressivos seriam uma cristalização rígida de significados ordenados na semiose com eventos passados, no qual a pessoa sente culpa ou uma depreciação em relação a si. São catalisadas um conjunto de significados que estabelecem alguma ligação com essas ocorrências. Isso implicaria em campos afetivo-semióticos hipergeneralizados relacionadas ao medo, vergonha e falta de sentido. Desse modo, o espaço de vida consiste em uma rigidez e falta de permeabilidade em regiões específicas, impedindo a movimentação do indivíduo de dar conta de diversas demandas em sua vida (Favareau, 2008; Fuchs, 2007; Genarro et al., 2020; Valsiner, 2020).

Por consequência, aponta-se novamente o caráter multifatorial e dinâmico do sofrimento psíquico, que deve ser visto na totalidade da vida do indivíduo. O Modelo Cultural Semiótico do sofrimento psíquico, proposto neste estudo, é justamente uma maneira de entendimento e atuação no sofrimento psíquico que leva em consideração a relação bidirecional, microgenética e dinâmica as significações produzidas no diálogo entre pessoa e ambiente. A partir dessa perspectiva, o próprio processo clínico psicológico pode ser compreendido como um contexto particular de semiose.

Dentre as diversas problemáticas no campo de pesquisa sobre Psicologia Clínica e as Psicoterapias, uma das principais questões é que não se tem certeza sobre quais mecanismos seriam responsáveis por promover uma mudança no paciente (Philipot et al., 2018; Sousa, 2017). Ressalta-se que a maioria das pesquisas realizadas sobre a temática tem um caráter quantitativo, perdendo de vista que toda relação humana acontece em um plano qualitativo (Sousa, 2017). A criação do TSSM surgiu justamente a partir dessa lacuna nas pesquisas realizadas no campo da Psicologia Clínica, propondo uma visão microgenética do processo clínico psicológico (Genarro et al., 2011).

A partir das considerações deste estudo a partir do Modelo Cultural Semiótico do sofrimento psíquico, é possível compreender que toda relação terapêutica é um processo específico de semiose. Salvatore e Valsiner (2014) afirmam que toda intervenção psicológica clínica tem como ponto principal o tensionamento entre os problemas na vida diária do paciente

e a ciência psicológica, que transcende para o senso comum.

O processo terapêutico é permeado por signos generalizados no meio social do que seria uma psicoterapia e a Psicologia, orientando e regulando as ações do paciente quando ele chega ao *setting* terapêutico. Em vista disso, vale a pena ressaltar o papel que a expectativa que a pessoa tem sobre o processo terapêutico, apontando que o significado pessoal que o paciente atribui a psicoterapia é fundamental. Esses aspectos tem uma correlação significativa com o desfecho positivo do processo psicoterápico, como têm sido evidenciado de forma consistente nos estudos, conforme apontaram Sousa (2017) e Wampold e Imel (2015).

Pode-se considerar então que a própria requisição do paciente ao psicoterapeuta já abre um novo campo de significação. Logo, o processo psicológico clínico pode servir de catalisador para construção de novos significados a respeito de si mesmo, dos outros e do mundo. Assim sendo, o que está em jogo na psicoterapia não é somente o conjunto de técnicas sofisticadas utilizadas na psicologia clínica, que tem importância também no processo terapêutico, mas sim como o psicoterapeuta pode atuar em conjunto com o paciente nessa área potencial que surge na relação terapêutica (Valsiner & Salvatore, 2014).

Por consequência, concebe-se que um processo psicológico clínico promove causação semiótica, no qual as intervenções do psicoterapeuta funcionam como promotores de significação (Hoffmeyer, 2008). Nesse sentido, a relação terapêutica é fundamental para o processo terapêutico, e as significações geradas nesse espaço servem de catalisadores para produção de novos significados. A função do psicoterapeuta seria justamente abrir espaço para efeitos de interpretação na relação terapêutica, auxiliando o paciente a compreender as ambivalências e significados relacionados ao seu sofrimento psíquico nas diversas situações do seu cotidiano (Salvatore & Valsiner, 2014).

Diante disso, o principal mecanismo promotor da mudança no processo psicológico clínico pode ser entendido através do conceito de *scaffolding* semiótico (Wood et al., 1976). A partir da relação terapêutica, a pessoa vai construindo novos significados, e o/a psicoterapeuta lhe ajudaria a ir colocando esses andaimes que estruturariam a construção de novos significados e construção e demarcação de fronteiras entre as regiões no seu espaço de vida (Fuchs 2013; Lewin, 1939). Nesse sentido, a psicoterapia acontece naquilo que Vigotski conceituou de zona de desenvolvimento proximal, auxiliando a construção do paciente de novas significações de diversas esferas da vida no contato com o psicólogo (Hoffmeyer, 2008). Os campos afetivo-semióticos produzidos no processo clínico seriam generalizados para sua vida, auxiliando a lidar com diversas demandas do cotidiano.

Essa proposta coaduna com o modelo de bricolagem para intervenções psicológicas proposto por Smedslund (2012), no qual diversas fontes da/o paciente e de seu grupo cultural são utilizadas pela/o psicóloga/os para desenhar uma intervenção clínica psicológica. Assim, ela se afina com o cotidiano e o contexto no qual a pessoa atendida está imersa, ajudando-a a lidar com diversas situações de sua vida.

Os casos apresentados aqui apontaram para esse efeito a partir dos acolhimentos psicológicos, auxiliando os participantes a abrirem novos campos de significação para situações dilemáticas de suas respectivas vidas; seja para repensar um modo de agir, ver uma situação do passado de maneira diferente ou seja para reconhecer os significados das suas crenças sobre si mesmo, o outro e o mundo. Esses resultados apontam para a importância do trabalho psicológico no ensino superior, não só no âmbito institucional, como propõe a psicologia escolar crítica (Dazzani et al.,2021), mas também no âmbito individual (Freire, 2022).

Portanto, é necessário que a psicologia clínica, a psicopatologia, a psiquiatria e a saúde mental possam promover modelos que pensem o sofrimento psíquico de maneira ecológica, idiográfica, cultural e contextualmente localizadas. Esse é o caso da proposta do Modelo Cultural Semiótico do sofrimento psíquico, que tenta trazer uma maneira de compreender e atuar na psicologia clínica e na saúde mental no geral, levando em consideração não somente a história de vida do indivíduo e a sua singularidade, mas também os contextos culturais que frequenta. Esse modelo também questiona a relação causa e efeito que é feita na maioria das pesquisas sobre saúde mental na universidade, sendo necessário pensar em modelos metodológicos que compreendam fenômenos psicopatológicos em sua totalidade. Ele também amplia o espectro de pesquisa e atuação da psicologia cultural semiótica, propondo um diálogo com a psicologia clínica como uma tentativa de sair do dualismo cartesiano que marca historicamente diversos modelos na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória universitária é considerada um importante período de transição desenvolvimental, no qual existe uma redefinição e ressignificação do/a estudante sobre si mesmo/a e o mundo ao seu redor. Nos últimos 20 anos têm ocorrido um aumento considerável do sofrimento psíquico nessa população, expresso sobretudo no crescimento do número de diagnósticos nesse público. Desse modo, diversas pesquisas têm sido realizadas em diferentes países e regiões do mundo tentando elucidar esse fenômeno (Freire et al., 2020; Storrie et al., 2010; Ibrahim et al., 2013).

Entretanto, a despeito da contribuição desses estudos, possibilitando o conhecimento de uma série de fatores relacionados a esse fenômeno, identificou-se que eles têm uma predominância teórico metodológica quantitativa, com o uso de escalas e questionários. A maioria dele adota um viés quantitativo de prevalência e correlação, ocasionando em uma lacuna relacionado aos aspectos micro genéticos do fenômeno. Além disso, os estudos ancoraram-se em um modelo biomédico do sofrimento psíquico, advindo de uma perspectiva cartesiana e mecanicista que separa a mente e o corpo. Nesse sentido, as psicopatologias seriam resultantes de uma mente “defeituosa” ou disfuncional, em que determinados mecanismos psicológicos não funcionam de maneira adequada. Outra concepção presente em menor grau nas pesquisas sobre o tema indica o ambiente como agente causador do sofrimento psíquico, apontando para uma relação causalística cartesiana expressa por um determinismo sociológico. Assim, constatou-se uma lacuna na temática, relativa aos aspectos microgenéticos e idiográficos do sofrimento psíquico dos/as estudantes universitários.

Nesse sentido, este estudo procurou adotar uma outra perspectiva, propondo um modelo de compreensão do sofrimento psíquico a partir da Psicologia Cultural das Dinâmicas Semióticas (Valsiner, 2021). Essa abordagem concebe a relação entre indivíduo e ambiente de maneira bidirecional, mediada através de signos que engendram significados, orientando as maneiras de pensar, agir e sentir do ser humano. Através do diálogo com o conceito de semiose (Carriere, 2013; Favareau, 2008) e do espaço de vida de Kurt Lewin (1939), este estudo propôs um modelo para compreender o sofrimento psíquico.

Este modelo utiliza os conceitos de *umwelt* (Barbieri, 2008; Jämsä, 2008) e da perspectiva fenomenológica em primeira pessoa (Husserl, 2006) para conceber como o indivíduo faz o diálogo interpretativo com as mensagens culturais do ambiente no processo de semiose. Esse diálogo acontece, sobretudo, de maneira sensorial, fenomenológica e afetiva, na qual a pessoa é afetada por qualidades objetivas dos ambientes. A regulação semiótica desses

afetos através de signos engendra campos de significação que constituem os fenômenos psicológicos ser humano.

Neste modelo, considera-se o ambiente como catalisador de campos de significação, resultante da ambivalência de significações em determinado contexto cultural, no qual o indivíduo tem dificuldade em agenciar. O conceito de catálise na Psicologia Cultural Semiótica (Cabell & Valsiner, 2014) é uma alternativa à causalidade cartesiana. Esse conceito baseia-se na química para pensar certos fenômenos psicológicos. Os catalisadores são signos que promovem condições para inibir ou promover determinado estado psicológico. São catalisados significados superordenados que constituem o senso de *Self* do indivíduo e participam da produção de campos afetivo-semióticos hipergeneralizados.

A partir desse modelo compreendeu-se nos casos estudados que o sofrimento psíquico diz respeito a um sistema que envolve uma relação dialética entre a história de vida do indivíduo e o ambiente. Nessa concepção, os espaços universitários atuaram catalisando determinados campos de significação relacionados às trajetórias dos estudantes. Esses campos resultam nos significados generalizados e carregados afetivamente que constituem a identidade pessoal e as significações sobre o mundo e as outras pessoas. (Genarro, 2011; Genarro et al., 2016).

Nesses casos, foram identificados certos significados cristalizados que traziam dificuldade para pessoa lidar com diversas demandas da sua vida. Além disso, tinha uma ligação com a identidade pessoal, explicitado através dos signos personificados (Innis, 2018). Um ponto que merece destaque é que foi identificada nas entrevistas uma tendência desses significados estarem ligados a signos advindos de uma lógica classificatória alinhada a um modelo biomédico, a exemplo da ansiedade..

No que tange especificamente ao contexto universitário, foi encontrado que o sistema simbólico das universidades, evidenciados no seu cotidiano através do currículo e nas suas diferentes relações, contribuiu para a catalisação do sofrimento psíquico. Por conseguinte, é fundamental ressaltar as mudanças ocorridas no ensino superior nos últimos 20 anos, pautadas em um produtivismo acadêmico que tem esvaziado as relações humanas na universidade. É importante sublinhar também os diversos preconceitos étnico-raciais, de gênero, orientação sexual e de classe presentes na sociedade, e, por consequência, manifestados no contexto universitário.

Todas essas questões expressaram-se em espaços de vida nos quais as fronteiras não têm uma delimitação clara entre diversas regiões da vida do indivíduo, em que a universidade apareceu em algumas situações com uma grande valência e em conflito com outras esferas da existência do participante. Esse processo gerou algumas instabilidades no campo psicológico

deles, resultando em diversos dilemas na sua vida diária, que tiveram dificuldade em agenciar: sejam através da dificuldade de conciliar trabalho ou estudos, lidar com relações advindas da universidade ou com professores, esses pontos tomaram o espaço de vida dos participantes da pesquisa e algumas problemáticas em seus cotidianos.

Portanto, os resultados desta pesquisa apontam para o caráter sistêmico do sofrimento psíquico do estudante universitário. O sofrimento psíquico, portanto, é composto por uma trama que envolve diversos aspectos da história de vida do indivíduo e o seu cotidiano, dos quais a universidade participa em maior ou menor grau como catalisadora. Nesse sentido, aponta-se uma limitação no modelo causalista cartesiano, desconsiderando que a vida do estudante na universidade tem um caráter sistêmico, no qual estão envolvidos a sua trajetória pessoal como um todo e aspectos das instituições universitária.

Indica-se também com a proposta do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico um profícuo campo na psicologia clínica. Apesar de alguns trabalhos realizados terem proposto essa relação entre essa abordagem e essa área, a exemplo de Salvatore e Valsiner (2014), considera-se que existem diversas possibilidades promissoras que podem ser exploradas de maneira profunda e sistemática. A psicologia clínica contemporânea tem passado por uma mudança de paradigma, resultado sobretudo das limitações do modelo biomédico cartesiano que teve a ainda tem uma grande hegemonia nas últimas décadas (Sousa, 2017; Wampold & Imel, 2015).

Resalta-se que devido ao fato do modelo proposto por esse estudo ser uma tentativa de inovação, existem pontos que necessitam de um desenvolvimento em trabalhos posteriores. Ele se afina na nova direção que vem sendo trilhada na psicologia clínica e na saúde mental como um todo, propondo uma visão dinâmica, contextualizada, microgenética, integrando elementos singulares e ao mesmo tempo que são gerais na população, ao passo em que espera contribuir cada vez mais com essas novas perspectivas que estão surgindo, como a psicoterapia baseada em processos e a recuperação social.

Além da compreensão do sofrimento psíquico, uma outra noção desse estudo que não foi aprofundada por divergir dos objetivos dessa pesquisa foi o *scaffolding* semiótico (Hoffmeyer, 2018; Wood et al., 1976). Esse conceito pode ser utilizado para explicar como funciona um processo psicológico clínico, explicitando os principais fatores responsáveis pela mudança do paciente. Assim, indica-se um campo promissor para pesquisas futuras e um possível desenvolvimento de uma perspectiva clínica a partir da Psicologia Cultural Semiótica. Preconiza-se, então, não somente estudos a partir desse modelo com o sofrimento psíquico em universitários, mas em outros contextos como trabalho e família. Além disso, este trabalho

aponta também para a possibilidade de construção de uma teoria do *Self* a partir da Psicologia Cultural Semiótica, que não foi devidamente explorada por não ser tema central do estudo.

No que concerne especificamente à universidade, este estudo indica a necessidade de que as instituições de ensino superior invistam em atendimentos psicológicos para os estudantes, especialmente no formato de intervenções breves (Freire & Hessel, 2023). Além disso, sugere-se que as universidades revejam o seu sistema simbólico, de modo a conseguir incluir os diversos públicos na vida universitária. Aponta-se também que é fundamental repensar o produtivismo na vida universitária, afetando todo o seu conjunto de relações. Apesar da sua função de formar trabalhadores na sociedade capitalista atual, é preciso colocar os valores humanitários e de promoção do conhecimento e da dignidade humana em destaque nos objetivos das instituições de ensino superior.

Com isso, é preciso repensar as políticas públicas de financiamento e de avaliação das universidades. A utilização de critérios de cunho quantitativo e a desconsideração das relações humanas na universidade podem influenciar em diversos casos de sofrimento psíquico. Além disso, é necessária também a ampliação de políticas de permanência estudantil, já que foi identificada nessa pesquisa que ainda são insuficientes diante da demanda atual. Especialmente se for levado em conta públicos marginalizados e que historicamente têm diversas barreiras no acesso ao ensino superior, como pessoas LGBTQI+, de classes populares e em situação de pobreza, mulheres, indígenas, pretas etc.

Por fim, como limitação deste estudo, destaca-se o fato de os estudantes terem sido entrevistados em determinado momento de sua trajetória, portanto, não houve a possibilidade de estudar o sofrimento psíquico numa perspectiva longitudinal. Outra importante limitação diz respeito às dificuldades impostas pela pandemia da Covid-19. É necessária a realização de mais pesquisas que utilizem essa metodologia e o Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico para ampliar teoricamente os resultados aqui encontrados. Pesquisas de caráter longitudinal, que possam ver as transformações do sofrimento psíquico ao longo do trajeto do estudante na universidade serão muito bem-vindas. Destaca-se, também, como limitação a impossibilidade de realizar entrevistas presenciais devido às condições sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19. Sugere-se também a realização de pesquisas clínicas, que possam investigar de forma mais aprofundada o processo de atendimento clínico em si.

Portanto, considera-se que o objetivo geral “compreender a produção de significações na semiose e no espaço em estudantes universitários em situação de sofrimento psíquico através do Modelo Cultural Semiótico de Compreensão do Sofrimento Psíquico” respondido de forma satisfatória. Entretanto, salienta-se que o objetivo específico “Identificar os signos que

catalisam a construção de significados sobre o sofrimento psíquico em estudantes universitários” não foi suficientemente alcançado. Faltaram entender melhor os elementos institucionais microgenéticos que subjazem o sofrimento psíquico. Acredita-se que, com uma metodologia longitudinal, pode-se ter um conhecimento maior dessas questões.

Conclui-se este estudo apontando para a importância dos campos da psicopatologia e psicologia clínica considerarem o sofrimento psíquico a partir de outras perspectivas que diferem do modelo causalista cartesiano. O referencial teórico da Psicologia Cultural Semiótica apresentado neste trabalho visou contribuir para uma resposta a uma lacuna, apontando outros caminhos, junto com outros modelos que estão atualmente em desenvolvimento, para compreender o sofrimento psíquico. Além disso, é preciso refletir e pensar a psicologia clínica além da psicoterapia, apontando para diversas outras possibilidades de pesquisa e intervenção. Com os resultados aqui obtidos, espera-se contribuir não somente com as áreas supracitadas, mas também com a Psicologia do desenvolvimento, da educação e com as políticas de permanência no ensino superior, bem como com a promoção de uma universidade inclusiva e de qualidade.

REFERÊNCIAS

Abramov, D.M; Júnior, C.A.M. (out/ dez 2016, outubro/ dezembro). A psiquiatria enquanto ciência: Sobre que bases epistemológicas suas bases se sustentam? *Psicologia em Estudo*, Maringá, 21 (4), 551-556. Doi: 10.4025/psicoestud.v21i4.30690

Amarante, P. (2007). Saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Andrade, C.C; Holanda, A.F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico – fenomenológica. *Estud. psicol. (Campinas)*, 27 (2). Doi :<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>

Aurebach, R., Alonso, J., Axinn, W., Cuijpers, P., Ebert, D., Green, J., . . . Bruffaerts, R. (2016). Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. *Psychological Medicine*, 46(14), 2955-2970. doi:10.1017/S0033291716001665.

Asworth, P.D., Chung, M.C. (2006). *Phenomenology and Psychological Science: Historical and Philosophical Perspectives*. New York and London: Springer.

Beckstead, Z (2010). Liminality in Acculturation and Pilgrimage: When Movement Becomes Meaningfull. *Culture Psychology*, 16: 383. DOI: 10.1177/1354067X10371142

Branco, A.U. (2021). Hypergeneralized Affective-Semiotic Fields: The Generative Power of a Construct. In: Wagoner, B. Bo, A.C. & Demuth C. (Orgs), *Culture as Process: Tribute to Jann Valsiner* (143-152). Swizerland: Spring Nature.

Benton, S.A; Robertson, J.M; Tseng, W; Newton, F.B; Benton, S.L. Changes in Counseling Center Client Problems Across 13 Years. *Professional Psychology: Research and Practice*, 34 (1), 66-72. Doi: 10.1037/0735-7028.34.1.66.

Brant, L.C & Minayo-Gomez, C. (2004). A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1), 213-223. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232004000100021>

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016*. Normas aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

Bezerra, M. L. O., Siquara, G. M & Abreu, J. N. S. (2018, julho). Relação entre os pensamentos ruminativos e índices de ansiedade e depressão em estudantes de psicologia. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(2), 235-244. Doi <https://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rps.v7i2.1906>
Cabell, K.R. (2011). Presentation at the 14th Biennial Conference of the International Society

for Theoretical Psychology. General theme: Doing psychology under new conditions. Paper presented in symposium on, Transcending models of causality: Charting out the potentials of catalysis in psychology, organized by Kenneth R. Cabell and Kirill Maslov. Thessaloniki, Greece (27 June – 1 July, 2011)

Cabell, K.R; Valsiner J. (2014). Systematic systemics: Causality, catalysis and developmental cybernetics. In Cabell, K.R; Valsiner, J. (Orgs), *The Catalyzing Mind: Beyond Models of Casuality* (1º Ed. 3-16). New York and London: Springer.

Cabus, C. A., & da Luz Matos, R. (2020). Afiliação à pesquisa acadêmica na formação stricto sensu. *Pretextos*, 5(9), 138-158. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22292>.

Calazans, G.J; Pinheiro, T.F; & Ayres, J.R de C.M. (2018). Vulnerabilidade programática e cuidado público: Panorama das políticas de prevenção do HIV e da Aids voltadas para gays e outros HSH no Brasil. *Sex., Salud Soc*, 29, 264- 293. Doi: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.29.13.a>.

Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Carriere, K. (2013). Making a place into a home: The Affective Construction of The Feeling < > Differentiation. *Psychology & Society*, 5 (3), 87 – 103.

Conselho Federal de Psicologia. (2020). *Resolução nº 4, de 26 de março de 2020*. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. Recuperado de <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao&q=04/2020>

Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2020). *Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da Covid- 19*. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientac%CC%A7o%CC%83es-formac%CC%A7a%CC%83o-e-esta%CC%81gios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf

Coulon, A. (2008). *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA.

Coulon, A. (2017, outubro/dezembro). Ofício de estudante: a entrada na vida universitária. *Revista Educação Pesquisa*, 43 (4), 1239-1250. Doi <https://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201710167954>

Cornejo, C., Marsico, G. & Valsiner, J. (2018). I Activate You to Affect Me: Affectivating as a Cultural Psychological Phenomenon. In Cornejo, C., Marsico, G. & Valsiner, J.(Orgs), *I Activate You to Affect Me* (1º Ed. 1 – 14). Charlotte, NC: IAP.

Creswell, J.W. (2010). *Projetos de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.

Cunha, E. O & Dazzani, M.V.M. (2018). A Escolarização de Adolescentes Infratores em Um Contexto de Privação de Liberdade. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, 17, 34-43. Doi: <http://dx.doi.org/10.17921/2176-5626.n17p34-43>

Costa, J.F. (1979). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Costa, I. I. (2007). Família e psicose: uma proposta de intervenção precoce nas primeiras crises de sofrimento psíquico grave. In T. F. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp. 99-136). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Costa, I.I & Ramos, T.C.C. (2018). Primeiras crises psíquicas graves: O que a Fenomenologia pode dizer?. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8 (2), 251 – 264.

Dazzani, M.V.M., Teixeira, A de M.B., Freire, K.E.S., Filho, W.J da S. (2021). Universidade e injustiça epistêmica: uma proposta para a Psicologia Escolar e Educacional. Marinho-Araújo C., Dugnami L.A.C (orgs), *Psicologia escolar na educação superior* (17-32). Campinas- SP: Editora Alínea.

Deniels, H. (2016). Learning in Cultures of Social Interaction. *Revista de Investigación Educativa*, 34(2), 315-328. Doi <http://dx.doi.org/10.6018/rie.34.2.252801>

Di Domenico, V. G. C. & Cassetari, L. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia: uma introdução* (2ª Ed). São Paulo: Edicon.

Dilthey, W. (2008). *Ideias acerca de uma Psicologia descritiva e analítica*. Covilhã: LusoSofia: Press.

Dyson, R. & Renk, K. (2006). Freshmen Adaptation to University Life: Depressive Symptoms, Stress, and Coping. *Journal of Clinical Psychology*, 62 (10), 1231- 1244. Doi <https://dx.doi.org/10.1002/jclp.20295>

Favareau, D. (2008). The Evolutionary History of Biosemiotic. In M. Barbieri (Ed.), *Introduction to Biosemiotics: The new Biological Synthesis* (1-68). Netherlands: Springer.

Feilberg, C. (2019). In deep water University students' challenges in the processes of Self-formation: survival or flight. In L. Tateo (Org.), *Educational dilemmas: a cultural psychological perspective* (1ª Ed. 126-138). Londres e Nova Iorque: Routledge.

Fuchs, T. (2007). Psychotherapy of the Lived Space: A Phenomenological and Ecological Concept. *Am J Psychother.*, 61(4), 423-39. DOI: 10.1176/appi.psychotherapy.2007.61.4.423

Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). (2011). *Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras*. Recuperado de <http://www.andifes.org.br/relatorio-do-perfil-socioeconomico-e-cultural-dos-estudantes-de-graduacao-das-universidades-federais-brasileiras/>

Freire K.E.S., Dazzani M.V.M., & Marsico G. (2020). A saúde mental de estudantes universitários: Uma revisão de literatura integrativa. Santos G.G., Sampaio S.M.R (Orgs), *Observatório da vida estudantil: Interdisciplinariedade e diálogo de saberes* (437-454). Salvador: Edufba.

Freire, K.E.S., Hessel B.R.C.C.B.A., Dazzani, M.V., Marsico, G. (2022). Desigualdade social, adultez emergente e saúde mental: uma análise a partir de um caso clínico atendido em um projeto de acolhimento psicológico. *Rev. bras. Psicoter*, 24(3), 13-26. DOI: 10.5935/2318-0404.20220031.

Freire, K.E.S. (2022). Uma proposta de atendimento psicológico-clínico às demandas escolares. Teixeira, A de M. B., Jacinto, P.M dos S., Dazzani, M.V.M (orgs). *O futuro é meu enquanto eu viver: desafios da psicologia em contextos educacionais*. Salvador: Edufba.

Freire, K.E.S., Hessel B.R.C.C.B.A. (2023). Uma proposta de protocolo para intervenções breves em psicologia clínica. *Psicologia Argumento*, 41(112). DOI: <https://doi.org/10.7213/psicolargum.41.112.AO08>

Fossa, P. (2018). Expressive Dimension of Human Experience and Affectivation Process: A Commentary on Everyday Phenomena and *Affectivating* Section. In Cornejo, C., Marsico, G. & Valsiner, J.(Orgs), *I Activate You to Affect Me* (1º Ed. 193 – 201). Charlotte, NC: IAP

Fisher, S. & Hood, B. (1987, fevereiro). The stress of transition to university: A longitudinal study of psychological disturbance, absent-mindedness and vulnerability to homesickness. *The British Psychological Society*, 78, 425-441. Doi 10.1111/j.2044-8295.1987.tb02260.x

Genarro, A., Salvatore, S., Rocco, D., & Auletta, A. (2016): Deconstructive and Constructive Dynamics in the Clinical Process: A Step Further in the Validation of the Two-Stage Semiotic Model, *Journal of Constructivist Psychology*, 30(2), 105-126, DOI:10.1080/10720537.2016.1183536

Genarro, A. (2011). The Building of Models as Pathway to Understand the Therapeutic Process. *Integr Psych Behav*, 45, 355–365 DOI: 10.1007/s12124-011-9181-8

Gundim, V. A., Encarnação, J. P. da, Santos, F. C., Santos, J. E. dos, Vasconcellos, E. A., & Souza, R. C. de. (2020). SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19. *Revista Baiana De Enfermagem*, 35. <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.37293>.

Hammer, P., Madsen, T. & Tateo, L. (2019). “I see stress in many places around me, but as such, I’m over it”: Understanding psycho-cultural dimensions of university students’ experiences. In L. Tateo (Org.), *Educacional dilemas: a cultural psychological perspective* (1ª Ed. 146-169). Londres e Nova Iorque: Routledge.

Han, B-C. (2017). *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Hayes, S. C., Ciarrochi, J., Hoffman, S. G., Chin, F., & Sahdra, B. (2022). Evolving an idionomic approach to processes of change: Towards a unified personalized science of human improvement. *Behavior Research and Therapy*, 156(104155). Doi: <https://doi.org/10.1016/j.brat.2022.104155>

Hoffemeyer, J. (2008). *Semiotic Scaffolding of Living Systems*. In M. Barbieri (Ed.), *Introduction to Biosemiotics: The new Biological Synthesis* (149- 167). Netherlands: Springer.

Hoffman, S.G; Hayes, S.C; Lorscheid, D.N. (2023). *Aprendendo a terapia baseada em processos: treinamento de habilidades para a mudança psicológica na prática clínica*. Porto Alegre: Artmed.

Holzhey- Kunz, A. (2018). *Daseisanálise: o olhar filosófico- existencial sobre o sofrimento psíquico e seu tratamento*. Rio de Janeiro: Via Verita.

Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: uma introdução geral à fenomenologia pura*. Aparecida –SP: Ideias & Letras.

Ibrahim, A. K., Kelly, S. J., Adams, C. E. & Glazerbrook, C. (2013). A systematic review of studies of depression prevalence in university students. *Journal of Psychiatric Research*, 47, 391-400. Doi <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpsychires.2012.11.015>

Ireland, T. (2015). Spatiality of Being. *Biosemiotics* ,8, 381–401. Doi: DOI 10.1007/s12304-014-9227-7

Innis, R.E. (2018). *Affectivating Signs: On Semiotic Interruptions*. In Cornejo, C., Marsico, G. & Valsiner, J.(Orgs), *I Activate You to Affect Me* (1º Ed. 49 – 72). Charlotte, NC: IAP.

Ionescu, S. (1997). *Quatorze abordagens de psicopatologia* 2a ed. Porto alegre: artes médicas.

Jämsä, T. (2008). Semiosis in Evolution. In M. Barbieri (Ed.), *Introduction to Biosemiotics: The new Biological Synthesis* (69-100). Netherlands: Springer.

Kull, K. (2014). *Catalysis and Scaffolding in Semiosis*. In Cappel, K.R., Valsiner, J. (Orgs), *The Catalyzing Mind: Beyond Models of Casualty* (1º Ed. 111-124). New York and London: Springer

Leão, T.M; Ianni, A.M.Z & Goto, C.S. (2019). Individualização e sofrimento psíquico na universidade: entre a clínica e a empresa de si. *Humanidades & Inovações*, 9 (2), 132- 143.

Lewin, K. (1939). Field Theory and Experiment in Social Psychology: Concepts and Methods. *The American Journal of Sociology*, 44 (6), (868- 896).

Lewin, K. (1951). Behavior and Development as a Function of the Total Situation. In: Kartwright, D (Ed.), *Field Theory in Social Science* (238 – 303). New York: Harper & Brothers Publishers.

Liu, X., Liu, J & Zhong, X. (2020). Psychological State of College Students During COVID-19 Epidemic. *SSRN Journal* (3/10/2020). Doi: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3552814>

Madsen, T; Mihalits, D.S & Tateo, L. (2019). “Well Now we Have Entered University and So On, but?”. Autodialogue and Circumvention Strategies in Reflections about BeingUniversity Student. *Integat. psych. Behave*, 53: 484. Doi: <https://doi.org/10.1007/s12124-019-09478-3>.

Mahafoud, M. (2012). A vivência de um desafio: Plantão Psicológico. In: Mahafoud, M (org). *Plantão psicológico: novos desafios* (17-30). São Paulo: Companhia Ilimitada.

Mattos, E. (2016). A mediação semiótica da "responsabilidade": um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. *Psicologia USP*, 2 (27). Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20160002>

Menegaldi-Silva, C., Hirdes, A., Yamaguchi, M.U., Grossi-Milani, R. (2022). Saúde mental e recursos de enfrentamento em estudantes universitários brasileiros em tempos de pandemia. *Avaliação*, 27 (3). Doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000300013>.

Merrel, F. (2012). *A semiótica de Charles S. Peirce hoje*. Ijuí: Editora Unijuí.

Neto, H.G.R; Messas, G.P. (2016). O diagnóstico psiquiátrico pelo modelo operacional e pela psicopatologia fenomenológica: um paralelo entre os modelos, através de um estudo de caso. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2016; 5(1):22-40. DOI: <https://doi.org/10.37067/rpfc.v5i1.986>.

Neves, M. C. C. & Dalgarrondo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(4), 237-244. Doi <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852007000400001>

Osse, C. M. C. & Costa, I.I.(2010). Jovem universitário e sofrimento psíquico. In: Costa, I.I. (Eds), *Da Psicose aos Sofrimentos Psíquicos Graves* (83-101). Brasília: Gráfica Kako.

Oliveira, R.M.O; Rosa, C.M & Nascimento, A.C.P. (2019). Os grupos terapêuticos como ferramenta para redução do sofrimento psíquico nas universidades. *Humanidades & Inovação*, 9 (2), 144- 156.

Oliveira, E. N., Vasconcelos, M. I. O., Maciel, J. A. C., Almeida, P. C. de, Neto, F. R. G. X., Lima, G. F., Melo, F. V. D., Furtado, J. S., Santos, L. A., & Costa, M. S. A. (2022). “Não vou nada bem”: saúde mental de estudantes universitários no contexto da COVID-19. *Gestão E Desenvolvimento*, (30), 113-135. <https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.2022.11321>

Peirce, C.S. (1972). *Semiótica e filosofia – textos escolhidos*. São Paulo: Cultrix.

Medeiros, M.P; & Zanello, V. (2018) Relação entre a violência e a saúde mental das mulheres no Brasil: análise das políticas públicas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. v. 18, n. 1. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2018.38128>.

Pereira, A. R. P. (2015). *A experiência subjectiva da ideação suicida em estudantes universitários em uma perspectiva fenomenológico-existencial* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Portugal.

Peres, R.S; Santos, M.A. (2005). Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em psicologia. *Interações*, 10 (20), 109 – 126.

Philippot P, Bouvard M, Baeyens C, Dethier V. Case conceptualization from a process-based and modular perspective: Rationale and application to mood and anxiety disorders. *Clin Psychol Psychother*. 2018;1–16. <https://doi.org/10.1002/cpp.2340>.

Rego, A.,Tavares, A.I., Cunha, M.P., Cardoso, C.C. (2005). Os Motivos de Sucesso, Afiliação e Poder: Perfis Motivacionais de Estudantes de Graduação e Pós-Graduação e sua Relação com Níveis Remuneratórios. *Psicologia Reflexão Crítica*, 18 (2). DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200011>.

Ressurreição, S.B. & Sampaio, S. M. R. (2018). The Reconfiguration of the Educational *Self* In: the Context of Higher Education. In G. Marsico & L. Tateo (Eds.), *The Emergence of Self in Educational Contexts: Theoretical and Empirical Explorations* (61-77). Zurique: Springer International Publishing.

Reis, C.F.R. Santos, J.E.F., Bastos, A. C.S.B., Marsico, G., & Rabinovich, E.P. (2018). Encontros afetivos em quintais urbanos: um estudo sobre famílias e sociabilidade no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA. *Ciências Sociais Unisinos*, 54 (1), 60 – 69. Doi 10.4013/csu.2018.54.1.06.

Pinzón, J.H, Sanchez, G.M, Machado, Wagner de L; & Oliveira, M.Z de. (2020). Barreiras à Carreira e Saúde Mental de Estudantes de Pós-graduação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 21(2), 189-201. <https://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2020v21n206>

Rodrigues, J.T. (2020). Angústia e serenidade: a psicopatologia contemporânea em diálogo com Heidegger. Rio de Janeiro, Via Verita.

Samara, E de M. (2002). O que mudou na família brasileira?: Da colônia até a atualidade. *Psicol. USP*, 13 (2). Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642002000200004>.

Sallet, P.C. (2023). História da psiquiatria e classificações dos transtornos psiquiátricos. In: Castellana, G.B; Guimarães- Fenandes, F; Aratangy, E.W; Sallet, P.C (Eds.), *Psicopatologia clínica e entrevista psiquiátrica* (38-88). Santana de Parnaíba (SP):Manole.

Savarese, G., Fasano, O., Pecoraro, N., Mollo, M., Carpinelli, L. & Cavallo, P. (2019). Counseling for university students. In L. Tateo (Ed.), *Educational dilemmas: a cultural psychological perspective* (1ª Ed. 99-111).Londres e Nova Iorque: Routledge.

Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, M. P. B. (2014). *Metodología de la investigación* (6ª Ed.). México: Mc Graw Hill.

Salvatore, S., & Valsiner, J. (2014). Outlines of a general psychological theory of psychological intervention. *Theory & Psychology*, 24(2), 217–232. <https://doi.org/10.1177/0959354314524295>

Sevilla, J.C. (2005). The realm of continued emergence: The semiotics of GeorgeHerbert Mead and its implications to biosemiotics, semiotic matrix theory, and ecological ethics. In: Toorop, P; Mihail, L; Kull, K. *Sign Systems Studies* 33.1. Tartu: Tartu University Press.

Smedslund, J. (2012). The bricoleur model of psychological practice. *Theoretical Psychology*, 5 (22), 645-656. DOI: <https://doi.org/10.1177/0959354312441277>.

Smedslund, J; & Ross, L. (2014). Research-Based Knowledge in Psychology: What, if Anything, is Its Incremental Value to the Practitioner?. *Integrative Psychological Behavior*, 48, 365- 383. Doi: 10.1007/s12124-014-9275-1.

Sousa, D. (2017). *Investigação Científica em Psicoterapia e Prática Psicoterapêutica: Os dados da investigação mais relevantes para os clínicos*. Lisboa: Fim do Século.

Sousa, P., Maciel, S.C., & Medeiros, K.C. (2018). Paradigma Biomédico X Psicossocial: Onde são Ancoradas as Representações Sociais Acerca do Sofrimento Psíquico?. *Trends Psychol*, 26 (2), 883-895. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2018.2-13Pt>.

Storrie, K., Ahern, K. & Tuckett, A. (2010). A systematic review: Students with mental health problems—A growing problem. *International Journal of Nursing Practice*, 16, 1-6. Doi <https://dx.doi.org/10.1111/j.1440-172X.2009.01813.x>

Stallmann, H. M. & Shoshet, I. (2009, julho). Prevalence of mental health problems in Australian university health services. *Australian Psychologist*, 44(2), 122-127. Doi <https://dx.doi.org/10.1080/00050060902733727>

Tateo, L., & Marsico, G. (2019). Along the border: Affective promotion or inhibition of conduct. *Estudios de Psicología*, 40(1), 245- 281. DOI: <https://doi.org/10.1080/02109395.2019.1569368>.

Tateo, L. (2018). Tansegrity as existential condition: The Inherent Ambivalence of Development. Alpert, I., Abbey, E., Valsiner, J. (Orgs), *Trans-Generational Family Relations: Investigating Ambivalences* (3-20). Charlotte, NC: Information Age Publishing.

Uexküll, T.V. (2004). A teoria da *Umwelt* de Jakob von Uexküll. *Galáxia*, 7, (19-47).

Vargas, F.M; Guimarães- Fernandes, F; Castellana, G.B. (2023). O normal e o patológico em saúde mental. In: Castellana, G.B; Guimarães- Fenandes, F; Aratangy, E.W; Sallet, P.C (Eds.), *Psicopatologia clínica e entrevista psiquiátrica* (25-37). Santana de Parnaíba (SP):Manole.

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos de uma psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.

Valsiner, J. (2014a). *An Invitation to Cultural Psychology*. Londres: Sage.

Valsiner, J. (2014b). Breaking the arrows of casuality: The idea of catalysis in its making. In Cappel, K.R., Valsiner, J. (Orgs), *The Catalyzing Mind: Beyond Models of Casuality* (1º Ed. 17- 32). New York and London: Springer.

Valsiner, J. (2021). *General human psychology*. Springer Nature: Switzerland.

Wampold, B. E., & Imel, Z. E. (2015). *The great psychotherapy debate*. New York e London: Routledge.

Wang, X., Hegde, S., Son, C., Keller, B & Smith A. (2020). Sasangohar F Investigating Mental Health of US College Students During the COVID-19 Pandemic: Cross Sectional Survey Study. *Journal of Medical Internet Research*. 2020;22(9):e22817. Doi: 10.2196/22817

Wood, D., Bruner, J. S., & Ross, G. (1976). The role of tutoring in problem solving. *Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 17(2), 89–100. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1976.tb00381.x>

- Zittoun, T. (2018). Symbolic resources and imagination in the dynamics of life. In A. Rosa & J. Valsiner (Eds.), *The Cambridge handbook of sociocultural psychology* (2^a ed., pp. 178-204). New York, NY: Cambridge University Press. doi:10.1017/9781316662229.011
- Zittoun, T. (2012). Life-Course: A Socio-Cultural Perspective. In J. Valsiner (Ed.), *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*, (pp. 513-535). Oxford: Oxford Library University.
- Zivin, K., Eisenberg, D., Gollust, S. E. & Golberstein, E. (2009). Persistence of mental health problems and needs in a college student population. *Journal of Affective Disorders*, 117, 180-185. Doi <https://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2009.01.001>
- Ziyuan, R., Yaodong, X., Junpeng, G., Zheng, Z., Dexiang, L., Roger, C. M.H. & Cyrus S. H.H. (2021). Psychological Impact of COVID-19 on College Students After School Reopening: A Cross-Sectional Study Based on Machine Learning. *Frontiers in Psychology*, 12. Doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.641806>
- Zorzanelli, R., & Banzato, C. E. M. (2020, dezembro). Moving beyond psychiatric diagnosis and the medical framework towards social recovery: an interview with Jim van Os. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(4), 792-814. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n4p792.7>.

APÊNDICE

Apêndice I – Roteiro de entrevistas



Roteiro de entrevistas

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: _____

Raça/Etnia que se identifica: _____

Naturalidade: _____

Onde residia antes de ingressar na UFBA? _____

Curso: _____

Semestre: _____

Período em que realizou o acolhimento: _____

Já foi acompanhado por algum profissional de saúde mental (psiquiatra, neurologista, psicólogo) antes do acolhimento no PsiU?_SIM()_ NÃO ()

Caso tenha assinalado “SIM”, você pode indicar o período? _____

1- O que te levou a procurar atendimento psicológico?

2 – Quais questões te motivaram a procurar atendimento psicológico ? Quando essas questões surgiram? Você poderia detalhar como isso ocorreu?

3 – Em que momentos percebe que essas questões aparecem na sua vida?

4- Como você chegou até o projeto de acolhimento?

5 – Você poderia destacar os principais pontos relacionados à sua vida (pessoal, acadêmica, profissional, emocional...) tratados durante o seu acolhimento?

6 - Como você avalia o acolhimento? O acolhimento que você recebeu trouxe algum benefício para a sua vida? Quais? Poderia tentar descrever como o acolhimento te ajudou a lidar com as tuas questões pessoais?

7. Em que medida as questões que motivaram a tua procura pelo Plantão de Acolhimento têm relação com a Universidade e a sua trajetória universitária? E com o teu curso, professores, colegas e funcionários?

8. Você está sendo acompanhado por algum profissional neste momento? Qual?

9. Como você se sente atualmente? Que expectativas você tem em relação ao seu futuro?

Apêndice II- Termo de consentimento livre e esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Sofrimento psíquico de estudantes universitários atendidos em um projeto de acolhimento: uma análise semiótico cultural”**, desenvolvida por Klessyo do Espírito Santo Freire, discente de Doutorado em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Profa. Dra. Giusepina Marsico.

O objetivo central do estudo é conhecer os principais aspectos relacionados ao sofrimento psíquico dos estudantes atendidos nesse serviço de acolhimento. O convite a sua participação se deve à você ter procurado esse projeto de acolhimento por não se sentir bem ou ser o plantonista que atende no mesmo. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. Só a equipe de pesquisa terá acesso a esse material. Ninguém mais terá acesso ao que foi relatado por você nesses momentos. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre

a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. Devido a pesquisa ser realizada em um projeto da Universidade Federal da Bahia (UFBA), iremos citar a instituição que você estuda ou participa como voluntário. Entretanto, características essenciais que permitiriam sua identificação, como o gênero e o curso que você pertence, serão omitidas.

A sua participação consistirá nos encontros realizados nesse projeto de acolhimento. No caso de você ser atendido nele, serão os encontros que você tiver com os plantonistas que serão devidamente utilizados na pesquisa. Caso você seja o plantonista, serão não somente os encontros, mas também as supervisões de discussão de caso que você participa. Todo material transcrito será armazenado em arquivos digitais e somente terão acesso às mesmas o pesquisador e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de trazer um conforto psicológico decorrente dos encontros, no caso de você ser a pessoa que será acolhida. No caso dos plantonistas, auxiliará no seu processo de aprimoramento profissional. Os resultados dessa pesquisa podem contribuir para o aprimoramento das políticas de assistência estudantis e de atendimento psicológico a discentes universitários, bem como no conhecimento sobre o sofrimento psíquico e os fenômenos psicopatológicos.

Como possíveis riscos de sua participação nessa pesquisa, ressalta-se a possibilidade de os suscitarem algum fato ou temática que cause desconforto psicológico no qual o acolhimento não consiga dar conta. Dessa maneira, para minimizar esse risco o pesquisador responsável estará disponível para acolhê-la e encaminhá-la para os locais devidamente necessários caso seja necessário. Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público, relatórios individuais para os participantes, artigos científicos e na tese.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Klessyo do Espírito Santo Freire, doutorando do programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia e com ele poderei manter contato pelo telefone + 55 (71) 988968233, assim como pelo e-mail klessyo@gmail.com.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia - CEPIPS. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de

proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade”. Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP/IPS) da UFBA

Se desejar consultar o Comitê de Ética:

Rua Aristides Novis, Campus São Lázaro, 197, Federação, CEP 40.170-055, Salvador, Bahia, telefone (71)3283.6457, E-mail : cepips@ufba.br

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep):

Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879

E-Mail: conep@saude.gov.br

Nome e Assinatura do Pesquisador – (pesquisador do campo)

Contato com o(a) pesquisador(a) responsável: Klessyo do Espírito Santo Freire

Tel.: (71) 988968233

E-mail: klessyo@gmail.com

LOCAL E DATA

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Assinarei duas vias, no qual um ficará com o pesquisador e outro comigo.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante: